

O ESPORTE JUIZFORANO E SEU ESPAÇO NA MÍDIA LOCAL IMPRESSA

por

Rosenyr Cristina de Paula

Aluna do Curso de Comunicação Social

Projeto de conclusão do Curso de
Comunicação Social: Orientador
Acadêmico: Prof. Márcio de Oliveira Guerra

PAULA, Rosenyr Cristina de. *O esporte juizforano e seu espaço na mídia local impressa*.
Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2. sem.2005. Projeto Experimental do Curso de
Comunicação Social.

Banca Examinadora:

Professora Nelma Fróes (Professora convidada)

Professor Ricardo Bedendo (Professor convidado)

Professor Márcio de Oliveira Guerra
Orientador Acadêmico

Agradeço, primeiramente, a Deus. Luz do meu caminho.

Ao amigo e orientador Márcio Guerra pela paciência e sabedoria. Seus conhecimentos foram fundamentais nesse trabalho.

Ao professor Ricardo Bedendo que me mostrou que as coisas são possíveis quando queremos, apesar das aparências mostrarem o contrário.

A toda minha família, base da minha vida, fiéis companheiros. Obrigada por participarem ativamente da minha conquista e por acreditam em mim.

Aos meus pais e ao Luiz Fernando, amores da minha vida, obrigada pelo amor, carinho e apoio incondicionais.

A todos os jornalistas, profissionais da área, entrevistados que, gentilmente, me ouviram e me ajudaram nesse trabalho. A vocês, o meu muito abrigada.

E ao esporte, peça fundamenta na minha vida.

SINOPSE

Analisar o caderno de esporte dos dois principais jornais impressos da cidade de Juiz de Fora com o objetivo de verificar o espaço é que destinado ao esporte local nos mesmos. Entender o mecanismo usado na escolha das matérias esportivas que fazem parte desses veículos. Observar se há uma priorização do esporte nacional em detrimento do esporte local nesses diários. Depoimentos de jornalistas atuantes na história recente dessas mídias.

“A área esportiva necessita da comunicação social na mesma medida em que esta necessita do esporte. Trata-se de um casamento de interesses.”

(José Carlos Marques)

“Tem um ditado romano que diz o seguinte: é preferível ser o primeiro na minha aldeia do que ser o segundo em Roma” (Paulo César Magella)

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO

2 - MÍDIA GLOBAL E MÍDIA LOCAL

2.1- Globalização e localismo: existências e necessidades

2.2 -Conceitos e definições empregados aos estudos sobre Mídia Global e Mídia Local

2.3- A aplicação dos conceitos sobre Mídia Global e Mídia Local nos cadernos de esporte nos veículos de comunicação impressa da cidade.

3 - JORNALISMO ESPORTIVO

3.1. Jornalismo Esportivo no Brasil: A evolução da Prática

3.1.1 – E nas páginas do impresso, nasce o jornalismo esportivo

3.1.2 - E o esporte ganha um forte parceiro: O Rádio

3.1.3 – Surgimento da TV. Mais espaço para o Jornalismo Esportivo

3.1.4 – Jornalismo esportivo nos bytes da internet

3.2. Jornalismo Esportivo em Juiz de Fora: Do passado as histórias recentes

3.2.1 – O impresso traz o esporte para seu conteúdo

3.2.2 – Rádio e esporte: em plena sintonia

3.2.3 – Da TV Industrial ao MGTV. O esporte representado na tela da TV de Juiz de Fora

3.2.4 – O esporte ganha destaque em alguns sites da cidade

3.3 – O esporte e o esportista juizforano: O perfil da prática no município

4 – JORNAL TRIBUNA DE MINAS E JORNAL PANORAMA: VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO IMPRESSA EM JUIZ DE FORA

4.1 – A história dos jornais

4.2 - O esporte juizforano e seu espaço nos cadernos de esporte dos jornais Tribuna de Minas e Panorama

4.3 - Análise do atual cenário do Jornalismo Esportivo de Juiz de Fora nos veículos de comunicação impressa

5 – CONCLUSÃO

6 – BIBLIOGRAFIA

7 – ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

Em seu estudo “Esporte e mídia: projeção de cenários futuros para a programação regional e global”, o autor Luiz Alberto Pilatti já dizia que pouquíssimos fenômenos possuem a dimensão planetária do esporte. Inserido nos meios de comunicação, o esporte torna-se um espetáculo sem igual.

Para ele, o esporte apresenta uma espécie de estética que se amolda perfeitamente à mídia, pois possui uma linguagem universal, produzida por regras padronizadas fazendo com que algumas das mais belas obras de arte produzidas pelos diferentes esportes passassem a fazer parte do cotidiano e da memória coletiva da humanidade. A inserção dos esportes nas mídias, seja ela qual for, fez com que as pessoas, praticantes ou simplesmente admiradoras, passassem a fazer parte de um mundo que cresceu de modo impressionante a cada gol ou a cada recorde, principalmente nas últimas quatro décadas.

Na verdade, o que antes acontecia apenas para os espectadores das arquibancadas, foi globalizado, afinal, o produto oferecido é bom. O esporte sempre fascinou e continua fascinando porque é uma verdade absoluta, uma realidade incontestável que acontece diante dos olhos dos presentes. Esporte é confronto, é vontade, é talento, é derrota, é vitória, é a busca do limite e a certeza do inédito. Ele não tem enredo, contagia o mundo com a espontaneidade, dá lucro com a emoção.

Dentro desse contexto, a cidade mineira de Juiz de Fora sempre se destacou no cenário nacional por ser um centro esportivo e um pólo revelador de talentos na área desportiva. São vários os nomes e equipes da cidade que ganharam notoriedade, alcançaram o sucesso e se destacaram. Dentre as diversas modalidades esportivas, podemos citar algumas que têm um campeão Juizforano a representando.

No atletismo, a cidade tem representantes nas maratonas, no arremesso de discos e em outros tipos de provas. No ciclismo, os atletas se dividem nas provas de rua e nas

competições de mountain bike. Além desses, temos os triatletas, os fisiculturistas, os Pugilistas e os amantes dos esportes náuticos.

Juiz de Fora também se destaca nas artes marciais e nas lutas, com atletas renomados no karatê, judô, taekwondo, capoeira, jiu-jitsu, vale-tudo e em outras artes. A Ginástica Olímpica está bem representada, nas categorias do tumbling e do salto, aqui denominadas trampolim e mini-trampolim. Os amantes da velocidade podem se encontrar nas provas disputadas na cidade e região que envolve o barulho das motos e dos carros. Os desportistas do tênis, do tênis de mesa, do hipismo, do futebol de botão e do futebol de salão e, até mesmo, do arco e flecha possuem, em Juiz de Fora, representantes. Isso sem falar nos esportes não Olímpicos, como a bocha, por exemplo, que reúne grande número de admiradores.

Os esportes coletivos também têm força em Juiz de Fora. O vôlei, o handball e o basquete sempre lotam os ginásios. Isso sem falar no futebol que já foi considerado o melhor de Minas. Os “esportes radicais” vêm ganhando, cada vez mais, adeptos e praticantes. Quem nunca ouviu falar nas escaladas, no raffiting, no rappel, no canoísmo e no mergulho realizados na cidade e região?

Porém, o que observamos é que, em Juiz de Fora, existe uma “cultura esportiva” muito mais direcionada para os esportes realizados na cidade do Rio de Janeiro do que, propriamente, para o Estado no qual está inserido ou mesmo para a cidade. Ou seja, os juizforanos demonstram um interesse maior pelos fatos esportivos da cidade carioca do que pelos da sua própria cidade ou região.

Nas páginas dos jornais, os esportes e os desportistas da cidade perdem espaço para o futebol. As modalidades amadoras da cidade não são repercutidas com tanto afincamento tal como o futebol. E, nesse caso, exclusivamente, para os grandes clubes do país, representados pelo futebol do Rio de Janeiro.

É nítida a preferência e a torcida da maior parte da população juizforana pelos times cariocas - Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo -, demonstrando uma relação de abstração, distanciamento, quando comparado com a questão de proximidade representada pelo esporte local. Além disso, podemos citar o desinteresse da grande maioria dos juizforanos pelo atual futebol da cidade. A existência de um clube que tem uma equipe profissional disputando alguns campeonatos não fez com que a paixão pelo time de Juiz de Fora enraizasse no município tão profundamente como a paixão pelos clubes cariocas.

O que se pode perceber é que o esporte local possui um espaço bastante limitado na mídia frente a esse esporte globalizado de alcance nacional e até mesmo internacional. Diante desse fato, verifica-se, ainda, que esse espaço encontra barreiras maiores quando a mídia é a imprensa, uma vez que, nesse suporte, o esporte local precisa achar seu lugar em meio às notícias nacionais de grande relevância e destaque nos cadernos esportivos.

Nota-se, com isso, um desinteresse muito grande por parte da população da cidade em conhecer as práticas desportivas locais e, conseqüentemente, o desconhecimento, por parte do público dessas modalidades. Nesse contexto, faz-se necessário uma maior exposição das pautas relativas ao esporte local para que se tornem notórias as práticas desportivas da cidade e que a população juizforana tome conhecimento dessas atividades.

A hipótese desse trabalho é de que deveria haver mais espaço na mídia local impressa destinado ao esporte juizforano. Verificamos, na mídia local impressa, uma priorização do esporte nacional, nesse caso representado pelos times da cidade do Rio de Janeiro, em relação ao esporte de Juiz de Fora. A análise parte do pressuposto de que, por não haver um grande interesse da população da cidade pelos esportes locais, os veículos impressos do município não disponibilizam o real espaço necessário para o esporte local. E não disponibilizando esse espaço para o esporte local, o mesmo não desperta o verdadeiro interesse nos juizforanos.

Em cima dessa observação, demos início a esse trabalho. Ele pretende analisar, junto às pessoas que vivem o esporte, às que trabalham com o esporte, aos jornalistas que fazem parte da história do jornalismo esportivo da cidade e pessoas que se interessam pelas práticas esportivas, se, realmente, o espaço que é dado ao esporte local nos veículos de comunicação impressa da cidade é restrito e deveria ser maior. Com isso, avaliaremos os argumentos que confirmam ou negam tal premissa.

Para tal análise, não poderíamos deixar de falar sobre os conceitos que são empregados quando se discute a importância da Mídia Global e da Mídia Local num determinado espaço. Entender as denominações empregadas é fundamental para que possamos compreender a necessidade de cada veículo. Esses pontos foram apresentados no primeiro capítulo desse trabalho.

Além de dissertar sobre as denominações a cerca da Mídia Global e da Mídia Local, fizemos um resgate do nascimento do jornalismo esportivo nos veículos de comunicação de alcance nacional e, conseqüentemente, a evolução pela qual passou durante todos esses anos de existência. Esse assunto é abordado no segundo capítulo do projeto.

Como não poderia deixar de acontecer, apresentamos, também, a história do jornalismo esportivo em Juiz de Fora, desde o tempo dos primeiros e pequenos impressos até as grandes páginas dos jornais atuais e das telas da televisão.

E, por fim, mas não menos importante, para falar do cenário atual do jornalismo esportivo em Juiz de Fora, observamos, durante duas semanas, os conteúdos dos dois veículos de comunicação impressa de maior circulação ou de maior alcance local em Juiz de Fora, de modo a identificar prioridades e preferências e a valoração das reportagens por meio dos conteúdos que elas apresentam.

Para isso, além da análise dos jornais, uma série de entrevistas foi realizada com jornalistas que estão fazendo parte dessa história e, também, com aqueles que já passaram por ela, seja contribuindo nos textos dos impressos, seja nas ondas do rádio, seja na tela da televisão.

2. MÍDIA GLOBAL E MÍDIA LOCAL

2.1- GLOBALIZAÇÃO E LOCALISMO: EXISTÊNCIAS E NECESSIDADES

No final do século passado, mais precisamente a partir da metade da década de 80, o mundo passou a viver um fenômeno que estudiosos e especialistas denominaram de Globalização. Essa nova ordem mundial começou a ser experimentada, primeiramente, pela economia, como tentativa de definir o cenário da época, em que as relações de comércio entre os países apresentavam-se mais freqüentes e facilitadas. Posteriormente, a utilização do termo ganhou espaço e começou a ser empregado em outros setores como política, cultura, saúde, educação. Ou seja, segmentos que têm influência direta na vida do Ser Humano.

Não diferente do contexto citado, a comunicação foi diretamente atingida pelas causas e efeitos da Globalização. A informação, que, por exemplo, demorava dias para chegar aos receptores de países distantes ou até mesmo de locais próximos ou vizinhos de onde o fato ocorreu, ganhou nova importância e hoje pode ser repassada em alguns segundos. O mundo passou a ser um só lugar, com o aumento de contatos.

O ideal de aldeia global, de planetarização, de interligação entre os povos, de circulação e de internacionalização de informação chegou às vias de fato. Pode-se saber das notícias na hora em que os fatos estão acontecendo. O ataque terrorista as torres gêmeas nos Estados Unidos ou a invasão dos americanos no Iraque, por exemplo, puderam ser acompanhados, em tempo real, por milhões de pessoas em diferentes partes do planeta. No mundo sem fronteiras, as distâncias são reduzidas. As medidas que definem tempo e espaço não são, hoje, mais determinantes.

No entanto, segundo a jornalista Raquel Paiva¹, toda essa vivência global da informação não significa, necessariamente, ter havido maior conscientização e efetiva participação na solução de problemas sociais. Isto quer dizer que a informação, tendo alcançado seu mais alto grau de rapidez e volume, não propiciou, como se poderia supor, a experiência comum e o partilhamento do real. De acordo com a jornalista, o mundo globalizado não sofre com a falta da informação, sofre pelo excesso, pelo transbordamento de notícias e um grande volume de circulação de informação.

Para ela, o final das barreiras instaura uma nova ordem, onde os limites são absorvidos pela prerrogativa do universal. Tudo passa a ser *trans*, extrapolando seu limite inicial e absorvendo outras áreas e setores. Porém, paralelo a essa idéia, toma impulso o olhar em direção à vizinhança e seus problemas. Os moradores de um mesmo bairro, aqueles iguais com quem a gente se encontra todo dia, fundem-se numa busca de soluções, de melhoria das condições de existência.

Desta forma, podemos perceber que, mesmo neste início de século, quando a comunicação expande, provocada, especialmente, pela circulação cada vez maior das informações, mas também pela globalização e pelo fim das barreiras territoriais, surgem discussões sobre a importância de se manter vivo a idéia da comunicação e do localismo, na busca pelo “menor”, pelo “pequeno”, na tentativa de se fazer presente o convivialismo e a troca das experiências locais.

De acordo com Raquel Paiva, é nesse momento da atualidade que se presencia um paradoxo inquietante: o apogeu da universalização, a proposta do microuniverso. Uma procura que passa a reforçar essa comunidade, aqui representada pela cidade, disposta a erguer-se em favor de seus anseios, a mais chamar seus pares e tornar audíveis seus

¹ PAIVA, Raquel. *O espírito comum*. Comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. 205p.

objetivos. Para ela, nesse momento, vale dizer que propor um pensamento sobre comunicação, hoje, comporta uma abordagem centrada não apenas nas grandes mídias, mas também nas alternativas que se tem de levar a informação às comunidades.

Ainda, de acordo com Raquel Paiva, a proposta da comunicação mais local, voltada para a comunidade, surge como nova possibilidade de socialização (1998, p.13-21). A comunicação, segundo ela, transforma-se, nessa estrutura da atualidade, numa força, cujos limites, estão estabelecidos a partir do colocar em comum, ou seja, comunitarizar a informação. Conseqüentemente, a interpretação do mundo, bem como a interpretação do real, assume um estatuto em que se prioriza o local, o regional, o contato, sem abrir mão do aparato técnico que envolve o indivíduo na aura do despertencimento e nomadismo, próprios da era atual.

Diante dos fatos, o teórico americano Mike Featherstone chamou de “localismos” o desejo de permanecer numa localidade delimitada.

2.2. CONCEITOS E DEFINIÇÕES EMPREGADOS AOS ESTUDOS SOBRE MÍDIA GLOBAL E MÍDIA LOCAL

A valorização do local na sociedade contemporânea é processada pelo conjunto da sociedade e surge no auge do processo de globalização. Até os grandes meios de comunicação de massa, que historicamente sempre deram mais atenção às comunicações de longa distância e aos temas de interesse nacional ou internacional, passam a regionalizar parte de seus conteúdos. Mas, por que ocorre esse novo interesse pelo local?

Segundo Cíclia Peruzzo² a resposta está, justamente, na percepção de que as pessoas também se interessam pelo que está mais próximo, ou pelo que mais diretamente afeta as suas vidas e não apenas pelos grandes temas da política, da economia e assim por diante. As pessoas curtem as benesses trazidas pela globalização, mas não vivem só do global, que em última instância é uma abstração. Elas buscam suas raízes e demonstram interesse em valorizar as “coisas da comunidade”, o patrimônio histórico cultural local e querem saber dos acontecimentos que ocorrem ao seu redor.

Além do conceito do sentimento de pertencimento que envolve a abordagem do tema, podemos entender, também, que é função da mídia local informar sobre as singularidades da região, na tentativa de incentivar e dar maior destaque às pautas locais. A mídia local diferencia-se dos grandes meios de comunicação, principalmente, quanto ao conteúdo. Aquela presta mais atenção às especificidades de cada região, enquanto a grande mídia utiliza como um dos critérios na seleção de conteúdos aqueles assuntos que interessam a um maior número de pessoas possível, o que a conduz para temas de interesse nacional e internacional.

Ainda, de acordo com PERUZZO, devemos dizer, primeiramente, que as tentativas de se compreender as manifestações da mídia local na sociedade contemporânea tem crescido e isso se deve às modificações no cenário dos meios de comunicação, motivadas pela valorização do local, tanto enquanto ambiente de ação político-comunicativa cotidiana, como pela oportunidade mercadológica que ele representa.

De certa forma, podemos entender a mídia local como sendo aquela que se ocupa de assuntos mais específicos da cidade em questão (das vias públicas, tragédias, violência

² PERUZZO, Cíclia M. Krohling. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXVI Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, 2003, Belo Horizonte/Minas Gerais.

urbana, tráfico de drogas, política local, serviços públicos, problemas da cidade, culinária regional, entre outros), além de visar à transmissão da informação.

Para Alain Bourdin³, o local se caracteriza como um espaço determinado, um lugar específico de uma região, no qual a pessoa se sente inserida e partilha sentidos. É o espaço que lhes é familiar, que lhes diz respeito mais diretamente, muito embora as demarcações territoriais não lhe sejam determinantes.

Nas palavras de Renato Ortiz⁴, quando nos referimos ao local, imaginamos um espaço restrito, bem delimitado, no interior do qual se desenrola a vida de um grupo ou de um conjunto de pessoas. Ele possui um contorno preciso, a ponto de se tornar baliza territorial para os hábitos cotidianos. O local se confunde assim, com o que nos circunda, está realmente presente em nossas vidas. Ele nos recorta com sua proximidade, nos acolhe com sua familiaridade. Talvez, por isso, pelo contraste em relação ao distante, ao que se encontra à parte, o associamos quase que naturalmente à idéia de autêntico.

No entanto, até mesmo para os autores que conseguem dissertar sobre o local, existe uma dificuldade muito grande em se definir o tema. Segundo BOURDIN, não dá para definir um objeto local e, principalmente, dar-lhe um contorno territorial preciso. Para o autor, a questão é de relação e inter-relação entre o econômico, o jurídico, o político e os relacionamentos de vizinhança, convivência, etc. O que o autor quis dizer com essas palavras é que o limite do local é muito tênue e a comunicação local não é algo exterior aos processos sociais concretos. São partes constitutivas e constituintes da dinâmica social.

Na visão de Cicília Peruzzo, ao mesmo tempo em que o local indica possuir as dimensões de proximidade e familiaridade, ele não permite ser tomado com contornos territoriais precisos, pelo menos não como conceito universal principalmente na

³ BOURDIN, Alain. *A questão local*. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

⁴ ORTIZ, Renato. *Um outro território*. In: BOLANO, César R.S. (org.) *Globalização e regionalização das comunicações*. São Paulo: EDUC/Editora da UFS/INTERCOM, 1999. 29P.

perspectiva dos meios de comunicação que, com os avanços tecnológicos, podem se deslocar do local ao universal num mesmo processo comunicativo. Desse modo, os elos de proximidade e familiaridade ocorrem muito mais pelos laços de identidades de interesse e simbólicas, do que por razões territoriais, ainda que, em algumas situações, a questão geográfica seja peça importante na configuração da localidade. Embora as demarcações geográficas possam ajudar a configurar o local, no que tange a cobertura e aos efeitos das mídias, elas são imensuráveis, mas se somam às demais singularidades, identidades e diversidades sócios-culturais, históricas, ecológicas, econômicas, de comunicabilidade, etc que ajudam a construir o espaço local.

Essa opinião exposta por BOURDIN e PERUZZO é compartilhada por Raquel Paiva. Segundo ela, apesar de indicarem ordens sociais opostas – a estrutura comunitária e o propósito de globalização – pode-se admitir a existência de pelo menos um elemento de atração entre elas. Porque, mesmo possuindo diretrizes tão distintas, a primeira é freqüentemente invocada no ambiente em que impera, como tendência e sistema vigente, a segunda.

Porém, segundo Paiva, apesar da existência de um fator de atração entre as mídias local e global, essa atração existente entre as duas esferas é considerada, em princípio, contraditória, principalmente, considerando-se que algumas de suas características são conceitualmente diferentes, como por exemplo, a questão do pertencimento territorial.

Raquel Paiva argumenta que, no primeiro caso, quando falamos em mídia local e localismo, os limites do espaço físico determinam que os iguais, os pertencentes à comunidade partilhem as instituições e ordens relativas a aquele lugar que lhes imprimem a marca identificatória. Já no segundo caso, quando se fala em mídia global e globalização, a proposta direciona-se no sentido de eliminar as possibilidades de reconhecimento e identificação. Assim, segundo a autora, é possível reconhecer que, se a atualidade é

norteada pelo propósito da globalização, cada vez mais e com maior vigor invoca-se não apenas o nome, mas, também, as características do ambiente local. Para ela, podemos supor que talvez o indivíduo, ao defrontar-se dentro da globalização com ordens tão variadas, acione uma estrutura que lhe permita reconhecer-se e não ser pulverizado. Desta forma, torna-se importante falar e discursar sobre a ocorrência do localismo.

Dentro deste contexto de valorização do local e do ambiente ao qual a comunidade está inserida, podemos entender como sendo funções da mídia local os conceitos assim definidos por Cicília Peruzzo:

- Ter por objetivo dar a conhecer assuntos de foco local ou regional que, em geral, não tem espaço na grande mídia.
- Explorar o local enquanto nicho de mercado, ou seja, os temas e as problemáticas específicas da localidade interessam enquanto estratégia para se conseguir aumentar a credibilidade e a audiência e, conseqüentemente, obter retorno financeiro.
- Os conteúdos tendem a ser, majoritariamente, parte daqueles tratados pela grande mídia, mas com enfoque local ou regional, como por exemplo, a CPI de uma Câmara Municipal, informes sobre clima-tempo, programas de cunho social bem sucedidos na região, entrevistas com prefeitos e outros membros do poder executivo municipal, entrevistas com vereadores, cobertura de fatos relacionados a hospitais e escolas da região, notas ou campanha de interesse público, questões de meio ambiente, problemas sociais, esporte local, etc.

A noção de local como um espaço restrito e bem delimitado apresentada por Renato Ortiz e citada anteriormente, é vista, pelo autor, como algo relacional. Tanto o

local, como o regional, só podem ser compreendidos na relação de um com o outro, ou deles com outras dimensões espaciais como o nacional e o global. Ele pode mudar suas feições em cada caso. Por outro lado, qualquer uma das dimensões de espaço só se realiza, sob o ponto de vista de suas fronteiras, ou melhor, das pseudo-fronteiras, se colocada em contraposição com o seu contrário. O local só existe enquanto tal, se tomado em relação ao regional, ao nacional ou ao universal. Na outra ponta, o global, como parâmetro de referência, precisa se tornar local para se realizar. Afinal, o ato de consumir é local. O local, embora esteja inserido no processo de globalização, ou seja, vive nele e está sujeito a ele, busca se fortalecer tendo por base as singularidades locais.

Desta forma, é indispensável que se possa avançar no resgate de uma comunicação mais local, voltada para os interesses da comunidade e da divulgação do que é do território. Para Raquel Paiva, isso não significa abrir mão de toda a espacialidade alcançada com o desenvolvimento tecnológico, mas sim sua utilização na melhoria do espaço urbano, como lugar de convivialidade entre sujeitos. Ainda, segundo ela, o entendimento de comunicação local que se persegue é aquele que efetivamente possa comprometer os indivíduos com o exercício de suas cidadanias, que possa permitir-lhes uma atuação no seu real-histórico, podendo transformar, inclusive, suas existências e das pessoas que estão as suas voltas.

2.3. A APLICAÇÃO DOS CONCEITOS SOBRE MÍDIA GLOBAL E MÍDIA LOCAL NOS CADERNOS DE ESPORTE DOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO IMPRESSA DA CIDADE.

Expostos os principais conceitos e definições sobre o assunto, mídia global e mídia local, aplicados por estudiosos e especialista da área, o trabalho em questão visa analisar a

utilização destes no que se refere ao conteúdo esportivo dos jornais impressos de maior circulação da cidade. Estabelecida a direção do processo, torna-se necessário dizer que o esporte abrange várias áreas, públicos e que o tema interessa a vários segmentos. O estudo apresentado por A. T. Kearney na Revista *HSM Management*, *O jogo está começando* (julho 2003), vê o esporte como um setor próspero, que possui um público diversificado em todo o mundo. Para o autor “os esportes se consolidaram como valioso nicho da programação de lazer”. Porém, vale ressaltar que determinado assunto, referente ao tema, interessará mais a um nicho do que outro, uma vez que, este público, estará inserido num determinado espaço que podemos chamar de “local”. Nesse sentido, tentaremos diagnosticar a organização adotada pelas mídias impressas e a importância atribuída às notícias de maneira a priorizar uma divulgação em detrimento de outra. Na verdade, o que o estudo busca revelar é a dinâmica adotada pelos veículos impressos na hora da publicação de suas matérias esportivas.

Essa percepção funda-se na teoria, citada pela jornalista Raquel Paiva em estudo (1998, p.153-156), defendida por Ciro Marcondes de que “o jornalismo comunitário, e conseqüentemente local, é o meio de comunicação que interliga, atualiza e organiza a comunidade e realiza os fins a que ela se propõe”. Segundo ele, a idéia é a de que a comunidade começa a ser mais invocada na medida em que representa uma possibilidade de sociabilidade, uma estrutura de contato, uma vivência real, do comprometimento com o território, com o predomínio de relações mais concretas do que as fomentadas pela abstração e dispersão existentes. Ainda, de acordo com Ciro, quanto mais estreita for a relação entre o veículo e os propósitos e objetivos de uma comunidade, mais seus membros vão estar envolvidos em sua produção e, proporcionalmente, maiores serão sua representatividade e reconhecimento com o veículo.

Raquel Paiva, analisando o perfil dos veículos comunitários e locais, disserta sobre o fluxo da informação. Graças à circulação de dados é possível, segundo ela, compreender a realidade e dispor de recursos que permitam interferir no curso da história, alterando o cotidiano. A idéia moderna de informação não pode restringir-se à existência de um fluxo comunicativo unidirecional. Como passa a ser passível de questionamento a produção veiculada. De acordo com Paiva, essa etapa – de leitura crítica de mensagens – representa o momento em que a comunidade percebe por meio do que é divulgado, diariamente, nos veículos de comunicação existentes, uma falta de relação com sua vida cotidiana.

Para Raquel Paiva, os meios de comunicação locais e comunitários surgem como uma alternativa de resposta prática as necessidades que tem a região de conhecer seus próprios problemas. Dentro dessa ótica, segundo ela, o destaque aos assuntos é dado em função da sua importância para o grupo social, numa relação direta com o cotidiano das pessoas. Além disso, ela ressalta que só pode ser considerada notícia o que interessa diretamente a comunidade em questão.

Com relação à seleção das notícias e informações a serem veiculadas nos meios de comunicação local e comunitário, Raquel Paiva argumenta que, pode-se perceber, dentro da tradicional estrutura da notícia, que só o conceito relativo a proximidade não determina a importância do assunto a ser abordado, mesmo sabendo que o fator proximidade é determinante. Ela ressalta que outros itens como, por exemplo, a influência para a vida dos indivíduos, deve ser levada em conta, também, na hora da escolha das matérias.

Na opinião da jornalista, as notícias nacionais devem ocupar espaço reduzido nos veículos de comunicação destinados ao trabalho da divulgação das notícias locais e comunitárias. Da mesma maneira, recomenda-se que as internacionais restrinjam-se e que sejam relevantes, sendo o ideal relaciona-las à vida da comunidade local.

Para ela, uma abrangência nacional é tudo o que um veículo comunitário e de princípios locais não cogita. Um veículo local, para receber esta designação, necessita estar vinculado a uma comunidade determinada e assim reconhecido. Por essa razão tal conceito:

é oposto ao nacional, que é abstrato e impessoal, onde as pessoas não podem fazer suas queixas diretamente. A mídia nacional não é parte da estrutura da comunicação natural de uma região. Por outro lado, pode-se conceber uma federação de pequenas emissoras regionais, que em tempos difíceis podem entrar em cadeia e chegar assim ao âmbito nacional. No entanto, jamais uma mídia nacional poderá ter agilidade e agressividade suficientes para responder aos problemas duma região. (1998, p.176).

Apesar da existência desse quadro de força e domínio da mídia global em função da nova ordem mundial da globalização, de acordo com Raquel Paiva, atualmente, estão proliferando estudos que vão em direção ao entendimento da validade de uma atuação mais intensa dos municípios. Para ela, estas pesquisas funcionariam como uma possibilidade de resgate do exercício da cidadania, na tentativa de produzir uma forma de socialização capaz de reverter, inclusive, a atomização social. Segundo a jornalista, a argumentação baseia-se na evidência de que os governos locais têm maior legitimidade, em virtude do contato direto com os habitantes.

Ela ainda avalia o fato de que, apesar de o município ser o órgão do Estado mais próximo da população, a tendência que se observa no liberalismo existente é transformar a municipalidade em entidade exclusivamente prestadora de serviços, e não mais um órgão de governo, como instância de representação e de construção política. Segundo ela, devido a planetarização, faz-se necessário repensar o município de maneira a fortalecê-lo culturalmente, capacitando-o para dar conta da multiplicidade, uma vez que o espaço local substancializa-se como lugar de fruição de múltiplas identidades.

No campo da comunicação, Fernando Carrión – citado por Raquel Paiva em seu estudo (1998, p.178-187) - analisa a cidade como vetor da informação. Para ele, enquanto

tal, a cidade deve ser vista como emissora da informação e da notícia. A população, para o exercício de sua cidadania, requer informações e canais de comunicação para atuar. Assim, sendo classificado como receptor. E os municípios, para legitimarem-se, devem produzir informação, assumindo assim a função de produtor.

Dentro dessa ótica, a cidade assume uma condição de promotora de encontros múltiplos, com o objetivo de construir uma diversidade de identidades, de integrar a cidadania e de fazer a socialização e mediação da população. Na visão de Raquel Paiva, a comunicação desempenha papel fundamental no resgate do municipal, considerando o argumento de que parte da crise urbana é causada pela deteriorização dos canais de comunicação. Trata-se de crise que repercute com força na essência da cidade, afetando a qualidade de vida da população. Segundo ela, o panorama é um esvaziamento dos espaços de construção social. São possibilidades que, uma vez desinvestidas pelo poder público, tornam-se inviáveis, deixando de apresentar sua característica básica que é a socialização. Na visão da jornalista, a isso, somam-se, ainda, a precariedade dos canais formais de comunicação e a primazia dos meios de comunicação que, numa inversão, despontam como a única possibilidade de participação do público.

Há quem considere a comunicação elemento essencial para acionar o município. É o caso de Fernando Carrión. Para ele, a comunicação pode promover o resgate da cidadania. Para tanto, segundo ele, há a necessidade de se elaborar um esboço de redefinição do municipal. De acordo com ele, inicialmente, o município tem que ser conceituado como totalidade, já que sua ação refere-se ao conjunto da sociedade local, e não somente aos serviços. Por essa razão, a comunicação é encarada como uma das funções do município, que deve ter poder para deliberar sobre ela. E, numa segunda instância, segundo Carrión, o município deve assumir sua condição de globalidade, já que a inserção nacional e internacional é evidente.

Desta forma, é imprescindível delinear uma comunicação interurbana. E, finalmente, numa terceira esfera, o município precisa recuperar sua condição de proximidade. Na opinião de Carrión, para esse aspecto prevêm-se três mecanismos: O primeiro seria recriar novas formas institucionais de representação que permitam reduzir as distâncias. Segundo, desenvolver propostas de descentralização do aparato do governo municipal e, por fim, ampliar as formas de participação da população no governo local. Assim sendo, Raquel Paiva acredita que esta é uma preocupação para a qual, num mundo de linguagens globalizadas, não se pode virar as costas. Uma alternativa então, segundo ela, seria os veículos comunitários e, assim locais, conseguirem ser responsáveis pela promoção da criatividade, buscando novas formas de abordagem, não se satisfazendo apenas com a repetição do padrão estético em vigor.

Desta forma, essa concepção para a criação de veículos de comunicação comunitária e local torna-se importante na configuração da sociedade contemporânea. Isso porque traz a discussão sobre um ponto até então fundamental ao tratar-se de comunidade – é que a exigência de pertencimento a um território determinado – uma vez que passa a ser considerada uma certa gradação do nomadismo que permeia a atualidade.

Portanto, a idéia desse trabalho. Por acreditar na importância e na penetração da mídia local no cotidiano das pessoas e da população de uma determinada comunidade. Falar a linguagem específica de uma região e abordar os assuntos específicos dessa localidade fazem com que o indivíduo tome ciência do seu redor e passe a sentir mais fortemente o sentimento de pertencimento, tão distante nesse tempo de globalização. Como já citado anteriormente, a mídia local tem como um dos objetivos trazer para próximo o que diz respeito a uma comunidade, no intuito de informar e divulgar o que o território oferece. O que podemos perceber é que, a medida em que surge simpatia e aceitação pelo distante, aqui representado pela mídia global, também surge a necessidade de fechar-se no

pequeno e confortável mundo do local. Isso porque a grande imprensa, de maneira geral, não trabalha as questões locais em suas pautas, porque pretende dar conta do macroespaço.

Raquel Paiva argumenta que, um dos propósitos básicos do ideal de comunidade local é que nela o indivíduo encontra-se ligado, em relação. Deixa de ser aquele ser sozinho que o mundo globalizado produziu e passa a viver a vida dos indivíduos com o propósito de aproximação. A visão de que o indivíduo justifica sua existência a partir da relação com os outros, na medida em que possuem interesses comuns.

A idéia do convívio com o outro, passa pela necessidade que o indivíduo tem de pertencimento à comunidade. O que significa também, na opinião de Raquel Paiva, o seu enraizamento no dia-a-dia do outro, bem como o reconhecimento de sua própria existência e o compartilhar do espaço.

A presença dos veículos de comunicação local na vida de uma comunidade, de uma cidade, de uma população trabalha na relação de conhecimento do outro de se próprio. Saber o que se passa com o vizinho, com o bairro, com um “personagem” da cidade, com o lado cultural do município, etc, faz o indivíduo se perceber, se descobrir e analisar as circunstâncias em que vive. Raquel Paiva diz que, na relação comunitária / local, o indivíduo, ao partilhar da existência, se reconhece na vida do outro. Ela, citando o francês Maurice Blanchot, fala que “se eu quero que a minha vida tenha sentido para mim é necessário que tenha sentido para os outros”. Ou seja, na visão de Raquel Paiva, um fato só tem importância se ele é reconhecido e conhecido pelo outro. Por isso, a importância da existência e trabalho da mídia local. Tornar público o que acontece com a cidade e com o próximo, na tentativa de resgatar os fundamentos de proximidade, territorialidade, sociabilidade, integração e troca de experiência.

3. JORNALISMO ESPORTIVO

3.1. JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL: A EVOLUÇÃO DA PRÁTICA

3.1.1 – *E nas páginas do impresso, nasce o jornalismo esportivo*

Antes de fazer parte dos principais veículos de comunicação do país, o esporte chegou a ser dúvida de aceitação. Personalidades conceituadas, acadêmicos, pessoas ligadas ao jornalismo e às letras, pessoas experientes que viviam de escrever não acreditavam que falar sobre futebol ou sobre remo – esporte preferido das primeiras décadas do século passado – nos meios comunicacionais poderia render assunto e interessar a alguém. De acordo com o jornalista, Paulo Vinícius Coelho⁵, em seu livro “Jornalismo Esportivo”, nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol ou outros esportes fossem assunto para estampar manchetes. Segundo ele, imaginava-se que o esporte jamais estaria nas primeiras páginas de um jornal, por exemplo. Era considerado como assunto menor. Existia um preconceito, compartilhado, até mesmo, pelos profissionais –repórteres, editores e proprietários de jornais - que atuavam na área desportiva.

O jornalista fala que o grande questionamento e pergunta que se faziam, na época, era: Como poderia uma vitória nas raias, ou nos campos, nos ginásios, nas quadras, valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Duvidar, na opinião de Paulo Vinícius Coelho, foi o esporte preferido de muitos (2003, p.8).

No entanto, apesar de tantos questionamentos, o jornalismo esportivo começou a ganhar espaço e importância nas primeiras décadas do século passado. Em 1910, já existia, na cidade de São Paulo, um jornal, chamado *Fanfulla*, que dedicava algumas páginas de suas publicações aos registros sobre o esporte. Para Coelho, tais publicações do jornal da capital paulistas não tinham objetivo de formar opinião, nem tão pouco era um periódico

⁵ COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Comunicação - Jornalismo). 120 p.

voltado para as elites. Era um jornal que pretendia atingir um público que crescia no município: os italianos.

As publicações esportivas da época dedicavam-se, exclusivamente, a comentários despreziosos, além da divulgação dos times da capital que tinham sido formados recentemente. O *Fanfulla*, segundo Paulo Vinícius Coelho (2003, p.8), trazia relatos de página inteira, num tempo em que o futebol ainda não cativava multidões. Coelho explica que as publicações informavam, por exemplo, até as fichas dos jogos do clube dos italianos. Até mesmo dos jogos que não apresentavam muita importância e não faziam parte do primeiro “escalão” dos times da capital, como os que incluíam times de aspirantes palestrinos contra os segundos quadros de equipes do interior. Porém, foi através de um anúncio colocado nas páginas de *Fanfulla*, segundo ele, que nasceu o clube Palestra Itália, o Palmeiras de anos depois. Foi também, nas páginas do *Fanfulla*, que se tem registrado, além do primeiro jogo do Palestra, o primeiro jogo do Corinthians e, ainda, a primeira cesta do Brasil e o primeiro saque.

Na visão de Coelho, não podemos dizer que existia, nas primeiras décadas do século XX, o que chamamos, hoje, de jornalismo esportivo. Mas, foi graças a esses relatos e a esse tipo de iniciativa, que se tem arquivado e registrado os primeiros jogos dos times paulistas.

Foi também no início do século XX, que a cidade do Rio de Janeiro começou a movimentar o cenário nacional, tanto no que diz respeito à economia do país, quanto ao futebol. Foi nessa época, que os jogos dos grandes times da cidade foram ganhando destaque e importância. Conseqüentemente, os jornais começaram a dedicar, a cada dia, mais espaço para se falar de futebol.

Foi assim que, nos anos 30, nasce no Rio de Janeiro, o *Jornal dos Sports*. O primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes do país. Para Paulo Vinícius Coelho

(2003, p.9), o primeiro a brigar contra o preconceito ao jornalismo esportivo que se instalou nas redações dos grandes jornais. O *Jornal dos Sports* registrou em suas páginas a primeira grande crise do futebol brasileiro, consequência da instauração do profissionalismo em 1930, o que causou muita polêmica e discussão.

Enquanto no Rio de Janeiro, o futebol ia ganhando visibilidade e os jornais estavam aumentando seus espaços para a divulgação, em São Paulo, os jornais dedicavam espaços mínimos para o que já parecia ser a grande paixão popular: o futebol. Segundo Paulo Vinícius Coelho, os periódicos liberavam apenas uma coluna para as matérias que incluíam futebol. Isso acontecia, por exemplo, no jornal *O Correio Paulistano e o Jornal Gazeta*.

De acordo com Coelho (2003, p.11), os jornais da época dedicavam aos esportes o espaço que lhes era possível. Ele acredita que não havia, na ocasião, a cultura dos grandes jornais de hoje, com cadernos inteiros dedicados aos esportes. O que existiam eram pequenas colunas que, na opinião de Coelho, se delimitavam assim, mais por questão de espaço do que por falta de interesse. Já para a professora de Educação Física e doutora em Comunicação Social, Vera Regina Toledo Camargo⁶, a explicação para os pequenos espaços nos jornais impressos da década de 30 está no fato de a parceria entre esporte e mídia ser considerada, na época, algo elitista, pois, segundo ela, eram poucos os que tinham acesso às informações do esporte e também às práticas esportivas.

De acordo com a professora, na década de 1930, as edições dos jornais tinham um custo elevado, e a população possuía dificuldades de compreender a mensagem, por falta de instrução, ou porque os termos esportivos da época faziam referências à língua estrangeira, mas precisamente à língua inglesa. Além disso, ela ressalta, ainda, o fato de que o esporte, por sua vez, era praticado somente pela elite da sociedade que tinha acesso à

⁶ CAMARGO, Vera Regina T; CARVALHO, Sérgio; MARQUES, Jose Carlos. *Comunicação e esporte – Tendências*. Coleção NPs. Intercom nº 4. 2005. p. 212.

prática esportiva somente nos clubes ou escolas. Foi só a partir do começo dos anos 40 que o futebol ganhou os relatos apaixonados em espaços cada dia maiores. E isso, especialmente, nos diários cariocas.

No entanto, a visão dos jornais de São Paulo quanto à divulgação do futebol em suas páginas ganha uma nova versão com a chegada, no mercado, do jornal *A Gazeta Esportiva*. A princípio, foi lançado como suplemento, encarte do diário *A Gazeta*. Seu primeiro número circulou em 24 de dezembro de 1928. Mas, em outubro de 1947, *A Gazeta Esportiva* tornou-se um jornal diário de grande sucesso em São Paulo. O jornal existe até hoje, porém, em sua versão eletrônica, em um site na internet.

Com o passar dos anos, revistas e jornais que falavam sobre esporte foram aparecendo e desaparecendo no cenário midiático esportivo do país. No Rio de Janeiro, por exemplo, a *Revista do Esporte*, viveu bons anos entre o final da década de 50 e o início dos anos 60. Isso porque, segundo Paulo Vinícius Coelho (2003, p.9), as publicações esportivas precisavam conviver com a idéia de que só a população de menor poder aquisitivo poderia tornar-se leitora desse tipo de jornal. Conseqüentemente, público de menor poder aquisitivo, significava, poucas vendas dos especiais.

Os grandes cadernos de esporte se incorporaram aos jornais dos principais centros do país, somente no final da década de 1960. Em São Paulo, por exemplo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que deu origem, posteriormente, ao *Jornal da Tarde*. No entanto, desde essa época, até hoje, na visão do jornalista Paulo Vinícius Coelho (2003,p.10), os jornais mais importantes da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram sem dar muita importância. As revistas esportivas, com vida regular, só vieram a existir, no Brasil, nos anos 70. “A Placar” nasceu da euforia do tricampeonato mundial de futebol conquistado pelo Brasil, no México, no mesmo ano. Passados os primeiros problemas apresentados pela revistas, logo nos anos seguintes de

sua criação, *Placar*, foi sucesso de venda nos anos 80. Depois de passar por diversas fases, de estar, por várias vezes, à beira da extinção, de estar às portas do encerramento, *Placar* chegou aos anos 90.

No início dos anos 90, *Placar* viveu de edições especiais até que, em janeiro de 1991, foi anunciada a mudança na revista. A partir de então, a revista passaria a ser mensal sempre com uma edição dedicada a um tema. Segundo Paulo Vinícius Coelho, a experiência durou quatro anos. *Placar* vendia, de acordo com o jornalista, cerca de 40 mil exemplares quando iniciou a trajetória das edições mensais. Depois da Copa de 1994, a revista foi repensada, ganhou roupagem nova e permaneceu com sua periodicidade mensal. Mas, em 1998, ela viveu uma nova crise. E, 2001, *Placar* voltou a ser semanal. Experiência que não deu muito certo, já que em janeiro de 2002, a revista adota um sistema que nós conhecemos até hoje. De acordo com o jornalista Paulo Vinícius Coelho, a *Placar*, de atualmente, não faz mais do que edições especiais esporádicas e não tem mais do que quatro profissionais contratados.

Mas, mesmo com a crise atravessada pelos veículos impressos nos anos 70, principalmente, as revistas, os especialistas e estudiosos consideram que foi a partir da segunda metade dos anos 60, que o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão. Isso porque, como explica Paulo Vinícius Coelho, os cadernos esportivos (2003, p.10) estavam mais presentes e estavam sendo comercializados e publicados em maior volume. O que não significa, na opinião de Coelho, um jornalismo de alta ou baixa qualidade.

O jornalismo esportivo dos grandes veículos de comunicação impressa revelou nomes que jamais serão esquecidos por quem gosta e vive o jornalismo e o esporte. Paulo Vinícius Coelho lembra os colunistas Mário Filho e Nelson Rodrigues (2003, p.17-18)

como dois especialistas em matéria de se fazer entender o futebol por meio das crônicas recheadas de drama e de poesias.

Hoje, além dos cadernos esportivos dos grandes jornais existentes no país, como por exemplo, *O Globo* e *A Folha de São Paulo*, os amantes do esporte e do jornalismo esportivo podem encontrar relatos e matérias de seus times em um jornal específico, destinado exclusivamente ao tratamento dos esportes: *O Lance*.

Nascido em 1997, o jornal *O Lance* levou milhares de novos jornalistas e estagiários à porta do jornal, na tentativa de concorrer a uma vaga na sua editoria. Segundo Paulo Vinícius Coelho (2003, p.26), o diário esportivo foi criado sem compromisso com nada que fosse velho. O objetivo era trabalhar com um olhar mais aberto, veiculado a novas idéias, pronto para atingir um público específico: o que gosta de esporte, sobretudo futebol. *O Lance* está no mercado até hoje.

E está no mercado alavancando altos índices de venda. Paulo Vinícius Coelho afirma que, no período compreendido entre os anos de 1997 e 2002, o diário transformou-se em sucesso editorial. Já em janeiro de 1999, o *Lance* já dava mostras da sua capacidade. Em maio do mesmo ano, vendia mais de 100 mil exemplares, chegando à marca de 120 mil jornais por dia. Mas, foi em 2002 que o jornal se superou. Em 1º de julho de do mesmo ano, um dia após a conquista do pentacampeonato mundial, o jornal vendeu 500 mil exemplares.

Hoje, o jornal o *Lance!* encontra-se entre os dez jornais mais vendidos no Brasil, segundo dados da Associação Nacional de Jornais, ano base 2004. O diário está atrás de importantes nomes como *A Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Extra*, *O Estado de São Paulo*, *Zero Hora*, *Correio do Povo*, *O Dia*, *Diário Gaúcho* e *Gazeta Mercantil*, desbancando em 2004, o então décimo colocado *Diário de São Paulo*. Outro dado importante é que, entre os

jornais classificados como os mais lidos, o diário *O Lance!* é o único, exclusivamente, esportivo.

3.1.2 – *E o esporte ganha um forte parceiro: O Rádio*

Porém, o jornalismo esportivo não se fez presente somente nos veículos de comunicação impressa. Pelo contrário. Foi também nas coberturas do rádio que todos sabiam o que acontecia no cenário dos esportes. O rádio foi um componente muito importante para a popularização do futebol no Brasil. A presença das emissoras de rádio nos estádios de futebol para cobertura e transmissão ao vivo das partidas contribuiu para que o esporte caísse no gosto popular.

Em 07 de setembro de 1922, o Presidente Epitácio Pessoa discursa em uma exposição, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, na comemoração do centenário da Independência do Brasil. O discurso foi transmitido pelas ondas do rádio, pela primeira vez no país. Já a primeira emissora brasileira, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, foi fundada um ano depois, em 1923, por Roquette Pinto e Henrique Morize. E foi na voz de Nicolau Tuma, na Rádio Educadora Paulista, que havia sido fundada em 1923, que a primeira transmissão de um jogo de futebol aconteceu. Foi dele a responsabilidade, segundo o jornalista Márcio Guerra, de transformar uma partida de futebol em espetáculo radiofônico. O ano foi 1931 e a partida, entre as seleções de São Paulo e do Paraná, era válida pelo 8º Campeonato Brasileiro de Futebol.

Mas, de acordo com Márcio Guerra⁷, há quem descorde desses dados e atribua a Amador Santos o título de primeiro narrador esportivo do Brasil, já que, no final da década

⁷ GUERRA, Márcio. *Você, ouvinte, é a nossa meta. A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol*. 1 ed. Rio de Janeiro: Etc Editora, 2002. 90 p.

de 20, no Rio de Janeiro, Amador Santos já fazia suas transmissões. No entanto, como isso envolve paixão e polêmica, não cabe a nós, nesse estudo, entrar nessa discussão.

E, além do futebol, outros esportes começam a ganhar espaço na rádio durante a década de 30. É o caso do boxe e das provas automobilísticas disputadas no circuito da Gávea, no Rio de Janeiro.

Os clubes de futebol, sucesso nessa época, tinham a companhia das emissoras de rádio nos jogos que disputavam. Para a professora Vera Regina, a massificação do esporte e dos meios de comunicação de massa aconteceu efetivamente com a união do futebol de campo com o rádio. Os repórteres acompanhavam as delegações dos times em qualquer parte do país que fossem jogar. A “dobradinha” deu certo e alavancou o íbopo das rádios.

Já a primeira narração esportiva, de uma partida de Copa do Mundo, transmitida para todo o país, pela primeira vez na história, aconteceu em 1938. Na ocasião, Gagliano Neto narrou a partida Brasil 6 x 5 Polônia, da Copa do Mundo da França. A Rádio Clube do Brasil veiculou o jogo de abertura da participação dos brasileiros no terceiro mundial.

Na década de 40, a Rádio Panamericana foi a emissora responsável pela especialização na transmissão esportiva. Ela foi pioneira na criação de um plantão esportivo com a utilização de comentaristas durante os jogos, inclusive um responsável por analisar as atuações da arbitragem, além da criação da figura do repórter de campo, conforme apresentado pela jornalista Cássia Helena Vassão Araújo, em seu estudo “Jornalismo e esporte em Juiz de Fora: os altos e baixos dessa parceria” (pág 12).

De lá para cá, as rádios continuaram a transmitir as partidas de futebol e, no final dos anos 70, as várias emissoras radiofônicas que se espalharam, por todo o Brasil, davam espetáculos nas coberturas esportivas. Em São Paulo, conforme relatou Paulo Vinícius Coelho (2003, p.28), o que não faltava era opção. Além das já conhecidas e tradicionais *Rádio Globo* e *Tupi*, outras como *Jovem Pan*, *Record* e *Bandeirantes* faziam sucesso junto

ao público. Já no Rio de Janeiro, havia 7 ou 8 emissoras de rádio que competiam pela audiência. Isso sem falar da concorrência que existia entre os principais locutores. Na visão de Paulo Vinícius, a rádio revelou nomes importantes, como dos narradores e locutores Waldir Amaral e Osmar Santos, por exemplo.

No entanto, Coelho analisa que, em pouco mais de vinte anos, a importância e a penetração da rádio caíram a tal ponto que o mercado se espremeu a três grandes emissoras em São Paulo e a duas no Rio de Janeiro. Na sua avaliação, as rádios mudaram porque as cotas de patrocínio migraram para as outras mídias, como a TV e a internet. O radiojornalismo esportivo até se modernizou para acompanhar e se manter à frente desse panorama de evolução pela qual passou os veículos de comunicação. Mas, os custos das transmissões de jogos de futebol foram aumentando com o passar dos anos e, sem as cotas de patrocínio que ajudaram a Rádio a ganhar popularidade nos anos 30, ficou difícil, na visão do jornalista, manter o mesmo padrão observado nas primeiras décadas do século XX.

3.1.3 – Surgimento da TV. Mais espaço para o jornalismo esportivo

Já a segunda metade dos anos 50, do século passado, foi marcada pelo surgimento da televisão. Na noite de 18 de setembro de 1950, entrava no ar a TV Tupi, canal 3 de São Paulo. No ano seguinte, é a TV Tupi, do Rio de Janeiro que aparece. No entanto, foi somente a partir da década de 60 que a televisão deixa de ser um objeto de luxo para se tornar uma ferramenta popular. Nessa década, já existiam 15 estações de televisão no país, principalmente, nas capitais.

De acordo com a jornalista Cássia Araújo⁸, o primeiro programa esportivo na televisão foi o “Mesa Redonda”, criado em 1954, com apresentação de Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida, na extinta TV Tupi. Mas, o esporte não era esquecido, também, pelas outras emissoras. Na TV Rio (inaugurada em 1955) aos domingos, as famosas lutas de boxe levaram a emissora ao primeiro lugar na audiência em 1956, com o programa “TV Rio Ring”. E, em 1970, pela primeira vez no Brasil, uma Copa do Mundo foi transmitida ao vivo. Desde então, teria início uma parceria destinada ao lucro milionário. Para se ter uma idéia da grandiosidade da união esporte e televisão, foi registrada uma audiência global de 37 bilhões de telespectadores durante a copa da França, em 1998.

Desde o seu nascimento, passando pela sua popularização, a televisão sempre mostrou uma relação e uma correspondência com o esporte. A transmissão dos eventos esportivos pela tela da TV ganha uma proporção mágica para os telespectadores e pode significar ganhos para as emissoras.

A televisão lucra com as transmissões esportivas, principalmente, os jogos de futebol dos principais campeonatos do país. Já no final dos anos 50 e início dos anos 60, a TV Continental – a terceira emissora de TV no Rio de Janeiro - canal 9, já transmitia jogos realizados no Maracanã e dedicava boa parte de seus conteúdos aos programas esportivos. No final dos anos 80, a briga pela audiência dos canais esportivos ficava por conta das TVs Record e Bandeirantes, já que a Record detinha os direitos de transmissão nos anos 70 e a Bandeirantes, que se intitulou o Canal dos Esportes, passou a tê-los, nos anos 80. Foi de exclusividade da Band a transmissão dos jogos do Campeonato Brasileiro de 1986 a 1993, como relatou Paulo Vinícius Coelho em seu livro *Jornalismo Esportivo* (2003, p.64). Elas

⁸ ARAÚJO, Cássia Helena Vassão. *Jornalismo e esporte em Juiz de Fora: os altos e baixos dessa parceria*. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2 sem. 2003. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

disputavam a liderança e a maior visibilidade em tempos de cobertura esportiva. Hoje, a liderança e o direito de exclusividade da transmissão pertencem a TV Globo.

O monopólio dos esportes, hoje em dia, principalmente o futebol, é global. A força da marca globo faz com que o esporte nas telas deixe de ser um espetáculo para se tornar um show. A TV Globo tem os direitos exclusivos de transmissão do Campeonato Brasileiro desde 1995, segundo o jornalista Paulo Vinícius Coelho. E faz desse poder o que quer. Determina os horários dos jogos de acordo com a sua programação. Não importa se a partida vai ser realizada num sol escaldante ou à noite, durante a madrugada. A emissora escolhe os jogos que compra e decide se quer ou não transmiti-los. O que interessa é encaixar esses eventos no horário que lhe renda mais audiência.

Um exemplo desse poder, citado pelo jornalista, faz referência a transmissão dos jogos do Brasil na Copa do Mundo de 2002. Segundo Paulo Vinícius Coelho, durante a Copa, a Globo – que detinha os direitos exclusivos de transmissão - cedia apenas 90 segundos de imagens para as emissoras que não tinham direito de transmissão. E só fazia isso depois da exibição do *Globo Esporte*, seu programa diário de informação esportiva que vai ao ar às 12h40min. Os direitos de exibição para aquelas receptoras, de acordo com o jornalista, também terminavam 24 horas depois da cessão das imagens. O que representava que ninguém mais poderia mostrar lances do mundial pelo resto do dia. Esse exemplo, da Copa do Mundo de 2002, é só mais um que demonstra o poder exercido, atualmente, pela Emissora carioca.

Na opinião de Paulo Vinícius Coelho, o jornalismo esportivo feito pelas TV, hoje, deixou de ser, simplesmente, a cobertura dos fatos para se tornar exposição e show. A grade de programação das principais emissoras do país, conta, hoje, com programas específicos sobre esporte, os quais conseguem alavancar boas médias de audiência.

No ramo das transmissões via televisão, entra em cena, em 1991, as emissoras de TV a cabo, as televisões por assinatura. Essas também foram e são responsáveis pelas transmissões de importantes jogos das competições nacionais e internacionais, nas mais diferentes atividades esportivas, além da manutenção de programas diários que abordam o assunto. Nesse segmento, destacamos os canais SporTV, ESPN Brasil e a extinta PSN.

3.1.4 – Jornalismo esportivo nos bytes da internet

Mas, a grande novidade no que se refere à prática de se fazer e divulgar o jornalismo esportivo ainda estava por aparecer. A internet surgiu no país, em abril de 1989, por meio de uma iniciativa pioneira da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo. Nos anos seguintes, o acesso à internet começou a ser liberado para instituições, órgãos governamentais, entidades, ou seja, a ferramenta era pouco conhecida e utilizada.

E foi, a partir da segunda metade da década de 90, que a internet ganha notoriedade no Brasil e começa a fazer parte dos hábitos dos brasileiros. Até então, os sites já existiam nos Estados Unidos e na Europa, mas não eram importantes, o suficiente, para se tornarem negócios lucrativos. Foi a partir da segunda metade da década de 90 que o jornalismo esportivo, acompanhando a evolução da internet, cresce e assume um perfil cada vez mais profissional na grande rede. Os sites, cada vez mais especializados, se “organizam” e disponibilizam, a cada dia, uma gama maior de conteúdo. O jornalismo esportivo ganha destaque nos sites multi-conteúdos e ganha, também, seu espaço reservado nos sites próprios desse assunto. Além de informações sobre os clubes, os sites esportivos ganham, cada vez mais, notícias e matérias sobre os esportes, os atletas, etc.

E esse fenômeno foi o causador da demissão de inúmeros profissionais da área do jornalismo esportivo que, anos trabalhando para conceituados jornais impressos, largaram

tudo para viver a aventura de escrever para sites e portais que falavam sobre esporte, sobre futebol. Sites dos mais diversos assuntos começavam a surgir e tiravam profissionais e gente das mais importantes redações do país (2003, p.59).

Segundo Paulo Vinícius Coelho, os atrativos para embarcar nessa nova viagem eram diversos. A começar pelos salários, que eram altíssimos, se comparados com os valores pagos nas redações dos jornais e revistas. Chegavam a três ou quatro vezes mais.

Além dos novos sites e portais que estavam sendo criados, os próprios jornais e revistas começaram a desenvolver os seus próprios vínculos virtuais com os leitores. Assim, a Folha de São Paulo produziu seu site, como também, o diário esportivo *O Lance*, que criou o seu portal. Mas não só os sites das empresas jornalísticas ganham espaços cada dia maior em suas páginas. Os sites oficiais dos clubes e até dos próprios jogadores estavam atraindo os internautas.

Porém, de acordo com Coelho (2003, p.61), a febre da internet como veículo promissor e de grande penetração, durou pouco no Brasil. A festa acabou no início de 2001. A fuga dos investidores provocou uma retirada em massa das redações de todos os veículos ligados à internet. Os bons profissionais, que tinham deixado o mercado para ingressarem nos veículos relacionados à internet e que não estavam mais sendo explorados, estavam encontrando dificuldades para retornar às grandes redações.

Na análise de Paulo Vinícius Coelho, a instabilidade com que a internet passou pelo mercado editorial do Brasil causou graves estragos para os jornalistas consagrados. Muitos perderam o emprego, muitos ainda procuram meio de voltar para o mercado de trabalho, tão concorrido antes das demissões de 2000 e 2001.

Hoje, os sites são realidade para a prática do jornalismo esportivo. Os clubes, as empresas jornalísticas que trabalham com o esporte, os profissionais da área, todos,

necessitam da internet e de sua disponibilidade. Porém, com muito menos fervor do que aquele do final da década de 90.

3.2. JORNALISMO ESPORTIVO EM JUIZ DE FORA: DO PASSADO ÀS HISTÓRIAS RECENTES

3.2.1 – O impresso traz o esporte para seu conteúdo

O século era o XIX, mais precisamente, em 1870. A cidade mineira de juiz de Fora ganha, na segunda metade do século, a primeira expressão da imprensa escrita. Surge, em substituição ao “O Constituinte”, o jornal “O Imparcial”. No entanto, os dois veículos não tiveram vida longa e não duraram por muito tempo, vindo a encerrarem suas atividades no mesmo ano.

Em 1871, o jornal “o Pharol”, fundado em 1867 na cidade de Paraíba do Sul, é transferido para Juiz de Fora e se torna o mais importante jornal da época. Foram mais de 70 anos de existência. Dias dedicados a registrar o desenvolvimento e o progresso de Juiz de Fora. O veículo passou por diversas reformulações durante o período que circulou. Mas, teve que presenciar os difíceis anos da ditadura de Getúlio Vargas. Não conseguiu sobreviver aos anos duros de repressão e fechou suas portas em 1939, conforme observou a jornalista Cássia Araújo (2003, p.20).

Depois de “o Pharol”, outros vários jornais apareceram no município. O jornal “Diário de Minas”, por exemplo, e o “Correio de Minas” significaram fortes veículos da imprensa mineira.

Segundo a jornalista Cássia Araújo (2003, p.21), nessas primeiras publicações juizforanas, entre o final do século XIX e início do século XX, as notícias de esportes eram

raras. Ela analisa que, no primeiro mês de “O Pharol”, por exemplo, nenhuma linha foi dedicada ao tema e, mesmo quando o esporte passou a ser um assunto publicável, poucas linhas eram dedicadas a ele. De acordo com a jornalista, a resposta está no simples fato de que, naquela época, o esporte era um fenômeno ainda muito particular. Ainda não havia se tornado público.

O tempo seria, então, o responsável pela popularização do esporte, passando do privado pra o público. Assim, a partir do momento que foi ganhando interesse, praticantes e observadores, o esporte adquiriu importância no cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, foi fazendo parte dos noticiários.

Interesse e importância observados nas principais páginas do jornal “Diário Mercantil”, em 1912. Como a imprensa escrita já fazia parte da história da cidade desde o século XIX e, a cada dia, ia ganhando destaque, o veículo registrava as primeiras informações sobre esporte e sobre modalidades esportivas no corpo de suas publicações.

De acordo com Cássia Araújo (2003, p.22), em 28 de janeiro de 1912, apenas cinco dias depois da fundação do “Diário Mercantil”, a primeira notícia sobre uma atividade esportiva foi divulgada. As informações, segundo ela, eram sobre tiro aos pombos, esporte praticado na época. As notícias sobre o esporte eram publicadas, segundo a jornalista, na seção “Divertimentos”, durante todo o primeiro mês de sua circulação. Era comum ver as notas esportivas juntas com as informações sobre teatro e cinema. E, em fevereiro de 1912, ou seja, quase um mês depois do início das práticas do Diário Mercantil, o esporte teve seu espaço, pela primeira vez, na capa do jornal. De acordo com a análise de Cássia Araújo, a matéria não aparecia como manchete, mas estava disponibilizada no canto inferior direito da primeira página. O assunto da vez era aula de esgrima.

Ao todo, segundo estudo da jornalista, no primeiro mês de publicação do jornal “Diário Mercantil”, apenas 53 linhas foram destinadas ao esporte, numa estrutura gráfica de quatro páginas por edição, divididas em cinco colunas cada uma das páginas.

Com o passar do tempo, além do tiro aos pombos e das aulas de esgrimas, outros esportes começaram a despertar interesse para as publicações no Diário Mercantil. Seguindo a tendência nacional, o futebol aparece como realidade na cidade e os primeiros clubes e times do município são criados, no início do século XX. E, já em setembro de 1912, a primeira partida entre Tupi e Tupinambás foi registrada pelo jornal, também na seção *Divertimentos*. Na época, notas simples que não informavam nada mais do que os times que disputavam a partida, o local do jogo, o placar e a escalação.

Nomes importantes começam a surgir no cenário do jornalismo esportivo de Juiz de Fora. Um deles, como lembrou a jornalista Cássia Araújo (2003, p.24), é o de Arides Braga. Segundo o jornalista Márcio Guerra, Arides Braga assinou, por muitos anos, a coluna *Sedira* (Arides escrito de trás para frente). De acordo com Márcio Guerra, ele foi um dos pioneiros no jornal. A jornalista Cássia Araújo acrescenta que Arides Braga foi editor de esportes e redator do Diário Mercantil e Diário da Tarde, além de fundador e presidente do Centro de Cronistas Esportivos do Sindicato dos Jornalistas Profissionais. Desde 1930 tinha uma coluna diário no Diário Mercantil. Ele foi, segundo a jornalista, o primeiro cronista esportivo da Rádio Sociedade de Juiz de Fora. E, em janeiro de 1951, foi nomeado para o cargo de diretor da Comissão Municipal de Desportos, sendo o primeiro desportista a ocupar um cargo público da Comissão, recém-criada pelo então prefeito Dilermano Cruz Filho.

Além desse colunista e pioneiro na área, a jornalista Cássia Araújo lista outras personalidades de destaque no campo do jornalismo especializado em esporte, como o Mário Helênio, Márcio Guerra, José Renato Batista, João Batista de Paula, Ronaldo Dutra

Pereira, Dirceu Costa Ferreira, João Carlos Gonzaga, Marcos Nasser e Luiz Antônio Magri.

O jornal “Diário Mercantil” circulou em Juiz de Fora até 1983, ano em que encerrou suas atividades. Conforme observado pela jornalista Cássia Araújo, no mês de novembro, na última publicação, cerca de 18.288 linhas foram destinadas ao esporte, em um jornal com média de 12 páginas, tendo em cada uma delas, seis colunas. Em seu estudo, Cássia avalia:

No referido mês, percebe-se que o esporte não estava mais destinado a apenas figurar no jornal. Mas passa a ser editoria importante. Tão importante como uma editoria de economia ou de política. (2003, p.25)

Assim, o esporte de Juiz de Fora passa a ser “explorado” e ganha destaque nos jornais impressos da cidade de maneira a equiparar com as editorias ditas nobres.

No primeiro ano da década de 80, o jornal Tribuna de Minas nasce em Juiz de Fora. Mas deste impresso falaremos mais tarde, em um capítulo específico. O jornal que apareceu na década de 90, e que é encontrado nas bancas de Juiz de Fora até hoje, foi o “Diário Regional”. Mais precisamente, em 12 de julho de 1994, surge, no mundo jornalístico do município e da região, o mais novo diário, sob comando de Josino Aragão, empresário da área de comunicação e de educação de Juiz de Fora.

Nas publicações do Diário Regional, o esporte sempre teve espaço. Algumas vezes mais, outras vezes menos. Na edição número zero, conforme relatou Cássia Araújo em seu estudo (2003. p.30), as práticas esportivas contaram com um pequeno espaço na capa do jornal, com uma pequena manchete sobre a seleção brasileira. Nas páginas internas, além da informação sobre a seleção brasileira de futebol, havia uma matéria que falava dos times do Tupi e do Sport e outras sobre as escolinhas de futebol do Manchester.

A jornalista ainda observa que, o espaço destinado ao esporte no jornal Diário Regional não era muito grande e, geralmente, as notícias eram vindas de agências de notícias. Fato que não mudou muito nos últimos anos. As páginas de esporte do jornal continuaram, durante alguns anos, sendo preenchidas com informações vindas de agências de notícias. Hoje, o jornal não tem mais seu caderno de esporte. O esporte e as notícias esportivas foram retirados das páginas do jornal Diário Regional.

Em 2003, surge no mercado um novo jornal, integrante da Organização Panorama de Comunicações. O Jornal Panorama chega às bancas também com uma política de destaque a editoria de esporte. Mas esse veículo nós vamos estudar em um capítulo à parte, mais adiante.

3.2.2 – Rádio e esporte: em plena sintonia

Mas, não foram, somente, as páginas dos jornais impressos que fizeram a história do jornalismo esportivo em Juiz de Fora. A trajetória dessa profissão e dessa paixão deixou marcas pelas ondas do rádio. E, por sinal, significativos e importantes registros.

A décima emissora do país e a segunda do Estado, instalou-se em Juiz de Fora, numa casa da rua Tiradentes, no ano de 1925. A Rádio Sociedade de Juiz de Fora, que tinha o prefixo PRA-J, entendia o jornalismo, apenas, como uma leitura das notícias dos jornais do dia. A programação era construída em cima de músicas que agradavam a um público extremamente elitista, com apresentação de músicas eruditas, por exemplo.

A Rádio Sociedade de Juiz de Fora passou a se chamar PRB-3 e, em 1944, é a primeira rádio do estado de Minas Gerais a transmitir uma partida de futebol. O jogo era entre os times do Sport e do Vasco da Gama, realizada no campo do Sport (2003, p.32).

Além da Rádio PRB-3, outra emissora chega à cidade com o objetivo de trazer o que de mais moderno existia na área de transmissões. Em 1949, a Rádio Industrial começa suas atividades em Juiz de Fora, influenciada pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

A rádio PRB-3 iniciou um intenso processo de compra de equipamentos para se modernizar e fazer frente à nova emissora que se instalou na cidade. A rádio, então, passa a se chamar Super B3. Com a decadência do império das Emissoras Associadas, a qual a Super B3 se incorporou, posteriormente, a antiga PRB-3 foi adquirida pelo empresário Juracy Neves e transformou-se na atual Rádio Solar.

E na rádio, tal como no impresso, nomes importantes do cenário do jornalismo esportivo surgiram e se tornaram incentivadores do esporte amador em Juiz de Fora. Um deles, célebre representante da classe, foi Mário Helênio de Lery Santos. Foram mais de 50 anos dedicados aos noticiários esportivos escrito e falado de Juiz de Fora. Escrevia para reconhecidos jornais da época e comandava programas na rádio de grande audiência. Chegou a ser comentarista esportivo na Rádio Tiradentes, função que até aquela data, 1948, não existia dentro das transmissões radiofônicas.

A rádio, que teve seus anos mágicos na década de 50, contribuiu de forma expressiva para a divulgação do esporte local e para a participação do público, da cidade e região, nas práticas esportivas. Além da transmissão das partidas de futebol, os radialistas noticiavam campeonatos de buraco, por exemplo, numa tentativa de prestigiar e incentivar o esporte amador.

Nos anos seguintes à época dourada do rádio, mais precisamente, as décadas de 60 e 70, algumas mudanças tiveram que fazer parte da história das rádios de Juiz de Fora. As emissoras precisaram passar por uma fase de adaptação, uma vez que, o jornalismo começava a ser parte importante da programação das rádios. Era necessário achar novos caminhos. As radionovelas passaram a ser produzidas, e os programas de auditório não

existiam mais. A prestação de serviços era o principal objetivo das “novas” rádios (2003, p.37).

E foi dentro desse pensamento, de mais conteúdo jornalístico, que na década de 80, o empresário Juracy Neves compra a Rádio Sociedade, a Super B3, e a transforma em uma promessa de radiojornalismo moderno, com ênfase nas coberturas esportivas, nas notícias policiais e no que fosse matéria na cidade e no país.

Nessa nova estrutura, o esporte ganha, na Rádio Solar, a partir da segunda metade da década de 80, até o fim da década de 90, um período bastante rico e promissor, se destacando como uma editoria necessária e importante. Eram 14 profissionais trabalhando, exclusivamente, na equipe de esporte. A equipe comandada pelo jornalista Márcio Guerra contava, também, com importantes nomes do jornalismo esportivo da cidade, como por exemplo, Paulo César Magella, José Eduardo Araújo, Ivan Elias, Paulo Roberto Simão, Ivan Costa, Nelson Júnior, Leopoldo Siqueira, Regina Campos, entre vários outros.

A programação esportiva na rádio começava cedo. Todo dia, o “Bola de Primeira” começava às 6:55h. Vários outros programas faziam parte da grade da emissora diariamente. De hora em hora, tanto na parte da manhã, quanto na parte da tarde, entrava na programação o “Repórter 1010”. O tradicionalíssimo “Giro da Bola”, apresentado por Mário Helênio, entrava no ar às 11:30h e ia até o meio dia. Décadas no ar, o programa era sucesso e, ainda hoje, é motivo de saudades dos amantes do esporte em Juiz de Fora. Além desses, o esporte era representado pelos programas “Super Bate Bola” e “Apito Final”.

Segundo o jornalista Márcio Guerra, muito do sucesso alcançado pela equipe de esportes da Rádio Solar teve relação direta com a briga pela audiência e com a concorrência direta que existia entre a Rádio Solar e a Rádio Nova Cidade. Esta também desempenhava um bom papel no jornalismo esportivo e tinha na equipe nomes importantes

como os de Silva Júnior, Fernando Luiz, Priscila Brandão, Guilherme Mendes e até do atual prefeito de Juiz de Fora, Alberto Bejani.

Mas não era, somente, dos estúdios da Rádio Solar que o esporte tinha sucesso. As transmissões e coberturas externas também rendiam bons resultados e elogios. Segundo o radialista Ricardo Wagner, a época de 1988 até os anos de 1992 / 1993 foi um período grandioso do rádio de Juiz de Fora, principalmente no que diz respeito ao jornalismo esportivo feito nas rádios (Depoimento à autora).

Mas, no final dos anos 90 e início do ano 2000, todo esse grande sucesso obtido com as transmissões esportivas e com o jornalismo esportivo diário acabou. A Rádio Solar desmanchou a equipe esportiva que mantinha e terminou com alguns dos programas exclusivamente esportivos que existiam na sua grade. O esporte passou a existir na programação da emissora, então, nos flashes dos “Repórter 1010” e nas participações do “Primeiras do Dia”, ou seja, o esporte da Rádio Solar está presente nos programas noticiosos da AM e da FM.

No entanto, em maio de 2004, o programa “Super Bate Bola”, que saiu do ar em 1999, volta à emissora com o papel de recuperar a audiência esportiva da faixa. O programa vai ao ar, diariamente, na Rádio Solar AM, no horário de 18 às 18h45. No comando, Marcos Moreno.

O que podemos dizer é que o esporte de Juiz de Fora e o torcedor juizforano perderam bastante com o término dos principais programas esportivos das rádios da cidade. Hoje, encontramos momentos de abordagem no esporte em algumas rádios de Juiz de Fora, mas nada igual ao que acontecia no final dos anos 80 e início dos anos 90.

A Rádio Panorama, que pertence à Organização Panorama de Comunicação, começou suas atividades em setembro de 2003. Passou pelos estúdios da Rua São João,

esquina com a Rua Batista de Oliveira, e hoje está situada no mesmo prédio da TV Panorama (na praça Agassis, no Mariano Procópio). Desde o início, o esporte foi destaque na rádio. Na programação, as práticas esportivas já tiveram vez na voz de Maurício Menezes, Ricardo Wagner e Eduardo Monsanto. Hoje, a rádio promove o esporte em alguns quadros durante a programação e em um programa específico.

No programa do Márcio Augusto Show, de segunda a sexta, às 07:55, os comentários sobre o esporte ficam por conta do radialista Carlos Ferreira. De hora em hora, o esporte também é notícia no Jornal Panorama, nas vozes de Roberta Oliveira, de manhã, e Marco Aurélio, à tarde. E, das 18h10 às 19h, os ouvintes podem conferir o programa “Panorama da Bola”, na apresentação de Marco Aurélio.

3.2.3 – Da TV Industrial ao MGTV. O esporte representado na tela da TV de Juiz de Fora

Das ondas do rádio, passamos para a tela da televisão. Mídia importante para o esporte da cidade, ou melhor, mídia pioneira no assunto esporte. Na verdade, a história da televisão de Juiz de Fora se mistura um pouco com a história da televisão no país. Em 1950 já havia o primeiro registro da experiência televisiva na cidade. Segundo a jornalista Cássia Araújo (2003, p.42), foi uma das primeiras desse tipo na história da América Latina, e a primeira da América do Sul. A transmissão foi, justamente, relacionada à área esportiva: um jogo entre Tupi e Bangu, no campo do Tupi, em Santa Terezinha. As imagens chegavam a um monitor minúsculo colocado na rua Halfeld.

O ano de 1951 também marcou a história da televisão em Juiz de Fora. Pela primeira vez, um programa pôde ser assistido pelos juizforanos. As imagens eram de um jogo de futebol, entre Flamengo e Fluminense, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro.

A TV, que havia sido instalada no edifício Clube Juiz de Fora, não mostrou mais do que sombras em meio a chuviscos cinzentos e um chiado no som.

No entanto, o grande empreendedorismo ainda está por vir. O ano era o de 1964. O fato: o surgimento da primeira emissora de televisão de Juiz de Fora e a primeira emissora geradora de televisão independente no interior do país. A TV Industrial de Juiz de Fora estréia, na cidade, com apenas duas câmeras, emprestadas da TV Tupi, e assume o canal 10 da transmissão. O objetivo principal da nova televisão era apresentar uma programação de caráter mais regional e local o que, de acordo com a jornalista Cássia Araújo, teve a proposta cumprida.

Grande parte da programação da Industrial sempre foi feita nos estúdios da emissora, ao vivo. Mas, existia também, uma parceria entre a TV Industrial e outras emissoras da época. (ARAÚJO, Cássia Helena Vassão. 2003, p. 43)

Dos programas que existiam na TV Industrial podemos destacar os de cunho educativo, jornalísticos, de variedades, programas de auditório, cobertura de eventos sociais e esportivos. Dentro dessa última editoria, alguns importantes programas fizeram parte da grade de programação da TV Industrial.

O “Camisa 10”, por exemplo, nasceu no mesmo ano da fundação da TV em Juiz de Fora. Era um programa esportivo de debates que acontecia aos domingos, geralmente, logo depois da transmissão de um jogo do Rio, às 19 horas. Durante 15 anos o programa esteve no ar. Além do “Camisa 10”, existia dentro da programação da TV Industrial um outro programa de esportes: o “Bate Bola”. O programa ia ao ar de segunda a sexta, sempre às 18h30.

O programa, segundo a jornalista Cássia Araújo (2003, p.45), falava um pouco de tudo. De esporte local e nacional, informações sobre os campeonatos de Juiz de Fora, também, estavam presentes na pauta.

No final da década de 60, o esporte ganha novo fôlego e nova importância com a chegada e uso dos “vts”. Os jogos do Tupi, por exemplo, eram acompanhados em todo o Estado e, depois, passados pela TV Industrial. A equipe da TV cobria o jogo no local e, no dia seguinte, geralmente à noite, transmitia pela TV.

No entanto, no final da década de 70, a TV Industrial passava por séria crise financeira e, apesar de todas as tentativas de mantê-la no ar, a mesma não resistiu e foi vendida para a TV Globo.

Sendo assim, em 1980, já entrava no ar a TV Globo em Juiz de Fora. Todo dia, duas edições de telejornais faziam a grade da programação da emissora na cidade. Nessa época, o esporte era restrito a algumas poucas aparições nos telejornais.

O ano de 1990 trouxe à cidade uma nova expressão da televisão local. Em fevereiro deste ano, chega, em Juiz de Fora, a TV Tiradentes, afiliada do SBT. A programação da emissora era bastante voltada para a cidade e para o local, uma aposta de conteúdo feito para Juiz de Fora. Assim, foram criados vários programas e dois telejornais com espaços totalmente dedicados ao município e seus acontecimentos. E, novamente, o esporte começa a fazer parte dessa nova emissora. Aos poucos, o esporte ganha a programação diária da TV Tiradentes. No início, como lembrou a jornalista Cássia Araújo (2003, p.48 – 49), o esporte na TV Tiradentes era feito através de matérias esparsas durante o telejornal diário apresentado pela emissora. Era o Jornal Tiradentes, com uma hora de produção na hora do almoço e mais uma hora no fim da tarde.

Depois, no ano de 1992, foi criado um bloco de esportes, com média de 7 minutos de duração, comandado pelo jornalista Néelson Júnior. A cobertura era diversificada e, mesmo os esportes considerados menos populares, tinham os seus espaços garantidos, como era o caso da bocha, a malha, o futebol de mesa. Essa iniciativa provocou uma agitação no telejornalismo esportivo da cidade. Com o tempo, o esporte garantiu de vez seu

espaço na mídia por meio do “Tiradentes Esporte”, um programa de 15 minutos, exibido de segunda a sexta, antes do jornal Tiradentes. Em pauta, comentários esportivos e a presença de entrevistados.

Porém, o final da década de 90 foi marcado por várias crises que se instauraram na TV Tiradentes. O resultado de tantos problemas foi a compra da TV, em 1999, pela TV Alterosa, retransmissora do SBT, em Belo Horizonte.

Nesse mesmo período, final dos anos 90, a Rede Globo de Juiz de Fora também muda de nome. A emissora passa a se chamar, então, TV Panorama. A troca de nomes é uma tentativa de regionalização do conteúdo, política adotada pela Rede Globo.

Na programação da Rede Globo em Juiz de Fora, o esporte continuou existindo dentro do noticiário local, o MGTV. As matérias esportivas eram esparsas e relatavam fatos do esporte na cidade, região e país. Em 1999, as matérias sobre esporte ganharam um novo espaço no MGTV primeira edição. Um bloco, exclusivo sobre esporte, exibido duas vezes por semana. Todas as segundas e quintas-feiras, o bloco, que tinha a duração, em média, de 5 a 6 minutos, mostrava os acontecimentos esportivos da cidade e região.

Mas, foi em 2001, que o esporte local ganhou a sua maior expressão na grade televisiva de Juiz de Fora. Nascia, na TV Panorama, o programa “Panorama Esporte”. Sob o comando do apresentador Sérgio Rodrigues, do saudoso jornalista Antônio Marcos, do jornalista e primeiro editor Leandro Matos e também pelo editor de imagens Alexandre Costa, o programa tinha como principal objetivo reproduzir o que de mais importante e interessante existia no esporte da região e de Juiz de Fora.

O Panorama Esporte existiu e resistiu bravamente e com muito sucesso até o dia 05 de setembro de 2005, quando deixou de existir como programa fixo na grade da TV

Panorama e passou a fazer parte, não mais com esse nome, de um bloco no MGTV primeira edição.

Já na TV Alterosa, afiliada do SBT em Juiz de Fora, o esporte fica reduzido a matérias esporádicas produzidas nos telejornais.

3.2.4 – O esporte ganha destaque em alguns sites da cidade

Em Juiz de Fora, diferentemente do cenário nacional, os bytes da internet navegam, ainda, de uma maneira lenta, principalmente quando o assunto é esporte. Não temos, na cidade, sites exclusivamente esportivos, que falem de “todos” os esportes locais, como existem nos grandes centros. Ou ainda, que tenha páginas on-line inteiras dedicadas somente a noticiar esporte e com atualizações constantes no conteúdo.

No entanto, algumas iniciativas desenvolvidas na cidade valem, aqui, serem ressaltadas. O pioneirismo do Sport Club Juiz de Fora que desenvolveu seu site e apresenta nele um conteúdo que vai desde a divulgação de informações sobre a história do clube como, também, a veiculação de matérias e notícias sobre as práticas esportivas e as modalidades desenvolvidas na instituição.

Se o site do Sport não é o único, é um dos poucos na cidade que se dedicam a essa prática. Os outros dois principais clubes esportivos da cidade, Tupi e Tupinambás, não realizam esse tipo de trabalho. Até pouco tempo, o Tupi tentou desenvolver seu portal, mas que não foi para frente. O site mantinha-se constantemente desatualizado e, atualmente, não está disponível para acessos. Já o Tupinambás, não apresenta, hoje em dia, site de acesso.

Por iniciativa de alguns amantes do futebol e do Tupi, recentemente, foi criado um fotolog, na internet, para disposição de fotos dos jogos e dos jogadores, além de matérias

sobre as partidas e sobre o clube. O projeto não chega a ser um site, um portal, mas já é um ponto de encontro para quem quer saber notícias do Tupi na internet.

Os clubes sociais da cidade, que há anos se dedicaram às práticas esportivas de competição, não dispõem de conteúdo jornalístico sobre esportes na internet. Os sites dessas instituições são muito mais demonstrativos do que informativos.

Assim, podemos dizer que o esporte local pode ser encontrado em alguns sites de associações e ligas relacionadas a determinadas práticas esportivas; que o jornalismo esportivo on-line pode ser visto em alguns portais dos clubes da cidade, principalmente no site do Sport; nas colunas de esporte dos sites dos dois jornais impressos da cidade e em alguns sites de conteúdos diversos, como o acessa.com, por exemplo, que sempre dedicam um pequeno espaço para divulgação de notícias esportivas da cidade, mesmo que eventualmente.

3.3 – O ESPORTE E O ESPORTISTA JUIZFORANO: O PERFIL DA PRÁTICA NO MUNICÍPIO

“A cidade de Juiz de Fora traz entrelaçada em sua história a marca do esporte e da educação física escolar. Traço de uma população que se desenvolveu às margens do Rio Paraibuna e no caminho do ouro, lugar em que a educação física e os esportes eram parte do cotidiano citadino, lembrado através das memórias de atividades esportivas e recreativas no rio, das vindas do Imperador à cidade, da Educação Física desenvolvida nas escolas particulares e estaduais, enfim, da cultura local misturadas às memórias recuperadas pelos contos populares” já diziam os autores Augusto Gotardelo Júnior, Maria Cecília de Paula Silva e Fernando Luiz Seixas Faria de Carvalho no artigo denominado

“Educação Física e esportes em Juiz de Fora: marcas Granberyenses no último triênio do século XX”.

As palavras acima expostas confirmam a idéia que muitos de nós, juizforanos, defendemos: a de que a cidade tem um envolvimento com as práticas esportivas e de que o esporte sempre esteve presente no cenário de Juiz de Fora.

Desde de muito tempo, quando ainda era possível nadar no Rio Paraibuna ou andar de canoa, a população de Juiz de Fora se divertia e aproveitava o tempo disponível às margens do rio para praticar esportes. De lá para cá, muitas coisas mudaram no mundo esportivo do município. As competições deixaram de ser, simplesmente, uma atividade de lazer, divertimento ou uma prática física na escola para se transformarem em um “movimento” que arrastava multidões aos campos, gradas e ginásios. Por muitos anos, Juiz de Fora manteve um esporte profissional.

No entanto, fazer um resgate da história do esporte em Juiz de Fora (mesmo sabendo que não conseguiremos listar todos os momentos) faz-se necessário para que possamos analisar a realidade do esporte existente na cidade nos dias de hoje. Para isso, vamos tomar alguns dos principais exemplos das práticas esportivas da nossa cidade.

A história do esporte da nossa cidade passa por caminhos que vão desde as práticas esportivas desenvolvidas nos colégios particulares, estaduais e municipais de forma amadora até as atividades realizadas pelos clubes de maneira profissional. Segundo a jornalista Cássia Araújo, citando Francisco Sales de Oliveira, o futebol na cidade começou a ser praticado graças à iniciativa de educadores americanos que estavam no município para fundar o colégio Granbery. Foi na instituição que, segundo Cássia, aconteceu a primeira partida de futebol da cidade. O jogo foi entre as equipes de alunos e aconteceu no ano de 1894. Ao Instituto Granbery é também dado o pioneirismo das práticas esportivas do basquete, do vôlei e do tênis em Juiz de Fora.

Logo depois, ainda de acordo com a jornalista, seria o colégio Academia de Comércio o responsável pela divulgação e utilização das práticas esportivas. As disputas, então, entre os dois colégios eram intensas e a hegemonia dos grupos se revezava. E foi dentro desse contexto de invencibilidades que novos clubes e equipes foram surgindo na cidade com o objetivo de acabar com a supremacia dos dois colégios. E foi nos primeiros anos do século XX que surgem, em Juiz de Fora, os clubes.

Instituições que permaneceram por anos na vida dos juizforanos e que, ainda hoje, escrevem suas histórias. Entre esses clubes que fizeram a história do esporte da cidade podemos citar o clube Ginástico de Juiz de Fora. Fundado em 18 de abril de 1909, o clube encerrou suas atividades em 1979. De acordo com a jornalista Cássia Araújo, o clube foi o pioneiro na prática do atletismo, da educação física e da ginástica de aparelhos em Juiz de Fora. Assim como o Ginástico, aparecem no cenário de Juiz de Fora, o Tupi, o Tupinambás e o Sport, por exemplo.

Os anos se passaram e as disputas entre as escolas se intensificaram. “Nas décadas de 70 e 80, por exemplo, a cidade vivia uma grande disputa esportiva entre as escolas. A dimensão cultural do esporte escolar na cidade era fortíssima. Os torneios entre as escolas provocavam autênticas guerras; os jornais cobriam tudo e os jogos eram muito comentados”, afirma o professor de educação física Augusto Gotardelo Júnior. De acordo com Júnior, os torneios eram promovidos pelas próprias escolas e pela prefeitura de Juiz de Fora durante todo o ano com a participação de vários colégios da rede particular de ensino e algumas escolas da rede pública. Havia um torneio Intercolegial – lembra ele – por ano em que se presenciavam verdadeiras batalhas em campo por parte das escolas. Segundo ele, entre outras coisas, as práticas esportivas desenvolvidas nas escolas renderam momentos inesquecíveis para o esporte da cidade. Algo muito além do espaço escolar. Atividades reconhecidas pela cidade. Práticas memoráveis.

Além dos esportes praticados nas escolas e nas faculdades de Juiz de Fora , as atividades e modalidades desenvolvidas nos clubes da cidade começaram a ganhar força e adeptos. O futebol mostrou ser o carro chefe do esporte em Juiz de Fora, seguindo o exemplo dos “grandes centros” da época (Rio e São Paulo). Desta forma, começam a aparecer os primeiros times de futebol. O primeiro time fundado em Juiz de Fora foi o Tupinambás, em 15 de agosto de 1911. O Tupi foi o segundo, criado em 26 de maio de 1912. E o Sport o terceiro, criado em 1916. Assim, futebol se torna a paixão da cidade.

Paixão essa que viveu o sonho e o pesadelo em mais de 40 anos de estrada. O futebol de Juiz de Fora viveu, durante todos esses anos, momentos de altos e baixos. O seu tempo de glória foi nas décadas de 60 e 70. Segundo a jornalista Regina Campos e o professor de educação física Marcelo Matta, esses anos significaram muito para o esporte local. De acordo com eles, foi um tempo de reconhecimento da equipe do Tupi como “Fantasma do Mineirão”, reconhecimento pelas conquistas memoráveis na capital mineira, reconhecimentos aos estádios lotados, entre várias outras coisas. Além disso, foram nesses anos que outros dois grandes clubes da cidade começaram a se despontar: Sport e Tupinambás.

De acordo com Regina Campos e Marcelo Matta, em 1968, os campeonatos de futebol profissionais da região deixaram de ser realizados, por uma ordem da antiga Confederação Brasileira de Desportos, e os clubes da cidade passaram a participar de competições estaduais, ao lado de Atlético, Cruzeiro e América.

Segundo a jornalista Regina Campos, os três clubes de Juiz de Fora chegaram a participar da classificatória para o Campeonato Mineiro no ano de 1969. Nos anos seguintes, somente o Tupi permaneceu na disputa, conquistando, em 1971, o título de Campeão Mineiro do Interior. No entanto, como relata Regina Campos, as equipes de Juiz de Fora não conseguiram acompanhar a estrutura profissional dos clubes da capital. Sport e

Tupinambás encerraram o trabalho com o futebol profissional e só o Tupi conseguiu sobreviver.

A década de 80 pode ser chamada de época de ouro, de acordo Regina Campos. Isso porque a década trouxe de volta, ao lado do Tupi, o Sport e o Tupinambás. A jornalista lembra em seu estudo que, os anos 80 foram tempos em que a cidade voltou a viver a paixão pelo futebol e a ter os estádios lotados. Nessa época, Juiz de Fora voltou ao cenário esportivo nacional. Durante toda a década de 80, os times da cidade disputaram competições importantes em nível estadual e nacional. Tiveram anos de grandes conquistas, outros anos, de fracasso. Os times oscilavam. Ora estavam entre a elite do futebol mineiro, ora disputam competições inferiores. Alguns clubes decidiram continuar, como foi o caso do Tupi e do Sport. Outros resolveram encerrar suas atividades, como foi o caso do Tupinambás, por exemplo. O time, em 1983, novamente, se afastou do futebol profissional.

Com novos recursos, vindos do empresário Maurício Batista de Oliveira, por meio da empresa de segurança de propriedade dele - SEG – o time do Tupi conseguiu importantes títulos. Os estádios ficavam lotados. Demonstração de satisfação dos torcedores!

A década de 80 foi também um período de glórias para o Sport. De acordo com Regina Campos, em 1986, o Verdão fez uma bela campanha no Campeonato Mineiro da Terceira Divisão, mas não conseguiu o acesso para a Segunda, terminando o campeonato em terceiro lugar. No entanto, por motivo de desistência, da equipe que havia conseguido a vaga para disputa da segunda divisão, o Sport assumiu a vaga e teve o direito de disputar o campeonato em 1987. Sob o comando de Geraldo Magela, o time conquistou o título de Campeão Mineiro da 2ª divisão. A missão estava cumprida. O Sport retornava à divisão de elite do futebol mineiro.

Para Regina Campos, o ano de 1988 foi um marco para o futebol da cidade. Tupi e Sport disputavam, lado a lado, a Primeira Divisão do Campeonato Mineiro, fato que só havia acontecido no início da década de 70.

O Sport não conseguiu superar as grandes equipes e terminou o campeonato na zona de rebaixamento. Abalado, o presidente José Simão teve dificuldades em manter a equipe e o Sport encerrou sua participação em competições estaduais.

Nesse episódio, vale lembrar um fato que marcou os dirigentes e a torcida do Sport: uma traição do clube Carijó. Segundo Regina Campos, para os dirigentes do Sport, o Tupi teria facilitado a vitória do Nacional, de Uberaba, para prejudicar o Sport. No mesmo dia, de acordo com a jornalista, jogavam Sport e Valério Doce, de Itabira; Tupi e Nacional. Pelo regulamento e pelos resultados obtidos até então, o Sport podia até perder para o Valério, mas precisava que o Tupi empatasse ou vencesse o Nacional. A derrota do Galo faria com que o Sport retornasse à Segunda Divisão. De acordo com Regina Campos, os dirigentes do Sport acreditam que, com esse trunfo nas mãos, o rival Carijó não perdoou e facilitou a vitória do time de Uberaba por 1 a 0. Por causa desse resultado, o Sport foi desclassificado.

O sucesso do futebol de Juiz de Fora no início dos anos 80, na figura do time do Sport e do Tupi, fez com que o prefeito da época, Tarcísio Delgado, alimentasse o ideal de construção de um estádio municipal. E, em 30 de novembro de 1988, Juiz de Fora ganhava um estádio que, mais tarde, veio a se chamar Estádio Municipal Radialista Mário Helênio. A festa de inauguração foi em grande estilo. O jogador Zico foi o mestre de cerimônia e os torcedores que compareceram puderam acompanhar uma rodada dupla, com direito a jogo internacional. A partida principal foi entre Flamengo, do Rio, e Argentino Junior, da Argentina, com direito a dois gols do atacante Bebeto, que deu a vitória ao time brasileiro

por 2 a 1. Já a preliminar foi um clássico da casa: Tupi e Sport. O Verdão venceu o Galo por 2 a 0, com gols de Ronaldo (primeiro gol oficial no estádio) e Mamão.

Porém, o Estádio não foi palco de grandes clássicos locais como esperavam os torcedores de Juiz de Fora. Os times da cidade não mantiveram as boas atuações de anos anteriores e encerraram suas atividades. Em 1989, o Sport encerrou o trabalho com o futebol profissional e apenas o Tupi permaneceu com suas atividades.

Em 1994, surge, em Juiz de Fora, a Cooperativa Manchester de Futebol Profissional. Uma união entre Tupi, Tupinambás, Sport, Prefeitura Municipal, UFJF, profissionais da cidade que pretendia levar Juiz de Fora de volta ao cenário esportivo nacional. O primeiro ano do novo time foi positivo. A equipe terminou o campeonato em 2º lugar e conquistou o direito de disputar, em 1995, a série A do Campeonato Mineiro. E já em 1996, sem fôlego para dar continuidade ao trabalho, ao projeto, a Cooperativa chega ao fim.

Com o fim do Manchester, somente o Tupi manteve seu futebol profissional. Os anos seguintes foram importantes para a equipe carijó. Com um time jovem, formado principalmente por atletas da categoria de base do clube, o Tupi chegou às finais dos principais campeonatos que disputou. O Campeonato Mineiro da Série B e o Campeonato Brasileiro da Série C de 1998 escaparam, por pouco, das mãos do time de Santa Terezinha.

Depois desses anos de “nadar, nadar e morrer na praia”, 2003 voltou a ser um ano de glórias para o torcedor de Juiz de Fora. O time do Tupi recebeu o patrocínio de uma grande empresa do segmento de supermercados, o Bretas, e montou uma forte equipe. O time era competitivo para disputa do Campeonato Mineiro. E o Tupi fez uma bela campanha, com os profissionais da casa e com as contratações que trouxe de fora. Um dos nomes de maior relevância nesse ano de clube foi do atacante Muller, tetra campeão com a seleção brasileira em 1994, nos Estados Unidos. Foram 2 derrotas, 5 empates e 5 vitórias.

O carijó terminou a competição em 4º lugar, conquistando o título de campeão mineiro do interior. Esta classificação também deu ao Galo o direito de disputar a Série C do Campeonato Brasileiro, em 2003, e a Copa do Brasil, em 2004.

Apesar das participações em campeonatos importantes do cenário nacional no ano de 2003 e 2004, o Tupi não conseguiu se manter na elite do futebol brasileiro e retornou para as categorias inferiores. O Campeonato Mineiro da série A foi só mais uma ilusão. O time do Tupi não foi bem, terminou a competição nas últimas colocações e retornou “à série B do campeonato”, chamado módulo 2 da primeira divisão, onde permanece até hoje.

O ano de 2005 não representou melhoras na história recente da equipe do Tupi. Durante todo o ano, o time não teve mais do que 35 dias de treinamento. Isso porque o clube passou por vários problemas, inclusive de ordem “presidencial”. Eleições tumultuadas, suspeita de fraudes, falta de estrutura, falta de recursos, perda de patrocínios, tudo isso fez com que surgisse a possibilidade de acabar com o futebol do clube em 2006.

No entanto, um projeto, denominado Tupi 100% Juiz de Fora, desenvolvido por pessoas ligadas ao meio do futebol, por profissionais ligados à área de educação física e também pela UFJF levantou o time e o colocou, novamente, em condições de disputar campeonatos.

Apesar de todos os problemas enfrentados, o time de futebol do Tupi é o único representante do esporte “profissional” da cidade. Todas as outras práticas esportivas desenvolvidas em Juiz de Fora são consideradas amadoras, por não terem seus atletas sobrevivendo, exclusivamente, do esporte.

Mas não é só do futebol que sobrevive a história do esporte de Juiz de Fora. Várias outras modalidades deixaram suas marcas no cenário esportivo local. Quem não se lembra ou nunca ouviu falar da famosa Corrida da Fogueira? Essa tradicional prova do atletismo local, que começou como “brincadeira”, existiu por anos passando pelas principais ruas de

Juiz de Fora. Assim lembram os professores de Educação Física José Augusto Rodrigues Pereira e Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior no artigo “Festa e competições nas ruas de Juiz de Fora: a história da corrida da fogueira”.

Segundo os professores, na década de 1940, Mariano Procópio era um bairro de grande importância da cidade de Juiz de Fora. Sempre no mês de junho, acontecia uma festa junina nas esquinas das ruas Mariano Procópio, Duarte de Abreu, Coronel Vidal e Avenida Rui Barbosa, que formavam ali uma pequena praça. Nas noites frias, em volta da fogueira, um grupo de amigos se reunia em busca de calor e muita conversa. Os professores contam, ainda, que, entre essas pessoas que ficavam em volta da fogueira, o que mais se destacava era um entusiasta por esporte: Vicente Ferreira dos Santos.

De acordo com os professores, Vicente teve a idéia de realizar uma corrida que passasse pelas ruas centrais de Juiz de Fora como forma de divulgar a festa junina do bairro Mariano Procópio. Assim, nasceu a chamada Corrida da Fogueira, cuja primeira edição ocorreu em 23 de junho de 1942 e tinha um percurso de 7 mil metros.

A prova tornou-se o maior evento de pedestrianismo de Minas Gerais e um dos maiores eventos do ramo no país, trazendo para Juiz de Fora, durante todos os anos de sua realização, renomados atletas dos mais variados pontos do Brasil e, a partir da década de 1970, corredores do exterior. Na época, década de 1940, as corridas de rua eram praticadas de forma esporádica e em poucos lugares do país. A corrida da Fogueira se torna, então, a primeira no gênero em Minas Gerais.

A corrida da Fogueira acontecia anualmente em Juiz de Fora, nos meses de junho ou julho. Em 1950 aconteceu a 9ª edição da Corrida da Fogueira. A partir desse ano, a corrida da Fogueira tornou-se uma atividade à parte, uma vez que não mais foi realizada a festa junina, evento que deu origem à prova e que acontecia tradicionalmente após seu término.

A década de 1970 representou um crescimento estrutural da Corrida da Fogueira. De acordo com os professores José Augusto e Carlos Fernando, paulatinamente, a Corrida da Fogueira afastava-se de seu caráter improvisado para tornar-se uma prova com extrema organização e detalhamento. O ano de 1976 foi o primeiro que contou com a participação das mulheres.

Porém, em alguns anos, a prova da Corrida da Fogueira teve que ser interrompida. Desde que foi idealizada, a corrida deixou de ser realizada em 1964, devido ao levante militar e no período entre 1979 e 1983. Nesse período, segundo os professores, não foi possível levantar os recursos necessários.

E em 1983, a organização, promoção e realização da Corrida da Fogueira, a maior prova de rústica de Minas Gerais e uma das mais tradicionais do Brasil, passou a ser de responsabilidade da administração municipal, por meio da Secretaria Municipal de Educação e do seu Departamento de Esportes. Então, novamente, a partir de 1984, voltou a ser realizada.

Durante todos esses anos, a prova passou por diversas alterações. Desde o seu percurso, que ganhou novas ruas, até o tamanho da distância percorrida pelos seus participantes. Dos nomes de destaque da corrida podemos citar Pedro Marciano da Silva, Sebastião dos Santos, José Luiz Emílio Kelmer, André Costa, e mais recentemente, Geraldo Francisco de Assis, João da Mata, Ronaldo da Costa e Viviany Anderson de Oliveira.

A Corrida da Fogueira continua, hoje, sendo organizada pela prefeitura de Juiz de Fora. Atualmente, é a mais importante corrida do ranking de corridas rústicas de Juiz de Fora.

Outra prática esportiva que se destacou na história do esporte de Juiz de Fora é a natação. Segundo os professores Aline Dessupoio Chaves, Carlos Alberto Camilo Nascimento, Edson Vieira da Fonseca Faria e Eliete do Carmo Garcia em seu estudo “A

natação em Juiz de Fora: um percurso histórico de três décadas”, a natação é uma modalidade desportiva que tem sido praticada desde o início do século XX em Juiz de Fora e experimentou, ao longo do tempo, condições diferentes para a sua prática, infra-estrutura bastante variada e estratificação social variável no que concerne a seus praticantes.

De acordo com os professores, no início dos anos 70 a natação de Juiz de Fora era praticada com a finalidade competitiva em clubes da cidade. Entre eles, os mais expressivos eram o Sport Club de Juiz de Fora – pioneiro na prática da natação competitiva – e o Clube Bom Pastor. Outros clubes que também mantiveram equipes de natação foram o Jardim Glória, o Olímpico o Tupi e o Tupinambás.

A década de 80 dá mostra de que as coisas estavam melhorando e que os atletas estavam superando a falta de infra-estrutura para a prática da natação. O quadro precário do esporte começa a sofrer modificações (muito mais nas formas de trabalhos utilizadas do que na infra-estrutura oferecidas para a prática) entre o final da década de 70 e durante a década de 80. Segundo os professores, inicia-se a atuação de profissionais formados em Educação Física nos clubes que mantinham equipes de natação competitiva e, também, começa a haver um trabalho de natação não competitiva em clubes da cidade.

Para os professores, a década de 90 significou uma forte expansão, em Juiz de Fora, da natação utilitária (não competitiva), que diversificava seus locais de prática e passa a abranger clubes, escolas e academias. As condições de prática da natação também melhoraram e, além da ampliação do número de piscinas aquecidas, os materiais utilizados nas aulas se diversificaram e melhoraram em termos de qualidade e praticidade. Para eles, a natação utilitária tem, nesta década, portanto, um marco de consolidação que permitiu uma grande diversificação da prática e uma grande ampliação do número de praticantes.

Com relação à natação competitiva de Juiz de Fora, os professores analisam em seu artigo que o processo de maior participação de professores graduados em Educação Física

na natação da cidade prosseguiu. Eles avaliam que a natação competitiva da cidade conseguiu revelar alguns atletas que obtiveram sucesso em competições de âmbito nacional.

Além desses “exemplos” acima citados, podemos enumerar algumas outras práticas que fizeram e fazem parte do cenário esportivo de Juiz de Fora. Desde a época das notícias sobre o tiro aos pombos, passando pelo surgimento dos times de futebol e também dos clubes da cidade o esporte esteve presente na vida dos juizforanos.

As primeiras vitórias da ginástica, as conquistas da natação e as corridas de cavalo todo domingo no Jockey Club de Juiz de Fora no final da década de 40. Sem falar das corridas rústicas (a mais tradicional: a Corrida da Fogueira), o vôlei que revelou nomes para o esporte nacional. Cada uma dessas passagens registradas pelos veículos de comunicação. Conquistas que permanecem vivas na memória de Juiz de Fora.

Títulos mais recentes podem ser lembrados nas vitórias do ciclismo, do triatlon, do taekwondo, atletismo, tênis, ou nos esportes praticados sobre quadro ou duas rodas, entre tantos outros.

O que temos hoje, em Juiz de Fora, é o esporte amador. Não há um esporte profissional dos grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo. Na cidade, não existem os grandes clubes. Nem tão pouco, os pequenos que, há anos, foram palco de belíssimos espetáculos. As práticas esportivas são realizadas em Juiz de Fora, em instituições, entidades, representações, academias, associações, entre outros.

A mudança na realidade esportiva de Juiz de Fora nos fez buscar números e dados que nos oriente sobre a real situação do esporte local. Pesquisas recentes, feitas por órgãos ligados ao esporte da cidade, dão um panorama sobre as práticas esportivas de Juiz de Fora.

Consideraremos, aqui, a mais recente pesquisa realizada na cidade. O estudo, que aborda esse tema, teve como objetivo a acumulação de dados sobre as práticas desportivas. A iniciativa partiu de um projeto desenvolvido pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, através de seus profissionais, e contou com o apoio do Centro de Pesquisas da mesma instituição e da TV Panorama. O projeto Esporte XXI coletou dados nos primeiros seis meses do ano de 2002 e os divulgou em novembro do mesmo ano. A seguir, algumas tabelas demonstrativas sobre os números do esporte local. Em algumas tabelas, consideraremos dados de outros municípios, cidades próximas à Juiz de Fora onde também foram realizadas a pesquisa. Em outras, representaremos apenas dos dados do município de Juiz de Fora.

Na primeira tabela, o estudo mostra o número de profissionais envolvidos com a prática esportiva em diversas cidades da região. Os números mostram que Juiz de Fora, apesar de não ter um grande “contingente”, ainda é o município que disponibiliza maior número de profissionais para o esporte. Outro dado analisado em uma tabela posterior (Tabela 53. Distribuição percentual referente à cidade e como se tornou “profissional” da área de esportes) aponta que 18,4 % dos envolvidos com a área de educação física de Juiz de Fora se tornaram profissionais por meio da prática esportiva. 0,8% por meio de curso técnico e 80,8% por meio de curso superior de Educação física.

Quadro 1. Números de Profissionais por Cidade

Cidades	Número de Profissionais
Andrelândia	4
Aracitaba	3
Arantina	3
Belmiro Braga	2
Bias Fortes	1
Bicas	2
Bom Jardim de Minas	4
Chácara	1
Chiador	2

Coronel Pacheco	2
Descoberto	2
Ewbank da Câmara	3
Goiana	2
Juiz de Fora	252
Lima Duarte	5
Mar de Espanha	4
Maripá	1
Matias Barbosa	7
Monte Verde	1
Olaria	2
Oliveira Fortes	2
Paiva	2
Pedro Teixeira	4
Pequeri	4
Rio Novo	7
Rio Preto	3
Rosário de Minas	1
Senador Côrtes	1
Santa Bárbara	1
Santa Bárbara de Jacutinga	3
Santa Rita de Ibitipoca	1
Santa Rita do Ibitipoca	1
Santana do Deserto	2
Santos Dumont	18
São João Nepomuceno	5
Senador Côrtes	1
Simão Pereira	1
TOTAL	360

Fonte: Ministério dos Esportes: Esporte XXI / UFJF / TV Panorama. 2002.

Pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisas Sociais / UFJF. De abril a agosto de 2002.

A segunda tabela, selecionada entre mais de 77, mostra os principais responsáveis pela organização dos eventos esportivos em cada cidade.

Tabela 48. Distribuição Percentual Referente aos principais responsáveis pela organização de eventos esportivos

Responsável	Percentual
A Prefeitura Municipal (ou uma de suas secretarias)	34,76
Clubes, associações e ligas	12,14
Academias	0,48
Escolas e colégios	7,14
Iniciativas particulares	11,43
UFJF	0,48
Todos os mencionados acima	33,57
	100,00

Fonte: Ministério dos Esportes: Esporte XXI / UFJF / TV Panorama. 2002.
Pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisas Sociais / UFJF. De abril a agosto de 2002.

O terceiro quadro apresentado no estudo diz respeito às associações, ligas, entidades ligadas ao esporte. A pesquisa catalogou, não todos, mas os principais órgãos representativos do esporte local. Nessa exposição, não vamos mostrar os nomes listados nos outros municípios que compõem a micro região de Juiz de Fora. Registraremos, somente, os relacionados na nossa cidade.

Quadro 3. Nome da Liga e cidade

	Nome da Liga
Juiz de Fora	ARAM
	Associação de árbitros de basquetebol
	Associação de esportes Radicais
	Associação de Futebol de campo amador
	Associação de Mountain Bike
	Associação de Treking
	Associação Desportiva de Juiz de Fora
	Associação Esportiva do Bairu
	Associação Esportiva do Granbery
	Associação do JIMI
	Atlético do Progresso
	Bochófila
	Bom Pastor
	Capoeira
	Cesport
	CESPORTE
	Clubes
	Corridas Rústicas
	FAM – Federação Aquática Mineira
	Federação Mineira de karatê
	FMK
	FMKT
	Futsal
	Liga de arbitragem
	Liga de atletismo
	Liga de Basquetebol
	Liga de Bocha
Liga de Capoeira	
Liga de Corredores	
Liga de esportes Radicais	
Liga de Futebol de campo	
Liga de futebol de mesa	
Liga de futsal	
Liga de Handebol	
Liga de karatê	
Liga de Malha	
Liga de Natação	
Liga de Skate	
Liga de taekwondo	
Liga de Tênis	
Liga de Triatlon	
Liga de Voleibol	
PBF	
SESC	
Sport	

Fonte: Ministério dos Esportes: Esporte XXI / UFJF / TV Panorama. 2002. Pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisas Sociais / UFJF. De abril a agosto de 2002.

O próximo quadro mostra alguns dos principais eventos realizados pelos profissionais da área de educação física e seus atletas. Esses números baseiam-se em eventos realizados antes do ano de 2002 e neste ano inclusive. Muitos destes não são realizados mais. No entanto, muitos outros podem ser incluídos nesse relatório. Porém, vamos seguir a risca os dados da pesquisa, mesmo sabendo que sofreram modificações. Também nessa tabela, só consideraremos os dados da cidade de Juiz de Fora, desconsiderando os números dos outros municípios contidos no estudo.

Quadro 4. Tipo de Evento que participou da Organização e cidade

	Evento
Juiz de Fora	Aberto de Tênis
	Atividades para a 3º idade
	Atletismo
	Bocha
	Campeonato de Futsal
	Campeonato Arlete Rabelo
	Campeonato da 1º Divisão Juizforana de Futebol
	Campeonato de Tênis
	Campeonatos de Basquetebol
	Campeonatos de futebol de campo
	Campeonatos de Futsal
	Campeonatos de Ginástica
	Campeonatos de Jiu-jitsu
	Campeonatos de Judô
	Campeonatos de karatê
	Campeonatos de Natação
	Campeonatos de Peteca
	Campeonatos de Tênis
	Campeonatos de Voleibol
	Campeonatos Poliesportivos
Juiz de Fora	Capoeira
	Ciclismo
	Competições de Jiu-jitsu
	Competições de Natação
	Competições Militares
	Copa Bahamas
	Copa Bahamas de Futebol de campo
	Copa Bahamas de Futsal
	Copa de Mountain Bike
	Copa Futsal Regional
	Copa Hunter
	Copa Hunter de Jiu-jitsu
	Copa Panorama
	Copa telemig de Voleibol
	Copa TV Panorama de Futebol
	Copa TV Panorama de Futsal
	Copa TV Panorama de Tênis
	Copas de Ginásticas
	Copas de Mountain Bike
	Corridas Rústicas
Juiz de Fora	Dança
	Dia do Desafio
	Domingo no Campus
	Esportes Radicais
	Eventos da Prefeitura
	Eventos em academias
	Eventos em clubes

Fonte: Ministério dos Esportes: Esporte XXI / UFJF / TV Panorama. 2002.
Pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisas Sociais / UFJF. De abril a agosto de 2002.

A tabela seguinte mostra alguns nomes que foram destaque no cenário esportivo de Juiz de Fora durante o ano de 2002 e também nos anos anteriores. No entanto, como esporte é momento, outros vários nomes surgiram como revelações nesses últimos quatro anos posteriores à realização dessa pesquisa, bem como, alguns desses atletas, que no estudo foram pontuados, não mais estão na “elite” do esporte local. Porém, devemos retratar os dados no estudo apresentado.

Quadro 5. Atleta / Equipe que se destaca por cidade

	Atleta / equipe	
Juiz de Fora	Acadêmicos futsal adulto	
	Alan- triatlon	
	Alan – voleibol	
	Aldo Manfroi	
	Alessandro – atletismo	
	Alexandre Alvim – futebol	
	Alice – karatê	
	Almir – Pára-queda	
	Ana Clara Zimmermann – Atletismo	
	Anderson – maratona	
	André Nascimento – Voleibol	
	André Repete – ciclismo	
	Andréia Lopes – judô	
	Antônio – taekwondo	
	Artes marciais	
	Assis – Corredor	
	Atletas de mountain bike	
	Atletas de tênis de campo	
	Atletismo	
	Atletismo – deficientes visuais	
	Automobilismo	
	Balinha – corredor	
	Basquete	
	Beatriz Holanda – triatleta	
	Bruna Lana – Triatleta	
	Capoeira – Arte Vida	
	Capoeira – Artemanha	
Juiz de Fora	Carlos Repeto – Bicicross	
	Categorias mirins e adulto do Acadêmicos do Bairu	
	Chico Marra – Karatê	
	Ciclismo	
	Cláudia – handebol	
	Corridas Rústicas	
	Cristiano Pimenta – natação	
	David Tagliati – Futebol de campo	
	Diego carvalho – atletismo	
	Equipe de atletismo da Paraibuna de Metais	
	Equipe de futebol de campo do Tupi	
	Equipe de futebol de campo infantil – Tupi	
	Equipe de handebol – JIME	
	Equipe de natação – Bom Pastor	
	Equipe de taekwondo	
	Equipe de voleibol – Bom Pastor	
	Equipe de voleibol – paraibuna de Metais	
	Equipe de Voleibol do Sport Clube	
	Juiz de Fora	Equipe de voleibol masculino do Bom Pastor
		Equipe do Ronaldo da Costa

Fonte: Ministério dos Esportes: Esporte XXI / UFJF / TV Panorama. 2002.
Pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisas Sociais / UFJF. De abril a agosto de 2002.

Outra tabela que nos mostra um pouco da realidade do esporte de Juiz de Fora na atualidade é a que disserta sobre a cidade e a prática esportiva organizada. A partir da análise do quadro podemos perceber que, apesar de o município não vivenciar a prática do esporte profissional, Juiz de Fora possui uma grande variedade de modalidades que rendem bons resultados e revelam talentos.

Quadro 8. Cidade e prática esportiva organizada

Juiz de Fora	Prática esportiva
	Atletismo
	Atletismo da Polícia Militar
	Atletismo da Paraibuna de metais
	Basquetebol
	Bocha
	Capoeira
	Ciclismo
	Copa Bahamas
	Copa Bahamas de futebol de campo
	Copa Bahamas de futsal
	Copa Hunter
	Copa TV Panorama de futsal
	Corridas Rústicas
	Equipe de futebol do Tupi
	Equipe de natação do Bom Pastor
	Equipe de Voleibol do Bom Pastor
	Escolinhas de futebol de campo
	Escolinhas de futsal
	Esportes Radicais
	Eventos da Polícia Militar
	Futebol de campo
	Futebol de campo infantil e juvenil
	Futebol feminino
	Futsal
	Futsal – Bom Pastor
	Ginástica
	Ginástica Olímpica
	Handebol
	Handebol – Associação Esportiva de JF
	Hipismo
	Iniciação esportiva para criança
	Jogos de inverno
	Jogos estudantis
	Jogos universitários
	Judô
	Karatê
	Lutas
	Lutas marciais
	Mountain Bike
	Montanhismo
Motocross	
Natação	
Natação - Bom Pastor	
Projeto Atletismo – Viviane Anderson	
Taekwondo	
Tênis	
Trecking	

Fonte: Ministério dos Esportes: Esporte XXI / UFJF / TV Panorama. 2002.
Pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisas Sociais / UFJF. De abril a agosto de 2002.

Uma outra tabela que também nos chama à atenção no relatório de pesquisas é o quadro nove. Esse trata da cidade e da prática que se dedica “profissionalmente”. Entre essas atividades, o estudo relata, em Juiz de Fora, mais de 70 práticas. Na tabela abaixo, vamos listar as citadas no trabalho.

Quadro 9. Cidade e prática que se dedica profissionalmente

	Prática
Juiz de Fora	Academia
	Administração esportiva de hotéis
	Aiki Dô
	Alongamento
	Aprendizagem motora
	Arbitragem
	Arbitragem de futebol de campo
	Arbitragem de futsal
	Arbitragem de handebol
	Atividades aeróbicas
	Atletismo
	Automobilismo
	Avaliação física
	Basquetebol
	Bike (Indoor, outdoor)
	Boxe Tailandês
	Caminhadas
	Capoeira
	Cicle door
	Ciclismo
Condicionamento físico	
Corridas	
Juiz de Fora	Danças
	Dança de salão
	Dança folclórica
	Eco-turismo
	Educação física escolar
	Educação infantil
	Escalada
	Escolinha de futebol de campo
	Expressão corporal
	Fisiculturismo
	Fisiologia do exercício
	Futebol de campo
	Futebol soçaite
	Futsal
	Ginástica
	Ginástica de academia
	Ginástica localizada
	Ginástica Olímpica
	Handebol
	Hidrogenástica
	Iniciação desportiva em escola
	Iniciação pré-desportiva
	Jiu-jitsu
	Judo
	Karatê

Fonte: Ministério dos Esportes: Esporte XXI / UFJF / TV Panorama. 2002.
Pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisas Sociais / UFJF. De abril a agosto de 2002.

Enfim, a exposição desses dados têm como objetivo “retratar” a realidade do esporte e das práticas esportivas de Juiz de Fora. Por vários motivos, muitos acreditam que o esporte local está morto. Acredito que boa parte desse pensamento está envolvida com a má fase pela qual passa o futebol de Juiz de Fora. No entanto, vale ressaltar que esporte não é somente o futebol. As informações retratadas aqui comprovam isso. Muitas práticas esportivas vêm sendo desenvolvidas e realizadas em nossa cidade. Atividades essas que, mesmo não tendo um caráter profissional, merecem o destaque da mídia e o reconhecimento de todos.

4 - JORNAL TRIBUNA DE MINAS E JORNAL PANORAMA: VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO IMPRESSA EM JUIZ DE FORA

4.1. A HISTÓRIA DOS JORNAIS

“Um jornalismo claro, conciso e preciso para atingir esse grande contingente de leitores de todo tipo de informação” (Tribuna de Minas, edição especial, agosto de 1981). Foram com essas palavras que os leitores de Juiz de Fora começaram a ter o primeiro contato com o jornal impresso que, poucos dias depois, estaria nas principais bancas da cidade. Nascia, em Juiz de Fora, no dia primeiro de setembro de 1981, o Jornal Tribuna de Minas, como conta o jornalista Paulo César Magella.

Em 1980, o Juracy, que era um empresário da construção civil, médico conceituado, ele resolveu ingressar no ramo da Comunicação. Em 1980. E, aí, ele assumiu o controle da Rádio Sociedade Juiz de Fora que é uma sociedade anônima, que era, então, a Super B3. Ele tornou-se acionista majoritário e, em 1981, investiu no impresso. Então, ele criou a Tribuna de Minas. (MAGELLA, Paulo César. Depoimento à autora, 2005).

Fundado no início da década de 80, o mais novo jornal do município tinha como principal objetivo trazer para a cidade um veículo que narrasse sobre a vida de Juiz de Fora. Essa iniciativa pôde ser percebida no texto de apresentação da edição especial do jornal.

Assim, resumidamente, pretende ser o dia-a-dia da Tribuna de Minas, cuja palavra de ordem é apenas uma: participação. Seis horas. Neste momento, a pauta geral começa a ser elaborada e até as 9 horas, todos os principais assuntos já estão delineados para a primeira reunião editorial. E é nesta hora que todos os jornalistas apresentam suas idéias, observações e, sobretudo, críticas (Minas, Tribuna de. Edição especial agosto de 1981).

E nos planos do novo jornal, o esporte não poderia ficar de fora. Era meta do Tribuna de Minas trabalhar com a editoria de esporte. Logo, podemos dizer que, desde o início, já existia uma editoria de esporte no veículo de comunicação. O jornal surgiu em 1981 (completa 25 anos em 2006) e em 1982 o editor do caderno de esportes é o jornalista Márcio Guerra.

Márcio Guerra tinha acabado de voltar à cidade depois de um belo trabalho realizado em um dos mais importantes jornais esportivos do país. Em 1980, o jornalista foi para o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro, e em 1982 assumiu a editoria de esportes do Tribuna de Minas. Segundo o próprio jornalista, trabalharam com ele no jornal de Juiz de Fora nomes importantes do jornalismo esportivo local: Sandra Vargas, Cecília Marques, Gleno Rocha e Leopoldo Siqueira. Mais tarde, também fizeram parte desse grupo os repórteres Ivan Elias, Cristiane Dias.

Em 1984, as redações e, principalmente, a editoria de esporte do Jornal Tribuna de Minas ganha um nome de peso do jornalismo esportivo de Juiz de Fora: o *bacharel nos esportes* (2003; Pg 363) Mário Helênio de Lery Santos. Mas, muito antes de fazer parte desse grupo, Mário Helênio já trabalhava com o jornalismo esportivo na cidade. A história do jornalismo esportivo de Juiz de Fora tem relação direta com a história de vida de Mário Helênio. Aos 16 anos já era cronista esportivo. Amante dos esportes e incentivador fervoroso do esporte amador da cidade, Mário Helênio, segundo o jornalista Márcio Guerra, nunca foi só de futebol. Dedicou anos de seu trabalho ao esporte do Jornal Mercantil, ao programa *No Giro da Bola*, recordista de duração na Solar e a tantas outras redações de jornal pelas quais passou. De acordo com o jornalista Márcio Guerra, Mário Helênio foi o maior nome do jornalismo esportivo e tinha informações de todos os esportes. Na redação do jornal Tribuna de Minas, Mário Helênio permaneceu até o ano de 1988. Logo depois, o jornalista Ivan Elias assumiu a editoria e nela ficou até o ano de 1998, quando o cargo de editor chefe passa às mãos de Ronaldo Dutra Pereira.

Paulo César Magella é o atual editor geral da Tribuna. Ele ocupa esse cargo desde 1985. No entanto, sua relação de trabalho com o jornal está marcada desde a fundação do Tribuna de Minas, época em que Paulo César exercia a função de repórter do jornal. Hoje, Paulo César resume positivamente a história do jornalismo esportivo na Tribuna de Minas.

No primeiro Tribuna de Minas, o editorial falava em um jornal novo e objetivo, além do apoio a livre iniciativa. Essa idéia faz 25 anos, agora, em 2006. E no curso dele, pela editoria de esportes passaram nomes como o de Ronaldo Dutra Pereira, Ivan Elias. A gente acompanhou muitas coberturas. Imagina! Em 1982 já pegamos a Copa do Mundo. E aquela Copa do Mundo da seleção do Telê Santana. Aquela seleção fantástica. Já pegamos essa Copa do Mundo pela frente. Pagamos depois do Brasil tricampeão mundial, pegamos mais duas Copas do Mundo que o Brasil foi campeão. Em 1994 e 2002. (MAGELLA, Paulo César. Depoimento à autora, 2005).

Outros vários nomes já passaram pela editoria de esporte do jornal Tribuna de Minas. Vamos, aqui, citar os dois últimos que foram e continuam sendo importantes para a

realização desse trabalho: o jornalista Ronaldo Dutra Pereira (hoje continua nas redações do Tribuna de Minas, mas na editoria internacional) que tem uma história com o jornalismo esportivo bem antes de assumir as páginas do Tribuna de Minas. Já em 1975 era o editor de esporte do *Jornal Diário da Tarde*. Em 1998, assumiu a editoria de esporte do Tribuna, cargo que permaneceu até 2003. Ano que o jornal apresenta seu novo editor de esporte, o jornalista Wendell Guiducci, que voltou ao esporte depois de uma temporada no Caderno Dois (editoria de cultura) do mesmo jornal. Hoje, a equipe de esportes do jornal Tribuna de Minas é composta por dois repórteres e mais o editor chefe. A presença desses três profissionais da área da comunicação só foi possível graças a uma mudança estrutural ocorrida em novembro de 2003 que possibilitou a contratação de mais um jornalista para a editoria. Antes, as páginas de esporte eram fechadas por um repórter e o editor. O objetivo de tal empreendimento era dar maior espaço para o esporte local. As mudanças feitas renderam alterações estéticas no jornal, segundo o editor geral Paulo César. Ele ressalta o aumento da página de esportes, o dinamismo e a participação.

Atualmente, compõem o time da editoria de esportes o jornalista e editor chefe Wendell Guiducci, o jornalista Wallace Mattos e a jornalista Juliana Duarte.

Numa história nem tão antiga como a do tradicional Jornal Tribuna de Minas, mas nem por isso menos importante, chega a Juiz de Fora o novo jornal das Organizações Panorama de Comunicação. A empresa OP.Com já tinha, sob sua responsabilidade, a TV e a rádio. Faltava só a mídia impressa. Foi nesse contexto que chega ao mercado, no dia 30 de novembro de 2003, o mais novo veículo de comunicação dos juizforanos.

A proposta do jornal Panorama era vencer a concorrência. O jornal trouxe um caderno especial apresentando os profissionais que iriam fazer parte da redação. Ao todo, cerca de 50 pessoas fariam parte desse time. Muitos deixaram o jornal Tribuna de Minas

acreditando na promessa de sucesso da nova mídia. Outros trocaram suas funções para tentar um novo trabalho no Jornal Panorama.

Todas as editorias foram apresentadas nesse exemplar. A equipe de esportes era formada pelo editor Carlos Alberto Ferreira Júnior, ao lado dos repórteres Antônio Marcos e Bruno Schincariol, além de um estagiário. Todos os repórteres são pratas da casa, formados em Juiz de Fora. Os dois primeiros ainda acumulavam as mesmas funções na grade da TV Panorama, no “Panorama Esporte”. O terceiro veio da concorrência. Bruno trabalhou pouco mais de dois anos e meio na Tribuna de Minas.

O texto de apresentação da editoria de esporte do Jornal Panorama dizia assim:

Trazer o dia-a-dia dos clubes da região, do estado e do país, com calendários, estatísticas e ficha técnicas, é uma das propostas da equipe de esportes. Além da cobertura diária de eventos e do futebol profissional, a editoria tem como um dos principais objetivos divulgar o esporte amador. Só em Juiz de Fora, cerca de 80 mil pessoas estão envolvidas na prática do esporte amador. Das competições regionais aos campeonatos de bairro, o panorama pretende mostrar a cara dos atletas que se destacam nas mais diversas modalidades. Natação, vôlei, basquete, artes marciais, corridas e tudo mais vão recheiar nossas páginas, de segunda a segunda, mostrando que o talento para o esporte, na região, vem de berço.(PANORAMA, Jornal. Edição nº 1, Caderno institucional, p. 9 30/11/2003).

A proposta do novo veículo atraiu profissionais que há anos atuavam no mercado. Nomes importantes do cenário local e até mesmo nacional fizeram parte da grande redação que se montou no quinto andar do prédio onde já funcionava a TV Panorama, na praça Agassis, no bairro Mariano Procópio. Por alguns meses, Juiz de Fora reviveu os bons tempos de rivalidade e intensa disputa entre dois veículos de comunicação impressa. A época de competição entre os jornais *Diário Mercantil* e *Diário da Tarde*, passando, posteriormente, pela disputa entre *Diário Mercantil*, *Diário da Tarde* contra o jornal *Tribuna de Minas*, deu espaço para a “competição” sadia entre o Jornal Tribuna de Minas e jornal Panorama.

No entanto, a boa fase do novo jornal durou menos que seis meses. Segundo o editor geral do Jornal Panorama, o jornalista Bruno Schincariol, em março de 2004, a redação do jornal teve uma baixa de 12 profissionais. A equipe, que havia começado com 50 pessoas, tinha, naquele momento, 38 jornalistas. E não demorou muito para que novas demissões acontecessem na redação do Jornal Panorama. Dos 38 que ficaram, apenas 23 repórteres permaneceram na redação do jornal depois de setembro de 2004. Outros 15 jornalistas haviam sido demitidos. Até o mês de novembro de 2005, cerca de 30 pessoas faziam parte da redação do Jornal Panorama. No entanto, esse número não mais correspondia ao número de jornalistas, mas sim de todos os envolvidos com o fechamento do jornal: diagramadores, repórteres, revisores de textos, etc.

Com a saída dos 15 jornalistas em setembro de 2004, a editoria de esportes não mais contava com a equipe que, primeiramente, fundou o jornal. Os jornalistas Carlos Alberto Ferreira e o jornalista Antônio Marcos se dedicaram, exclusivamente, a TV Panorama. A editoria de esportes, então, ficou a cargo dos jornalistas Bruno Schincariol e Ricardo Corrêa. Este já trabalhava para o jornal desde a sua fundação, só que na editoria de política. Assim, no segundo semestre de 2004, a equipe de esporte do Jornal Panorama se limitava a duas pessoas.

E, em dezembro de 2005, o Jornal Panorama sofreu mais uma grande transformação, considerada por muitos, ousada. O Jornal, que era vendido nas bancas da cidade por R\$1,00, começou a ser distribuído em pontos estratégicos de Juiz de Fora de forma gratuita. O Jornal Panorama passou a ser de graça. E assim, o presidente das Organizações Panorama de Comunicação, Omar Resende Peres, anunciava a novidade na edição de 05 de dezembro.

Minas Gerais, infelizmente, encontra-se nas últimas colocações de leitores per capita de jornal no Brasil. Imprimem-se em nosso Estado,

aproximadamente, 150 mil exemplares/dia, salvo aos domingos que, divididos por 18 milhões de mineiros, atestam que nós não temos o hábito de ler jornais (...). Aqui – em Juiz de Fora – a venda de diários nas bancas não ultrapassa seis mil exemplares/dia, durante a semana, incluindo os jornais locais (fonte: IVC, distribuidores locais e Associação dos jornalistas). E, para que a imprensa local tenha como fonte importante de sobrevivência, historicamente a municipalidade, com a publicação de seus atos oficiais, sempre foi e sempre será o seu grande subsídio.

A mídia impressa mineira – e por que não dizer brasileira -, depara-se com um grande desafio que é de concorrer com a internet e ver suas tiragens diminuir dia após dia. Nós, da Organização Panorama, já tomamos a nossa decisão: a partir de hoje, não cobraremos mais pelo nosso jornal, assim como não cobramos pela programação de nossa TV e de nossa rádio. (PANORAMA, Jornal. Edição nº 737, Capa, p. 1 05/12/2005).

O “novo” Jornal Panorama começou com uma tiragem de 20 mil exemplares e o objetivo era atingir um público de, no mínimo, 80 mil leitores (PANORAMA, Jornal. Edição nº 737, Capa, p. 1 05/12/2005). A mudança na estrutura do jornal repercutiu, também, no quadro de funcionários da organização do Jornal. Com a mudança, a redação do Panorama perdeu mais sete dos seus profissionais. Mas, mesmo antes das últimas demissões, o jornalista Ricardo Corrêa que, juntamente com o jornalista Bruno Schincariol, era responsável pela editoria de esportes já havia saído do jornal Panorama. Desta forma, em dezembro de 2005 a editoria de esporte do Jornal Panorama contava, apenas, com o jornalista Bruno Schincariol. Como se não bastasse, o jornalista acumulava a função de editor geral do Jornal.

4.2. O ESPORTE JUIZFORANO E SEU ESPAÇO NOS CADERNOS DE ESPORTE DOS JORNAIS TRIBUNA DE MINAS E PANORAMA

O esporte de Juiz de Fora pode ser acompanhado em, principalmente, dois veículos de comunicação impressa da cidade: no jornal Tribuna de Minas e no jornal Panorama. No

entanto, as duas mídias adotam um mecanismo de divulgação dos esportes locais em seus cadernos diários muito semelhante. A lógica da representação do esporte juizforano no Jornal Tribuna de Minas segue uma linha de raciocínio que passa por dias da semana e por matérias que tem “obrigação” de estarem no jornal. Segundo o editor chefe de esportes do jornal, Wendell Guiducci, o forte do esporte local no Tribuna é na terça-feira – uma vez que o diário não tem circulação na segunda-feira - porque é quando o jornal divulga uma coluna de resultados dos atletas que competiram no final de semana.

Já na quarta e na quinta feira, o jornalista confessa que as páginas do jornal de esporte são preenchidas com as matérias do futebol carioca, mineiro e paulista, com o foco maior nos campeonatos estaduais e nacionais. O esporte local só volta a aparecer no jornal, mas mesmo assim com pouco enfoque, na sexta-feira, quando a editoria divulga algum atleta que vai competir individualmente no final de semana. E no sábado e no domingo, de acordo com o editor chefe Guiducci, o caderno de esportes fica bem dividido entre o local – com as matérias especiais – e com o nacional. No entanto, ele afirma que o espaço dado ao esporte nacional, ainda assim, supera o espaço que é dado para o esporte da cidade.

Essas conclusões podem ser comprovadas no depoimento do jornalista à autora.

Seis coisas que não podem faltar, seis matérias certas, todo o dia no jornal. É uma matéria para o Flamengo, uma para o Vasco, uma para o Botafogo, uma para o Fluminense, uma para o Cruzeiro e uma para o Atlético. Todo dia você vai ter isso. Todo santo dia. Isso não se pode abrir mão. Porque o futebol é o grande esporte nacional e as pessoas que vão para as páginas de esporte – eu não sei te falar uma porcentagem disso – mas as pessoas que vão para ler a página de esportes procuram primeiro o futebol. As muitas pessoas que vão ler o jornal, antes de qualquer coisa, vão saber das notícias dos seus times (...).

Então, são essas seis matérias que estão certas no jornal. Mesmo porque são coisas muito práticas e você sempre vai ter isso. E, a partir daqui, a gente vê o quê que tem de local para poder distribuir. E os grandes destaque nacionais e até os internacionais.

Você sempre vai ter uma porcentagem maior durante, pelo menos, de segunda ou terça-feira a sexta, no nosso caso da Tribuna, de terça a sexta, pro esporte, pro futebol de fora. No final de semana, sábado e domingo e um pouco também na sexta-feira, aí você tem mais material

sobre o esporte local porque é quando os atletas vão competir. Eles não são profissionais, a maioria dos atletas não é profissional, eles têm outras ocupações. Então, quando eles têm essas competições, geralmente, são nos finais de semana.

Então, o forte do esporte local no Tribuna de Minas é na terça-feira quando a gente tem uma coluna de resultados que a gente contempla a maioria dos atletas que tiveram competições no final de semana e dá o resultado que eles fizeram. Na quarta-feira e na quinta, o grosso é o nacional. Na sexta-feira, você já tem alguma coisa de local. Sábado e domingo fica bem dividido entre o local e o nacional, mas sempre com o foco maior, a não ser quando você tem uma competição em maior destaque, o foco sempre fica mais voltado para os campeonatos regionais, campeonato brasileiro, os jogos dos times porque futebol é o que o leitor quer ler mais mesmo. (GUIDUCCI, Wendell. Depoimento à autora, 2005).

No jornal Panorama a situação não é muito diferente disso. Porém, o jornal apresenta um outro agravante em relação ao jornal Tribuna de Minas no que diz respeito ao quadro de funcionários. Enquanto o jornal Tribuna de Minas tem dois repórteres e mais um editor na editoria de esportes, o jornal Panorama apresentava, até no meio de novembro, um repórter e um editor. Hoje, o jornal perdeu seu repórter de esportes e trabalha, apenas, com o editor. Com isso, segundo o jornalista e editor geral do diário, Bruno Schincariol, o jornal optou por divulgar o futebol dos times nacionais – Rio e Minas – por meio do noticiário das agências e o esporte local ficou restrito às colunas de resultados da terça-feira. Isso foi o que percebemos no depoimento do jornalista.

(...) com o passar do tempo aqui no jornal Panorama a gente acabou perdendo um número de pessoas na editoria de esportes de maneira que ficamos com uma só pessoa. Então, a gente acabou tendo, já que não tem mão de obra o suficiente para abraçar o mundo com as pernas, a gente tem que trabalhar com prioridades. Então, o quê que acontece: a gente já tem algumas pesquisas de opinião que apontam, não que isso sejam 100% verdades, mas já que são pesquisas de opinião, podem estar certas como podem estar erradas, que apontam que o público, de maneira geral, não tem muito interesse pelo esporte local. O quê que o público quer saber, rigorosamente? Futebol. Vasco, Flamengo, Botafogo, Fluminense.

Outros esportes, como vôlei, por exemplo, acompanham o desenvolvimento do esporte no Brasil. O quê que eu quero dizer: o vôlei, por exemplo, está no topo? É de interesse. O tênis era. Subiu junto com o Guga e desceu junto com o Guga, também. Hoje, não se fala mais de tênis. Então, de maneira geral, o brasileiro gosta de futebol. Então, quase que se limita a isso. Hoje, o panorama apesar de ter, principalmente, na sua edição de terça-feira, porque tem alguns competidores que fazem alguma coisa durante o final de semana, ligam para gente e a gente acaba divulgando

alguma coisa local. Mas, basicamente, isso. Uma notinha aqui, alguém que vai competir ali (...). (SCHINCARIOL, Bruno. Depoimento à autora, 2005).

As opiniões acima apresentadas são confirmadas pelos repórteres que fazem ou já fizeram parte dessa editoria, atualmente. Para eles, a cobertura do esporte local vem depois de uma série de regras, de uma série de obrigações, de priorização, de uma série de matérias já programadas diariamente, que implica na cobertura do esporte nacional, representado pelo futebol de seis clubes do país. Logo, podemos perceber, que a lógica da cobertura do esporte da cidade está num segundo plano para as editorias. Não que eles deixem de dar. No entanto, nota-se que, primeiro, há a necessidade da divulgação desses seis clubes, diariamente. Em seguida, pensa-se na divulgação do esporte local. Percebe-se, mesmo, uma questão de priorização do esporte, ou melhor, do futebol nacional.

A gente já tem um fixo, que não se tem como fugir, que todo mundo ama futebol aqui, especificadamente gosta do futebol do Rio. Então não adianta. Muitas pessoas já vieram a reclamar: - “Pó, a Tribuna traz futebol do Rio todo dia?” – Traz! Traz do Rio e de Minas todo dia. São seis clubes regra que tem todos os dias, que a gente tem notícia. Seja em campeonato ou seja fazendo pré-temporada. Tem Vasco, Flamengo, Botafogo, Fluminense, Cruzeiro e Atlético. Todos os dias têm notícias. Então, isso já é uma coisa certa e as pessoas procuram sim. As pessoas querem ver. Fora isso, a gente – é o que eu já tinha dito antes – a gente prioriza, valoriza o individual. Cada atleta nosso que está competindo fora, cada atleta que está se destacando, cada competição que tem aqui, competições estudantis, tudo a gente dá (...). (DUARTE, Juliana. Depoimento à autora, 2005).

Essa realidade retratada pela repórter do jornal Tribuna de Minas foi também sentida pelo ex-repórter do jornal Panorama durante o tempo em que o jornalista esteve na redação, na editoria de esporte do diário. Segundo Ricardo Corrêa, a editoria tinha que cumprir uma série de “obrigações” esportivas antes de pensar em noticiar o local, o que resultava, de acordo com ele, num jornal que tem maior parte das páginas dedicada ao futebol nacional.

(...) na verdade, os jornais já têm no esporte muitas obrigações. Quais são essas obrigações? Como a cidade é mineira, mas com características, principalmente, no esporte, de torcer por times cariocas, os jornais precisam cobrir os quatro times cariocas e os dois mineiros. Cobrir, não! Porque isso vem de agência, mas o espaço do esporte já fica comprometido com os quatro times do Rio – que não necessita dizer – e os dois times de Minas (...). Então, acaba que temos que cobrir esses seis clubes. Então, já é um espaço muito grande que se gasta. É um tempo, trabalho muito grande gasto com edição. Então, quer dizer, sobra pouco espaço e pouco tempo para se trabalhar o esporte local. (CORRÊA, Ricardo. Depoimento à autora, 2005).

Assim, a partir desses depoimentos, vamos analisar, por duas semanas do mês de setembro, o caderno de esportes dos dois jornais impressos de maior circulação na cidade – o jornal Tribuna de Minas e o jornal Panorama – com a finalidade de detectar esses pontos apresentados pelos responsáveis da editoria de esportes dos diários.

A análise busca mostrar o espaço que é dado ao esporte juizforano nas mídias impressas locais. Para isso, avaliaremos a quantidade de matérias sobre o esporte local divulgadas nesse período, a colocação dessas matérias no interior do veículo, o espaço físico – o espaço da página - utilizado para a divulgação dessa matéria, quantidade de fotos. A avaliação será feita sempre, em comparação, com os mesmos quesitos utilizados para divulgação das notícias sobre os esportes, o futebol dos clubes “nacionais”. Sendo assim, escolhemos, aleatoriamente, duas semanas para serem observadas.

No período compreendido entre os dias 11 de setembro de 2005 a 25 de setembro do mesmo ano, avaliamos que o jornal Tribuna de Minas trabalha, de terça a sexta-feira, com duas páginas destinadas ao esporte, em média. Já as edições de sábado e domingo – nesse caso a edição de segunda-feira, também, uma vez que o jornal de domingo é também o de segunda - feira, o diário apresenta três páginas para o esporte, em média.

Dentro dessa análise, procuramos buscar quantas vezes o esporte esteve presente na capa dos jornais e, mais ainda, buscamos observar quantas vezes o esporte local foi registrado na primeira página dos veículos.

Das treze edições estudadas do jornal Tribuna de Minas, o esporte apareceu na capa onze vezes, mesmo que sendo em pequenas chamadas, ou ainda, em colunas dedicadas aos destaques dos esportes. No entanto, dentro dessas onze aparições, o esporte local foi registrado, apenas, seis vezes. Cinco delas mostradas junto com os destaques do futebol do Rio ou com os destaques de outras modalidades esportivas de âmbito nacional e até internacional. Somente uma vez, o esporte local recebeu chamada na capa sem que tivesse alguma citação ao esporte nacional. Nessas onze aparições, o esporte mereceu foto na capa do jornal, apenas duas vezes, o que representa menos de 20% do total de chamadas.

O maior destaque na capa do Tribuna de Minas para o esporte local foi a morte do triatleta Thiago Machado. O fato deu primeira página, além de ter sido, nesse período, o único conteúdo do esporte local que mereceu a foto principal da capa. Nenhuma outra modalidade local ou assunto referente ao tema na cidade foi explorado com foto na capa do diário. Fora isso, o esporte da cidade esteve em poucos textos ou em mínimas chamadas da capa. A outra foto sobre o esporte na capa do Tribuna de Minas, nesse período analisado, foi uma repercussão do clássico carioca Fla x Flu.

Com relação às matérias no interior do caderno de esportes, observamos que, no jornal Tribuna de Minas, durante a semana, ou seja, de terça a sexta-feira, nas páginas de esportes encontramos, na maior parte de seu espaço, as matérias do futebol do Rio, de Minas, além da apresentação das notícias de outras modalidades de âmbito nacional.

Apesar de não ser uma regra, mas, uma média, analisamos que, em termos quantitativos, o esporte local está presente em cerca de 50% do espaço físico de uma das duas páginas que fecham a editoria de esportes durante a semana. Os outros 50% da mesma página e os 100% da outra página ficam por conta do futebol carioca, futebol mineiro e outras modalidades esportivas. Nesses dias, não há uma norma única a ser seguida em termos de quantidade de matérias a serem divulgadas. Tem dias em que o

esporte ganhou mais destaque em tamanhos de matéria, quantidade de matérias. Agora, tem dias em que ele perdeu.

No final de semana, podemos perceber um aumento na quantidade de divulgação do esporte local. No entanto, a editoria tem sua quantidade de páginas aumentadas também, o que não gera um crescimento quantitativo no percentual de matérias veiculadas se comparadas com as edições da semana. Mas, de qualquer forma, é no final de semana que cerca de 80% a 90% do espaço físico de uma das três páginas é destinado ao esporte local.

É no final de semana que percebemos, também, um aumento no tamanho das matérias sobre o esporte local. São matérias especiais. São matérias mais elaboradas, com utilização maior de dados, números, entrevistas, com a participação de personagens. Às vezes, as matérias não enfocam uma modalidade esportiva, mas um assunto relacionado às práticas. Um exemplo disso foi o que estava estampado na edição nº 3921, domingo, 18 de setembro. O jornal trouxe uma página dedicada ao tema saúde: “O preparo do corpo para a prática esportiva”. Além de foto, a matéria apresentava retrancas, gráficos, etc.

Agora, partindo para uma análise qualitativa, percebemos, nesse período, alguns fatos que chamam a atenção para a questão da priorização do esporte nacional – aqui representado pelo futebol carioca – em detrimento do esporte local nas páginas dos cadernos de esporte dos jornais impressos. Vamos ilustrar alguns.

Na edição do jornal Tribuna de Minas de nº 3922, terça-feira, dia 20 de setembro, o diário trouxe uma coluna de resultados do final de semana. Nessa coluna, os jornalistas apresentavam pequenas notas sobre as competições e os competidores juizforanos que foram destaque no final de semana. Em média, em cada edição de terça-feira, desse período analisado, os jornais trouxeram de nove a oito notas sobre o esporte local. A crítica aqui feita parte da observação de que, das notas dadas na edição, poucas tinham sido

exploradas como matérias em edições anteriormente. O veículo se preocupou, em alguns casos, em divulgar o resultado do atleta, mas não se importou em noticiar, antes, o evento, a preparação e a participação dos atletas juizforanos.

Um exemplo desse fato foi a divulgação, em forma de pequena nota, dos competidores juizforanos que foram participar de um campeonato de jiu-jitsu em Niterói. Durante a semana anterior, nada foi noticiado sobre a participação dos mesmos no evento. Nenhuma matéria foi feita falando da competição, ou quais os atletas juizforanos que iriam participar, ou ainda, expectativas. E tantas outras coisas que poderiam ter sido abordadas.

Outro exemplo, que segue essa linha de raciocínio, aconteceu, também, na edição de nº 3922, da terça-feira, dia 20 de setembro de 2005. O jornal deu em nota que o canoísta juizforano Robson Tavares tinha sido bicampeão brasileiro de canoagem de descida. A competição tinha sido no final de semana anterior. No entanto, na semana antes da competição, para ser mais preciso, na edição de nº 3920, de sábado, dia 17 de setembro de 2005, o diário fez uma matéria informando sobre a competição e outros dados importantes. Porém, apesar da divulgação, a matéria passava despercebida na página, já que ela estava no canto inferior direito, sem foto, sem destaque algum. A notícia disputava a atenção, na mesma página, com uma notícia sobre o time do Flamengo. Essa sim! Estava no canto superior esquerdo, ocupando $\frac{1}{4}$ da página e ainda tinha uma foto para ilustrar.

Sendo assim, podemos concluir que, quando o esporte local encontra seu espaço no jornal durante as edições semanais, ele esbarra em alguns problemas, tais como a distribuição das matérias na página, a utilização ou não de fotos para ilustração, a escolha do lugar a ser veiculado.

Outro exemplo pôde ser encontrado na edição nº 3925, sexta-feira, 23 de setembro de 2005. O jornal noticiou, além do Mundial de Trampolim que acontecia na Holanda e que tinha a participação de juizforanos, informações sobre a Copa Bahamas de

futebol amador. Porém, essa última matéria, pode ter passado despercebida, por muitos, já que estava no canto inferior direito. Ao passo que, na mesma página, tinha uma matéria sobre Fórmula-1, ou seja, de âmbito nacional - colocada no canto superior esquerdo indo até o centro da página. A notícia, menor do que a da Copa Bahamas, recebeu foto colorida.

Outra curiosidade percebida foi o fato de que, na edição de nº 3924, quinta-feira, 22 de setembro de 2005, o jornal deu uma foto no centro da capa – foto principal da primeira página – sobre o jogo Flamengo e Fluminense, realizado no dia anterior. Mas, no interior do caderno de esportes, o jornal noticiava uma reunião entre os ex-presidentes do Tupi que aconteceu para discussão do atual momento financeiro do clube. A notícia não teve destaque na capa, como também não foi diferenciada na página interna.

A informação estava no canto inferior direito, sem foto. Já a matéria do Botafogo, na mesma página, ocupava metade da mesma e estava na parte superior da folha. Além do destaque da matéria atribuído ao espaço que ocupava na página, a matéria do time carioca tinha uma foto maior do que o texto da matéria do Tupi.

Nessa mesma edição, o jornal noticiou a participação do primeiro juizforano no Mundial de Trampolim que estava acontecendo na Holanda. A competição, de suma importância – que teve participação de atletas da cidade, não foi destaque na capa, nem tão pouco, no interior do veículo. O esporte de destaque do dia tinha sido o jogo entre Flamengo e Fluminense.

Outro assunto que chamou a atenção estava estampado na edição nº 3926, de 24 de setembro de 2005. O jornal noticiou que Juiz de Fora seria sede do encontro regional de aerodelismo. A matéria foi dada em uma pequena coluna, na parte inferior da página, ao lado de uma outra pequena nota. Não teve destaque, não teve foto, não foi explorada. Na mesma página, uma matéria sobre a suspensão do técnico do Vasco, Renato Gaúcho, ganhou manchete e destaque, além de uma foto.

O encontro do aeromodelismo iria acontecer durante todo o sábado e durante todo o domingo. A falta de cobertura maior para a edição de sábado, poderia ser compensada com uma cobertura mais ampla do evento para divulgação na edição de domingo. No entanto, a competição não teve suíte, não foi notícia, não foi matéria no diário seguinte.

Assim, durante o período analisado, muitos outros “casos” chamaram nossa atenção e poderiam ser aqui retratados. Porém, escolhemos alguns fatos somente a título de ilustração. O que podemos concluir com o presente estudo é que, no jornal Tribuna de Minas, o esporte local aparece, diariamente, em suas edições. Todos os dias estudados, o jornal trouxe, mesmo que em pequenas notas, informações sobre o esporte local. Alguns dias, o jornal noticiava mais. Em outros, menos. Mas nunca deixou de dar notícias das práticas da cidade.

Porém, o que questionamos aqui, é a forma de divulgação e a priorização adotada pelo caderno de esportes do veículo. As matérias sobre o futebol carioca e mineiro aparecem, em 90% dos casos, no melhor espaço “físico” do jornal: na parte superior ou no canto superior esquerdo, restando às matérias locais espaços reduzidos ou de menor visibilidade. A maioria das matérias sobre o esporte local não vem acompanhadas de foto, ao passo que as notícias do futebol ou das práticas esportivas nacionais ganham fotos, muitas delas, coloridas. No período analisado, enquanto as matérias do esporte “nacional” foram completadas com, ao todo, vinte e sete fotos, as matérias locais receberam oito. A edição de nº 3925, sexta-feira, dia 23 de setembro de 2005, é um exemplo disso. O caderno esportivo do Tribuna de Minas divulgou onze matérias, entre notícias locais e nacionais, entre grandes matérias e pequenas notas. Entre esses conteúdos, três fotos para as matérias nacionais e nenhuma para as matérias locais. E muitas outras questões podem ser percebidas na análise dessas páginas.

A análise do jornal Panorama também apresenta situações relevantes sobre o tratamento que é dado ao esporte local nas mídias impressas da cidade. O diário adota um critério de trabalho que destina, em média, três páginas de jornal para o esporte, nas edições de segunda a quinta-feira. Os exemplares de sexta, sábado e domingo, apresentam maior quantidade de espaço para a editoria de esportes. Em média, o diário contém cinco páginas nesses dias.

No jornal Panorama a situação da divulgação do esporte local é mais preocupante se comparada com a realidade do jornal Tribuna de Minas. Apesar do maior número de páginas dedicadas ao esporte, o jornal não apresenta grandes conteúdos sobre as práticas esportivas locais. Pelo contrário. O jornal se permite, às vezes, a não divulgar, sequer, uma matéria sobre o esporte local. Das quinze edições estudadas, quatro não apresentavam, sequer, uma notinha do esporte da cidade. É o que percebemos nas edições de nº 653, domingo, 11 de setembro de 2005. E também, nas edições nº 653, segunda-feira, dia 12 de setembro de 2005, nº 655, quarta-feira, dia 14 de setembro de 2005 e na edição nº 658, sábado, dia 17 de setembro de 2005.

Se formos olhar o destaque dado ao esporte da cidade na capa do diário, podemos perceber que, no período analisado, de 11 a 25 de setembro de 2005, a editoria de esportes teve chamada doze vezes, nas quinze edições estudadas.

Dessas doze aparições, o esporte local foi capa do Panorama quatro vezes e, nessas quatro presenças, o esporte local dividiu a atenção com o futebol do Rio três vezes. Ou seja, apenas uma vez o esporte da cidade saiu sozinho, como chamada da editoria de esportes, na primeira página do jornal. Já o futebol carioca, teve destaque na capa do Panorama, oito vezes, todas com fotos ilustrativas. Já o esporte da cidade mereceu foto na capa apenas duas vezes. Uma, da morte do triatleta Thiago Machado, e outra, do jogo entre os times do Baeta e Sport pela Copa Panorama de Futsal.

O diário da Organização Panorama de Comunicações destina, em média, e quando há a veiculação do esporte da cidade, 10% do conteúdo de uma de suas três páginas para a veiculação de matérias locais, durante a semana. Os outros 90% dessa mesma página e os outros 100% das duas outras páginas, são preenchidos, exclusivamente, com as matérias do futebol do Rio de Janeiro e Minas Gerais, além das outras modalidades esportivas de alcance nacional. Durante as edições de sexta, sábado e domingo, a situação não muda muito. O esporte de Juiz de Fora é representado por pequenas notas, pequenas matérias, e grande conteúdo nacional. Em média, uma, das cinco páginas de esporte do jornal Panorama, recebe 30% de material da cidade. Os outros 70% da página e os outros 100% das outras quatro páginas ficam recheadas de matérias de futebol do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

Às vezes, a divulgação do futebol do Rio ganha páginas inteiras, enquanto o esporte local, se contenta em ser representado por pequenas notas. Foi o que observamos na edição 659, domingo, dia 18 de setembro de 2005. O Flamengo e o Botafogo ganharam 50% da folha, cada, para veiculação de suas matérias. O Vasco e o Fluminense tiveram, cada um, uma página inteira de notícia de seus clubes. O Atlético Mineiro e o Cruzeiro ganharam 35%, cada, para notícia de seus clubes. E os outros 30% da página, que restaram, ficaram para veiculação da matéria sobre a abertura da Copa Panorama de Futsal. Ou seja, a matéria local mais importante ganhou a parte inferior do diário. Enquanto que o time do Fluminense ganhou a página colorida.

Outro fato observado no diário Panorama também foi analisado no jornal Tribuna de Minas. Toda edição de terça-feira traz uma coluna de resultados dos campeonatos e da participação de atletas da cidade em eventos esportivos. No entanto, nenhuma das notas dadas na edição nº 654, de 13 de setembro de 2005, tinham sido exploradas como matérias em edições anteriores. Informações importantes como a participação de juizforanos em

competições nacionais, como por exemplo, o enduro da Independência. Ou ainda, a conquista do campeonato mineiro do interior pelo juvenil de futsal do Sport, no final de semana antes.

Mas não é só a falta da divulgação das práticas do esporte local nas páginas do Jornal Panorama que chama a nossa atenção. Quando o esporte é veiculado, ele se esconde em meio a tantas informações do futebol nacional. Não há destaque, não há foto, não a cor. Exemplos disso foram as matérias apresentadas na edição de nº 661, de 20 de setembro de 2005 e também na edição de nº 662, de 21 de setembro de 2005. A notícia falava sobre a Copa Panorama de Futsal. Enquanto a mesma estava numa página preta e branca, dividindo espaço com matérias do Atlético Mineiro, Cruzeiro e algumas notas, o time do Botafogo e do Flamengo, respectivamente, tinham uma página inteira e colorida para falarem de suas participações no Campeonato Brasileiro.

Na verdade, além da falta de informação do esporte local, a existência da mesma passa, pelos olhos do leitor, de maneira muito apagada em comparação ao destaque que é dado às matérias do futebol do Rio e de Minas.

Mas nem tudo é crítica. Alguns exemplares do jornal, no período estudado, apresentaram conteúdos interessantes e disponibilizados de maneira a terem maiores destaques. Foi o que aconteceu na edição nº 656, de 15 de setembro de 2005. Na contracapa do exemplar, o jornal apresentou uma matéria sobre os atletas que estavam indo para o Mundial de Trampolim. Outros exemplos interessantes foram percebidos em edições seguintes, quando o caderno de esporte apresentou uma matéria especial sobre o campeonato de futsal do Ceresp em duas páginas. Em uma delas, uma matéria de página inteira. Em outra, uma foto colorida de página inteira.

Logo, o que podemos concluir dessa análise feita em quinze edições do jornal Panorama é que, o esporte local não é prioridade no veículo. O diário apresenta poucas

notícias sobre as práticas esportivas da cidade. Em alguns exemplares, observamos a inexistência de qualquer matéria, mesmo que fosse ela, uma nota do esporte juizforano. A prioridade sempre é as matérias dos times cariocas. A eles, são dados generosos espaços de publicação. Times com metade da página para apresentação de suas matérias. Ao passo que, quando o esporte local estava entre as matérias do jornal, ele aparecia de maneira discreta e muito pequena, em sua maioria. Os espaço privilegiado do jornal, ou seja, a parte superior da folha ou a contra-capas, era destinada ao futebol nacional, enquanto que o esporte de Juiz de Fora aparecia resumidamente em espaços menos nobres da editoria.

Outro ponto que observamos é a questão da não continuidade. As poucas matérias sobre o esporte local disponibilizadas no jornal Panorama não apresentavam suíte. Em 15 de setembro de 2005, por exemplo, o jornal divulgou uma matéria sobre os atletas de Juiz de Fora que estavam indo competir na Holanda, no Mundial de Trampolim. No entanto, a competição que iria acontecer durante toda a semana, não teve mais nenhuma informação divulgada nas edições seguintes.

Além disso, um outro fator detectado nas páginas de esporte do jornal Panorama diz respeito à diversidade. Poucas edições do diário, para não dizer nenhuma, trouxeram notícias de outra modalidade que não fosse o futebol. Mesmo com poucas matérias do esporte da cidade, o futebol – seja ele o amador, os das categorias de base, ou o dos times da cidade – foi soberano nas páginas do Panorama.

Assim, além do pouco espaço dedicado ao esporte local no jornal Panorama, em comparação com o espaço dado às matérias dos times do futebol carioca, observamos que, quando as matérias existiram no jornal, elas encontraram obstáculos quanto a questão do destaque, da notoriedade, da priorização na página.

4.3. ANÁLISE DO ATUAL CENÁRIO DO JORNALISMO ESPORTIVO DE JUIZ DE FORA NOS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO IMPRESSA

Já dizia o jornalista Paulo Vinícius Coelho, em seu livro *Jornalismo Esportivo*, que, em 1925, o futebol já era considerado o esporte nacional. Seguindo a lógica do acontecimento, o esporte mais popular, então, começou a ser o destaque da editoria de esporte dos principais jornais do país da época. Mesmo que timidamente, o futebol foi ganhando seu espaço até se tornar, nos dias de hoje, o carro chefe do jornalismo esportivo.

Como não podia fugir à regra, Juiz de Fora parece que fez do futebol a base do seu jornalismo esportivo local. A história do jornalismo esportivo da cidade está diretamente relacionada com a história do futebol dos clubes da cidade, principalmente ao futebol das últimas décadas e, mais ainda, ao futebol do Tupi. Isso implica em uma trajetória considerada de momentos bons e, também, ruins, já que o caminho percorrido pelo futebol em Juiz de Fora seguiu essa tendência.

Atualmente, o jornalismo esportivo local nos jornais impressos de Juiz de Fora – que é o nosso objeto de estudo – se restringe a noticiar o futebol da cidade, representado pelo Tupi e, em pouquíssimos casos, a divulgar outras modalidades. Os jornais seguem uma linha editorial que tem por prioridade a divulgação do futebol e, principalmente o esporte dos grandes clubes do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

A análise feita parte de conclusões obtidas a partir de conversas e entrevistas com os jornalistas e com as pessoas que fazem o jornalismo esportivo de Juiz de Fora hoje, principalmente, os que se dedicam ao jornalismo esportivo dos veículos de comunicação impressa.

Como dito anteriormente, o jornalismo esportivo de Juiz de Fora, principalmente o dos veículos de comunicação impressa, sustenta uma condição de existência nos clubes de

futebol da cidade, como explica o editor geral e repórter de esportes do jornal Panorama, Bruno Schincariol.

Eu acho que, durante muito tempo, a base do jornalismo local esportivo era o Tupi – é até complicado dizer isso. Com esse fim antecipado, com esse anúncio antecipado de um fim que pode acontecer ou não no ano que vem de não disputar nenhum campeonato, isso acabou prejudicando muito a nossa cobertura diária, porque uma coisa puxa a outra: se o futebol cresce, as outras modalidades crescem e o interesse por matérias locais cresce também. E como o futebol é o carro chefe e o nosso único representante é o Tupi isso acaba levando para baixo todas as outras coisas. Então, eu acho que, nesse momento, eu não digo que o jornalismo esportivo está caindo, mas ele está estagnado. E está estagnado numa posição ruim. Numa posição muito ruim porque não existe mais a cobertura diária no jornalismo. Esse é o grande lance. (SCHINCARIOL, Bruno. Depoimento à autora, 2005).

Bruno ainda afirma que o futebol é o grande responsável pela resposta dos leitores ao jornal. Para ele, nenhum outro esporte da cidade dá o retorno que o futebol dá.

A gente pode perceber isso nos momentos do Tupi. Recentemente mesmo, participou de competições importantes no caso da Copa do Brasil. Veja a mobilização que foi. A gente percebeu isso em pequenas coisas como o número de e-mails que a gente recebeu. Eu escrevo uma coisa do Tupi e aí, no outro dia, é e-mail falando bem, falando mal. Independente disso, a gente vê que tem mais repercussão. Se a gente não faz o leitor liga no outro dia cobrando. O que não sentimos com os outros esportes. Não há aquela cobrança por saber informações sobre os outros esportes. (SCHINCARIOL, Bruno. Depoimento à autora, 2005).

A opinião do editor geral do Jornal Panorama é compartilhada pelo editor chefe da editoria de esportes do jornal Tribuna de Minas, Wendell Guiducci. O fato de o jornal apresentar poucas notícias locais de modalidades diferentes do futebol pode ser explicado, entre outras coisas, assim:

Eu acho que temos muita gente esforçada em Juiz de Fora, que se esforça para competir, para criar competições, mas no esporte de rendimento mesmo, na verdade, a cidade é fraca. Você tem alguns atletas de destaque em determinados esportes. Você tinha o Thiago no triatlon. Você tem o Diego no taekwondo, por exemplo. Sempre tem uns. O Robson na canoagem, os caras do Rally. Jiu-jitsu tem também. Tem um monte de fera, mas naquelas práticas esportivas que mais atraem à atenção do público, que atraem mesmo, que levam as pessoas para assistirem aos jogos e tal, a cidade, infelizmente, é fraca. Não se tem como negar isso (...) Futebol é uma coisa à parte que sempre chama a atenção das pessoas. Não dá nem para comparar com basquete, ou com vôlei, ou com futsal que também é uma coisa que as pessoas gostam. (GUIDUCCI, Wendell. Depoimento à autora, 2005).

A falta das fortes equipes dos esportes coletivos, dos esportes de competição também foi usada como argumento pelo editor geral do Panorama, Bruno Schincariol, para justificar a priorização do esporte nacional, representado nos caderno esportivos dos veículos de comunicação de Juiz de fora, pelo futebol dos clubes do Rio de Janeiro em detrimento do esporte local. Segundo o jornalista, as práticas existentes na cidade não atraem o público para comprar jornal.

Se eu tenho uma matéria de interesse popular, eu gostaria de ter um repórter que ele pudesse ir para a rua e desenvolvesse a matéria, fazer o que a matéria mereceria. Porque quando eu falo em apelo popular é isso que é o determinante. Se a matéria é de apelo popular, ela seja aqui ou não seja aqui em Juiz de Fora, a gente vai fazer essa matéria. Só que poucas coisas no esporte de Juiz de Fora, hoje, possuem esse apelo popular. Então, o que priorizamos na editoria de esportes do jornal Panorama é o que vai interessar o leitor (...). Então, eu acho que não deveríamos ignorar essas matérias, mas elas têm que ser colocadas em ordem de prioridade. Não adianta eu tirar uma nota do Flamengo para dar uma página de mountain bike porque não vai colar isso. Amanhã, eu vou receber mil cartas de pessoas me enxovalhando. (SHINCARIOL, Bruno. Depoimento à autora, 2005).

A editoria do jornal Tribuna de Minas também segue a linha de que o público da cidade não se interessa muito pelo esporte local. Eles acreditam que os juizforanos não acompanham o esporte amador da cidade, por isso a priorização do futebol carioca no

caderno de esportes. Para Wendell, o esporte local, o esporte de competição é frágil o que propicia o desinteresse.

Se você tiver os esportes de competição, as pessoas vão ficar interessadas, elas vão começar a se interessar em competições que vão ser emocionantes, que estão tendo alguma coisa. O público em geral, eles tem apreço por esportes como futebol, voleibol, basquete. São esportes mais populares do país, vamos dizer. Mas se você tivesse competições que equipes daqui de Juiz de Fora participassem, como teve no ano passado (2004), a equipe da Universo participando, disputando o campeonato brasileiro de basquete feminino. Isso são coisas que as pessoas se interessam. É um campeonato nacional, é outra coisa. Então, a verdade é que o interesse é pequeno porque as pessoas não estão acompanhando o ranking de rústicas, por exemplo. As pessoas que competem, as que gostam do esporte, que são competidoras, são do meio. Então, na verdade, é um público muito seletivo. Ao passo que, quando você tem uma *Universo* participando de um campeonato brasileiro, que treina toda semana e que todo dia tem matéria no jornal e tem jogo no final de semana, você cria esse interesse no leitor. Você tem Tupi, disputando o campeonato mineiro. Se você tivesse aqui uma equipe de vôlei forte, um time de futsal disputando campeonatos nacionais e tal, você teria muito mais interesse pelo esporte local. (GUIDUCCI, Wendell. Depoimento à autora, 2005).

Para os editores, a falta de fortes equipes nos esportes coletivos da cidade e a inexistência dos grandes clubes que apresentam o esporte profissional, além de importantes competições de nível nacional, por exemplo, acabam atrapalhando o trabalho do jornalismo esportivo local, como podemos perceber por essas afirmações:

Não existe um assunto esportivo, aqui em Juiz de Fora, que possa motivar o chamado furo. A não ser esporadicamente. Algo eventual. Já quando tem o Tupi, não. Quando, recentemente, a gente pôde, há um, dois anos, cobrir era aquela coisa de cobertura diária que observamos nas outras editorias e que no esporte, hoje em dia, não temos mais (...). Não existe essa cobertura diária. Então, é uma cobertura eventual. E isso não é legal para o jornalismo como um todo, especialmente, para o esporte. Não há continuidade. E isso é problemático. (SHINCARIOL, Bruno. Depoimento à autora, 2005).

Na verdade, você fica na dependência. É difícil você criar o hábito no leitor de acompanhar o esporte amador se não há competições que sejam emocionantes para que eles possam acompanhar (...). Aí, você tem o Rally do Agreste. Ah, isso aí é legal! É, mas é uma coisa que você acompanha, mas é uma coisa que acontece uma vez por ano, dura uma semana e acabou. Ao passo que, quando você tem competições estaduais, que tem jogos uma vez ou mais na semana, é muito mais fácil. Por isso, acho que

não conseguimos ter o interesse do leitor pelo local. (GUIDUCCI, Wendell. Depoimento à autora, 2005).

Para os editores, as atividades, as modalidades, as práticas esportivas existentes na cidade hoje não são, suficientemente, atrativas, tirando o futebol, para se dar maior destaque ao esporte local em relação ao nacional. No entanto, algumas vezes, o jornal impresso traz matéria dos esportes e dos esportistas da cidade. Sobre esse ponto de vista, temos as seguintes opiniões:

É um trabalho, praticamente, de garimpo. Porque essas notícias desses esportes não chegam muito pra gente, essas notícias a gente tem que acabar garimpando mesmo, o quê que eu quero dizer com isso? Temos que pegar o telefone e ligar. Sabemos que aqui tem aquele ciclista tal, ligar para ele e falar assim: e aí, tem alguma coisa? Ou: vai competir quando? Tem algum resultado? O quê que tem? Então, praticamente é um trabalho de garimpo mesmo. Aí, acontece o que eu costumava falar; que o jornalismo local acaba virando obra de caridade – não utilizando o lado pejorativo do termo – porque você divulga para colocar entre parênteses o nome do patrocinador para ver se ele consegue não pagar para fazer esporte. Então, o esporte local acaba quase que se resume a isso hoje em dia. É complicado. (SCHINCARIOL, Bruno. Depoimento à autora, 2005).

Para Wendell, poucas coisas, hoje, no esporte local rendem manchete, rendem primeira capa do jornal diariamente. Segundo ele, o esporte amador vai ter seu destaque nas páginas do impresso quando for algo diferente ou, ainda, em caso de matérias especiais.

Raramente o esporte amador dá manchete. A não ser que aconteça alguma coisa muito sensacional, ou então, seja uma matéria especial de final de semana como a gente sempre faz. Durante o ano tentamos contemplar quase que todas as modalidades da cidade. Você faz matéria sobre bocha, malha, parapente, arborismo. Então, normalmente, dá manchete sim quando você dá matéria especial. Tirando isso, o esporte amador não dá manchete. Dificilmente. Só se você tiver uma competição muito importante ou alguém conseguiu um resultado muito diferenciado. Fora isso, não. (GUIDUCCI, Wendell. Depoimento à autora, 2005).

A realidade do jornalismo esportivo, mais precisamente, o impresso na cidade, hoje, é um tema de constante questionamento. Principalmente, porque as opiniões entre as pessoas que lidam diretamente com o esporte e com a prática do jornalismo esportivo local

são muito divergentes. A opinião dos editores – de que as modalidades existentes hoje na cidade, no esporte local, não rendem boas matérias - é compartilhada por muitos jornalistas, radialistas e pessoas ligadas ao meio esportivo da cidade. No entanto, muitos outros nomes ligados à área discordam desse pensamento.

Para o jornalista Ricardo Corrêa que, durante quase dois anos, trabalhou na editoria do caderno de esportes do jornal Panorama, o esporte da cidade, realmente, não passa por uma boa fase o que interfere, diretamente, na qualidade do trabalho dos jornalistas esportivos. Porém, o jornalista acredita que, independente disso, tem que se fazer mais o jornalismo esportivo local.

O esporte vive uma crise na cidade, principalmente, porque perdeu seu carro chefe que é o Tupi. (...). E como o futebol é o carro chefe de fato e o Tupi é o carro chefe no futebol e no esporte da cidade, ele acabou contaminando. É uma avaliação que eu faço (...). os esportes coletivos que são, realmente, os carros chefes. No Brasil, o público gosta mais dos esportes coletivos mesmo. Tem mais apelo popular: o futebol, o voleibol – quando ganha alguma conquista importante e os esportes individuais, embora em Juiz de Fora eles ainda estejam mais ou menos no mesmo nível que estavam alguns anos atrás, não tem tanto apelo assim (...). Eu acho que, em primeiro lugar, o esporte amador de Juiz de Fora é muito amador. Mais amador do que deveria ser (...).É difícil cobrir o esporte em Juiz de Fora, hoje. No entanto, o mais importante é o seguinte: independente de valer a pena ou não, tem que ser dado mais espaço, mais do que é dado hoje. (CORRÊA, Ricardo. Depoimento à autora, 2005).

Essa mesma linha de pensamento é seguida pelo radialista Carlos Ferreira, da Rádio Panorama que, diariamente, dá notícias sobre esporte nos programas da emissora. Para ele, a cidade não tem muito o que noticiar no esporte local.

O jornal impresso abre o espaço. Seja o Panorama, seja o Tribuna ou qualquer outro jornal que tiver, ele abre o espaço. O que ele precisa é ter uma página de esportes todo dia e se ele não tem a matéria prima de Juiz de Fora, ele tem que buscar em algum lugar para preencher aquele espaço que é dedicado ao esporte (...). Porque, se tiver aqui, o jornalista dá espaço sim. Ele tem essa preferência. Todos os que estão aqui hoje, os que já estiveram e os que vão chegar estão sempre empenhados em apoiar. Mas, tem que ter; e não tem (...). Com isso, o jornalista, dono daquela página, responsável por aquela página ele tem que buscar matéria em algum lugar e ele vai buscar fora daqui, porque aqui não consegue. (FERREIRA, Carlos Alberto. Depoimento à autora, 2005).

Para a jornalista e repórter do jornal Tribuna de Minas, Juliana Duarte, a falta de estrutura apresentada na cidade faz com que o esporte de Juiz de Fora não apresente bons rendimentos, principalmente os coletivos. Além disso, ressalta que, a ausência de fortes equipes para a cobertura diária do esporte acaba atrapalhando o trabalho do jornalista esportivo.

Eu acho que o esporte de Juiz de Fora, hoje, a gente tem vários atletas que competem em nível profissional, até em competições fora do país e tudo. Mas, a gente não pode considerar o esporte como profissional. Porque em várias modalidades, na maioria delas, a gente não tem, não só o incentivo, como, também, não tem estrutura. As pessoas não estão organizadas de forma a viver do esporte, por exemplo. Então, você vê: no futebol a gente não tem time, a gente não tem equipes de esportes coletivos e os atletas individuais todos eles brigam por patrocínio, mas todos eles, de repente, trabalham de manhã e treinam à tarde. E vivem assim. Então, temos atletas em competições profissionais, mas o esporte a gente não pode dizer que é 100% profissional na cidade (...). Se a gente for pegar os esportes coletivos, parece mesmo que é momento. Juiz de Fora já teve vários momentos. Teve o momento do futebol, também tiveram momentos no vôlei, momentos no basquete e, hoje, a gente não está com nenhum esporte coletivo bem (...). Hoje, a gente não tem nenhum esporte coletivo que está bem, que está se destacando. E aí, parece que a gente tem uma torcida carente na cidade (...) (DUARTE, Juliana. Depoimento à autora, 2005).

Até mesmo aqueles que não mais estão nas editorias de esportes mas, que já fizeram parte delas por anos, não acreditam no atual esporte local. É o caso do jornalista Ronaldo Dutra Pereira. Para ele, o esporte de Juiz de Fora merece destaque, desde que seja no futebol.

Acho que merece destaque sim, ele sempre merece. Então, por exemplo, o esporte de Juiz de Fora, você vê, falando só de futebol, o futebol de Juiz de Fora ficou restrito ao Tupi até o ano passado, 2004 (...). Com relação às outras modalidades esportivas da cidade, isso aí eu encaro mais como esportes de lazer (...). Juiz de Fora já teve até esportes competitivos no vôlei. Juiz de Fora foi campeã mineira no vôlei, campeã estadual no vôlei, com o time do Sport (...). Fora isso, todos os outros esportes são esportes de lazer. Você pega, assim, o Aldo Manfroi: ele vai lá, nada e ganha uma competição na faixa etária dele. Isso aí, na realidade, interessa a ele. Dizer que o Aldo Manfroi vai vender jornal, ele não vende jornal (...). Agora, quem vende jornal no Brasil é o futebol. Vende jornal sim (...). Nós somos de um país do uniesporte. Tem um esporte aqui que é o esporte que é popular, que é o esporte de multidão mesmo. Que é o futebol. (PEREIRA, Ronaldo Dutra. Depoimento à autora, 2005).

Por outro lado, tem os jornalistas, radialistas e profissionais dos esportes que acreditam num crescimento do esporte local. Para eles, apesar de o esporte ser amador, as práticas esportivas representaram um crescimento nesse último ano. É o caso do jornalista Carlos Alberto Ferreira Júnior, que já foi editor chefe de esportes do jornal Panorama e hoje é repórter da TV Panorama.

Hoje, eu analiso o esporte da cidade sobre o prisma de que, nos últimos anos nós viemos acumulando perdas. Perdemos pessoas muito importantes como o Antônio Marcos, perdemos o Thiago Machado dos Santos e perdemos o Tupi (...). Por outro lado, eu analiso que em outros esportes, nós tivemos um ganho muito grande, No taekwondo, no karatê, no próprio triatlon (...). Então, quer dizer, eu acho que, se por um lado nós tivemos um ano marcado por grandes perdas, a gente não pode perder as esperanças que estão nascendo, novas lideranças. Lideranças que vão ocupar um pouco, ao longo do tempo, o espaço que essas pessoas estão deixando (...). Mas a minha análise, hoje, do esporte na região é de um esporte extremamente amador. Forte no amador. (...) tem muito conteúdo, muito oferecimento, muito atleta vem atrás (...). Então, quer dizer, o esporte amador da região ele desperta a curiosidade das pessoas, principalmente, porque para cobrir o esporte amador o repórter, o editor, eles têm que abusar muito mais da criatividade (...).(JÚNIOR, Carlos Alberto Ferreira. Depoimento à autora, 2005).

A visão de crescimento apontada por Carlos Alberto é também defendida por Rodrigo Dias, apresentador do quadro de esportes existente dentro do MGTV 1º edição. Para Rodrigo, o ano de 2005 foi um período de ganho se comparado com anos anteriores.

Se a gente for comparar com esse período que eu estive aqui, de 1997 a 1999, - trabalhando com o esporte no departamento da Rádio Solar – eu acho que hoje está em alta. Eu acho que hoje existe muito mais divulgação, existem muito mais nomes em evidência do que existiam naquela época, e eu acho que assim, ainda falta apoio, falta estrutura, mas de um modo geral, eu acho que, é igual como eu disse, se a gente for comparar com esse período de quase dez anos para trás, eu acho que o esporte evoluiu muito, mas ainda pode melhorar. (DIAS, Rodrigo. Depoimento à autora, 2005).

Para o Subsecretário de Esportes e Lazer de Juiz de fora, Ricardo Wagner, falta às mídias de Juiz de Fora um pouco mais do espírito “bairrista”. Para ele, as mídias não privilegiam o esporte local.

Eu posso te falar sobre o esporte local por três ângulos que eu acompanho o esporte na cidade, já há aproximadamente, 20 anos. Como radialista e

jornalista, como dirigente esportivo e árbitro de futebol da Liga e como, agora, subsecretário de Esporte e Lazer de Juiz de Fora, como gestor do esporte. E, nesse período todo, a gente sempre percebeu uma dificuldade muito grande do esporte da cidade ter um espaço na mídia. E isso, na minha opinião, eu acho que nós, juizforanos, pelo menos a grande parte é um pouco bairrista. E nós, aqui na cidade, temos uma cultura de menosprezar as nossas coisas, de não dar valor às nossas pessoas, aos nossos atletas, iniciativas e projetos. Quase sempre os de fora é que são melhores. Sendo que na cidade, nós temos excelentes profissionais na área de imprensa, temos excepcionais atletas, equipes profissionais na área de educação física, de treinamento esportivo. (WAGNER, Ricardo. Depoimento à autora, 2005).

No entanto, não foi apenas a parte de conteúdo - ou a falta dele – que foi questionada pelos profissionais que fazem o jornalismo esportivo diário de Juiz de Fora. Muitos outros pontos foram levantados pelos jornalistas de maneira que, podemos concluir, que os mesmos interferem, diretamente, na realização do trabalho.

Para começar, o jornalista Ricardo Corrêa fala sobre os baixos índices de venda dos jornais locais.

Na verdade, a questão maior do jornalismo esportivo, em Juiz de Fora, que eu acho mais importante ressaltar é o seguinte: porque, primeiro, a gente está juntando duas áreas problemáticas em Juiz de Fora hoje que é o esporte e o jornalismo impresso. Então, o jornalismo esportivo impresso ele junta os problemas dessas duas áreas. O jornalismo impresso da cidade sofre uma crise muito grande. Por mais que tenha sido lançado o jornal na cidade há pouco tempo. O que se sabe, o que se consegue ver pelas pesquisas, pela própria venda dos jornais é que, primeiro, Minas já não lê jornal, não é comum. Os números de venda de Minas, em relação aos outros Estados do país, são muito ruins. E os números de Juiz de Fora, em relação a Minas, também, são muito ruins. Ou seja, na verdade, Juiz de Fora está lá em baixo, no fundo do poço mesmo nos números de venda de jornal impresso. E isso se reflete em todas as áreas, inclusive, no esporte. E o reflexo maior é que os jornais precisam reduzir custos e com isso acabam cortando pessoal. E o esporte é a primeira área em que se corta pessoal. (CORRÊA, Ricardo. Depoimento à autora, 2005).

A falta de “mão-de-obra” nas redações dos jornais de Juiz de Fora é uma realidade. E, parece que na editoria de esportes isso se faz sentir mais fortemente. É notória a preocupação dos envolvidos com a prática do jornalismo esportivo quando o assunto é esse. A falta desses profissionais faz com que, muitas vezes, a cobertura de determinado

evento, competições, ou ainda, a apuração de algumas matérias fiquem prejudicados, como podemos perceber nesses depoimentos:

Como as editorias, e isso não é uma característica apenas do Panorama, mas é uma característica de todos os jornais, as equipes são muito pequenas, a gente não tem como monitorar tudo o que está acontecendo em todos os esportes. Então, a gente depende muito desse atleta ou dessa assessoria(...). (SCHINCARIOL, Bruno. Depoimento à autora, 2005).

E aí, quando junta com a questão que no Panorama é muito séria, que é a de pessoal e aí você chega num dilema: ou você tem muita página – quando você tem muita página, você tem tanta coisa para fazer, tanta edição nacional para fazer que você não tem tempo para fazer matérias locais. E quando você não tem tantas páginas para fazer, você não tem espaço para pôr essa matéria. No caso do Panorama era uma pessoa para fazer. Aí você escolhe: ou você edita o nacional, os times do Rio, ou você faz o local. Como o nacional o povo exige e você tem obrigação de dar os quatro times do Rio e os dois de Minas, o tempo que sobra, quando sobra tempo, você consegue fazer alguma coisa diferente de local, que é muito difícil. (CORRÊA, Ricardo. Depoimento à autora, 2005).

O Subsecretário de Esportes e Lazer, Ricardo Wagner, também lamenta a pouca disponibilidade de divulgação dos veículos impressos de comunicação da cidade para o esporte local, mas afirma que boa parte dessa situação pode ser compreendida pela falta de estrutura pela qual as redações e, principalmente, as editorias de esporte estão passando.

Então, se você, hoje, não levar a notícia até o jornalista, até a redação, você, praticamente, você não consegue. É muito difícil, hoje, os jornalistas saírem da redação, muita pela estrutura que deixa a desejar. A falta de carros, a falta de equipamentos, etc. Não se pode fazer hora extra, etc. Isso aí é um complicador muito grande. (WAGNER, Ricardo. Depoimento à autora, 2005).

A “luta” de se fazer jornalismo esportivo nos impressos de Juiz de Fora, hoje, é compartilhada e entendida por quem já esteve no mesmo barco e hoje faz o jornalismo esportivo em mídia diferente. É o caso do jornalista Carlos Alberto Ferreira Júnior, que já foi editor de esportes do Panorama e hoje trabalha com esportes para a TV Panorama. Ele entende o ofício de escrever para os impressos de Juiz de Fora da seguinte maneira:

Fazer jornal impresso é uma atividade extremamente pesada, cansativa. Fazer jornal impresso consome o profissional. Porque o jornal tem um espaço muito grande. Se você fosse pegar todas as notícias do jornal para colocar na televisão, gastaria-se um tempo violentíssimo. Então, quer dizer, o jornal é muito grande e por isso tem as agências para suprir aquele espaço. Mas eu sinto que existe uma lacuna que, ainda, não está sendo bem preenchida. Então, eu acho que as redações podem estar sofrendo de um problema, talvez, econômico (...). Então, não é que falta conteúdo, mas, talvez, esteja faltando gente para poder ter tempo de apurar esse conteúdo (...). (JÚNIOR, Carlos Alberto Ferreira. Depoimento à autora, 2005).

No entanto, apesar de compreender a situação dos colegas do impresso, não deixa de criticar a atual situação dos cadernos de esporte dos veículos impressos da cidade.

Os lutadores diários dos jornais, que é muito difícil fechar o jornal só com o esporte amador e essa é uma crítica que eu faço. Eu acho que tem faltado, eu acho que os jornais estão agência demais (...).(JÚNIOR, Carlos Alberto Ferreira. Depoimento à autora, 2005).

Rodrigo Dias também acredita que o jornalismo esportivo de Juiz de Fora possa estar sendo prejudicado pela falta de profissionais nas redações, como muito bem exposto por ele.

E o fato de a gente não ter muita estrutura, de a gente ter poucos profissionais envolvidos na área acaba dificultando. Porque, às vezes, você até tem, num determinado final de semana, vários eventos para se cobrir, mas como você não tem estrutura e nem pessoal para estar cobrindo, você acaba abrindo mão de cobrir um ou outro evento (...). Então, quer dizer, esporte a gente tem, modalidade a gente tem, atleta a gente tem, mas falta pessoal e falta um pouco de estrutura. Tudo está interligado uma coisa na outra. (DIAS, Rodrigo. Depoimento à autora, 2005).

Um outro ponto apresentado como dificultador da realização do jornalismo esportivo em Juiz de Fora tem relação com a questão de como as informações chegam até as redações. Como os jornalistas afirmaram, são poucas as pessoas envolvidas na busca pela informação, afinal, as redações sofrem com a perda de profissionais. As notícias chegam muito mais pelos atletas, pelos organizadores, pelos profissionais envolvidos com o esporte. No entanto, as possibilidades que sobram encontram barreiras, segundo eles, até na maneira amadora de se passar a informação. Como a cidade não tem um esporte profissional, os jornalistas questionam o fato de a informação, muitas das vezes, não ter

uma assessoria de imprensa responsável por manda-las, como acontecem em todas as outras editorias. Assim, tem dias que, de acordo com os jornalistas, não tem um e-mail. A relação da imprensa com a fonte do esporte, em Juiz de Fora hoje, está ainda sendo feita de uma maneira muito “amadora”, como explicam nossos entrevistados.

Por mais que o jornal queira divulgar esses esportes individuais, não é tão fácil quanto divulgar os esportes coletivos. Primeiro que não existe uma estrutura. Não existe uma assessoria, já tem pouca gente fazendo, então já é muito mais difícil correr atrás (...). E não tendo uma associação, não tendo uma assessoria é um pouco mais difícil (...). Com relação aos esportes individuais é mais importante que se criem associações, o ideal que tivesse um projeto, não sei (...) de incentivar os esportistas a se organizarem melhor. A criarem, para que seja mais fácil trabalharem com eles (...). Na verdade, tem um grande problema que é o seguinte: a informação chega, mas chega por poucas fontes. Você tem algumas que tem contatos. Então assim, você tem alguns atletas que sempre ligam (...). Essas pessoas saem sempre no jornal. (CORRÊA, Ricardo. Depoimento à autora, 2005).

É muito difícil a fonte oficial. Muitas vezes você vai ao site, você liga para a assessoria, tem competição ou tem federação que não tem assessoria, não tem essa facilidade de informação. Então, a nossa maioria, a maior das nossas fontes é os atletas. Então, a gente vai até eles (...). E muitos deles trazem os resultados para gente (...). Então, assim, a gente tenta apresentar o máximo possível todas as provas que eles vão. Mas nem sempre a gente consegue chegar em todos (...). Tem muita gente que liga pra gente para poder passar pauta ou para avisar que é competidor e que está indo competir. Mas ligam na sexta-feira avisando que a competição é no domingo. (DUARTE, Juliana. Depoimento à autora, 2005).

Poucos atletas na nossa região têm assessoria de imprensa (...). Então, quer dizer, vai muito do sacrifício dos jornalistas de cultivar, de cativar aquela fonte e do espírito dele de correr atrás da notícia, de estar sempre antenado, sempre muito ligado (...). (JÚNIOR, Carlos Alberto Ferreira. Depoimento à autora, 2005).

Um outro fator que está diretamente relacionado com a atual situação do jornalismo esportivo de Juiz de Fora, hoje, principalmente, nos impressos, mas que, às vezes, fica nas entrelinhas do entendimento da realidade, é a falta de investimentos por parte dos empresários do setor de comunicação. Passando desde um descaso com a editoria, por conta do baixo número de contratações destinadas a ela, a falta de equipamentos, até o

próprio desinteresse pelo esporte local. Isso fica muito claro nas palavras do jornalista e ex-repórter do jornal Panorama, Ricardo Corrêa.

Porque o local era assim: quando tinha alguma coisa, primeiro, quando chegava alguma coisa interessante para gente e quando a gente conseguia arranjar um horário, um outro horário de manhã para fazer, mas tudo na base da paixão. Até porque, se não saísse, para a empresa não faria diferença. Para a direção da empresa não faria diferença nenhuma, não notaria. Quer dizer, não ia fazer diferença (...). (CORRÊA, Ricardo. Depoimento à autora, 2005).

A prefeitura de Juiz de Fora, por meio do seu Subsecretário de Esportes e Lazer, Ricardo Wagner, afirma que, ainda nesse ano de 2006, a prefeitura vai trabalhar um projeto que visa à melhora do esporte amador na cidade. Entre os pontos propostos está a regulamentação da Lei Mário Helênio, entre outras coisas como explica Ricardo Wagner.

Então, o que falta para o esporte hoje? Falta uma política de esportes da cidade. Para se ouvir todo mundo que faz, pratica ou está envolvido direta ou indiretamente com o esporte. Diagnosticar e saber o quê é que a cidade quer em termos de esporte e, a partir daí, nós colocamos para funcionar as leis que beneficiam os esportes, as leis que ganham, que dão diretrizes ao esporte e, conseqüentemente, nessas diretrizes do esporte você vai ter metas, vai ter ações, vai priorizar ações, que necessitam de dinheiro, que necessitam de fomento, de sustentabilidade para isso (...). Então, o nosso próximo passo é esse. Definir, exatamente, a política de esportes da cidade e a criação de leis e a regulamentação das que já existem para que o fundo municipal de esportes e o conselho municipal de esportes estejam participando ativamente da nossa cidade. (WAGNER, Ricardo. Depoimento à autora, 2005).

Assim, a análise se propôs a mostrar que a realidade do jornalismo esportivo local não se restringe a um único problema. Na verdade, o esporte juizforano encontra seu espaço bastante limitado nos cadernos esportivos dos jornais impressos da cidade, atualmente, por uma série de fatores. Esses fatores vão desde a falta de profissionais, jornalistas para trabalharem nas redações, nas editorias de esporte, na cobertura do esporte amador local, dos esportes individuais, no acompanhamento das competições, na possibilidade de profundas apurações, na falta de um “profissionalismo” com a informação, até a confiança dos jornais em acreditarem que, em Juiz de Fora, não exista

um grande público apreciador do esporte local, individual. Para eles, os esportes locais, principalmente, os individuais que não disputam competições importantes regularmente, representam um público muito restrito, que não compra jornal.

Para os jornais, a falta de clubes esportivos, a falta de fortes equipes do esporte coletivo na cidade, hoje, representa um empobrecimento da cobertura diária do jornalismo esportivo. A inexistência de times de futebol, de vôlei, de basquete de Juiz de Fora disputando competições nacionais, para que se tenha um acompanhamento e uma continuidade, faz com que essa demanda fosse preenchida com o futebol – que é o esporte nacional – do Rio de Janeiro e de Minas, que tem esses clubes que oferecem notícia diariamente e têm um apelo junto aos leitores de Juiz de Fora.

5. CONCLUSÃO

O esporte sempre foi muito presente na minha vida. Por muitos anos, fui atleta de Ginástica Olímpica e participei de muitos campeonatos, eventos, apresentações, sempre representando a instituição que pertencia e, também, a minha cidade. Além de ser atleta, tive o esporte muito presente no meu cotidiano, graças ao meu irmão, que é jogador de futebol. Desde a época do Tupi, e muito antes disso, ainda nas participações da Corrida da Fogueira, vi nele o que é o amor ao esporte. Convivi com essa paixão em cada medalha minha, em cada conquista nossa.

A proposta desse trabalho, então, passou de uma inquietude pessoal. Sempre achei que o esporte de Juiz de Fora nunca teve seu real e merecedor espaço nas mídias da cidade, principalmente, nas mídias impressas, se comparado com o destaque que é dado ao futebol carioca. E isso, eu percebi, que veio se agravando a cada ano que passava. Ao abrir as páginas dos jornais notava que muito pouco era falado sobre as práticas, sobre as modalidades esportivas realizadas na cidade, apesar delas existirem maciçamente.

Observava, também, que o esporte nacional – o futebol dos clubes cariocas – sempre teve mais destaque, mais notoriedade nas páginas dos cadernos esportivos de Juiz de Fora. Notícias sobre o futebol do Flamengo, do time do Botafogo, da equipe do Vasco e do Fluminense sempre tiveram presentes nas páginas do jornal, diariamente, e sempre com matérias grandes, expressivas, com fotos, etc.

Logo, decidi buscar, junto aos jornalistas esportivos que fazem os veículos impressos da cidade e também com aqueles que divulgam o esporte em outras mídias, argumentos que confirmassem minha opinião ou argumentos que a negasse.

O que pude concluir desse trabalho é que o jornalismo esportivo local, principalmente, o jornalismo esportivo impresso vive um momento em que vários problemas andam juntos, contribuindo para uma má cobertura do esporte local.

Os jornalistas que fazem os cadernos esportivos da cidade confessam que a falta de grandes clubes, a falta de equipes de esportes de competição, na cidade, contribuiu para que o município perdesse o dinamismo da cobertura esportiva diária, como ocorrem nos grandes centros. Para eles, os esportes que existem na cidade, hoje, não rendem uma continuidade que o veículo impresso precisa. Não rendem boas matérias.

Além disso, os jornalistas atribuem a má fase do Tupi, único clube de futebol da cidade, na atualidade, uma queda na motivação de se fazer o jornalismo esportivo. Na verdade, o que podemos perceber é que os responsáveis pelas editorias de esportes nos dois principais veículos de comunicação impressa da cidade não acreditam no esporte amador da cidade, principalmente os esportes individuais, como matérias essenciais.

Outros vários fatores foram apontados como, por exemplo, a falta de profissionais nas redações para apuração das matérias locais. A obrigatoriedade, por pedido do público, de uma série de matérias fixas, diariamente, nos jornais. A falta de competições importantes na cidade e de eventos bem organizados que rendam matérias extensas. O

grande amadorismo que existe em Juiz de Fora, até mesmo na parte de acesso à informação, falta de apoio do governo municipal para com os atletas da cidade, a falta de incentivo dos empresários da área de comunicação, entre vários outros motivos.

Na verdade, uma série de problemas é levantada como justificativa para uma cobertura precária do esporte local e, conseqüentemente, uma pequena divulgação dos mesmos nos veículos impressos.

Logo, não podemos atribuir a um único motivo a atual situação do jornalismo esportivo dos impressos de Juiz de Fora. O real momento é uma união de diversos pontos que, juntos, facilitam para a precariedade da divulgação do esporte juizforano nos jornais locais impressos.

O que podemos dizer é que o esporte local encontra cada vez menos seu espaço nas mídias impressas de Juiz de Fora. O destaque é reduzido. A importância que é dada às práticas nos veículos é mínima. Não podemos dizer que não há divulgação. A realidade é de pouca veiculação e, mesmo quando há essa divulgação, a prioridade e notoriedade nas páginas não são para o esporte da cidade.

Assim, podemos concluir que, além dos problemas “estruturais” apontados pelos profissionais do jornalismo esportivo impresso, a pouca divulgação do esporte local nos jornais da cidade pode ser compreendida pela falta de fortes equipes dos esportes competitivos em Juiz de Fora.

O jornalismo esportivo de Juiz de Fora, principalmente o impresso, vive seus momentos muito atrelados as fases das equipes dos esportes coletivos da cidade. Em resumo, o esporte de competição é o foco de cobertura do jornalismo esportivo. Tendo clubes e times disputando competições importantes, campeonatos de nível estadual, nacional, etc, teremos o esporte local bem representado nas páginas dos jornais. Não tendo

essa ocorrência, o que vamos ver são eventuais matérias sobre um ou outro esporte individual.

6- BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Cássia Helena Vassão. *Jornalismo e esporte em Juiz de Fora: os altos e baixos dessa parceria*. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2 sem. 2003. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo Esportivo*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Comunicação - Jornalismo). 120 p.

CAMARGO, Vera Regina T; CARVALHO, Sérgio; MARQUES, Jose Carlos. *Comunicação e esporte – Tendências*. Coleção NPs. Intercom nº 4. 2005. p. 212.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira da; MARTIN, Edna Ribeiro Hernandez; ZACARIAS, Lídia dos Santos. *Educação Física: narrativas e memórias em Juiz de Fora*. 1 ed. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2003. 401 p.

GUERRA, Márcio. *Você, ouvinte, é a nossa meta. A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol*. 1 ed. Rio de Janeiro: Etc Editora, 2002. 90 p.

Jornal Panorama, Juiz de Fora. 30 nov. 2003 (Edição n. 1)

Jornal Panorama, Juiz de Fora. 05 dez. 2005 (Edição 737)

KOTSCHO, Ricardo. *A prática da Reportagem*. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 80.

MELO, José Marques de. Jornalismo. esportivo. In.:
_____. *Jornalismo Brasileiro*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003. p. 111 – 116.

PAIVA, Raquel. *O espírito comum*. Comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. 205p.

PERUZZO, Cícilia M. Krohling. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXVI Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, 2003, Belo Horizonte/Minas Gerais.

PILATTI, Luiz Alberto; VLASTUIN, Juliana. *Esporte e mídia: projeção de cenários futuros para a programação regional e global*. Disponível em: <[www. efdeportes.com](http://www.efdeportes.com)>. Acesso em: 30/03/2005.

ESPORTE XXI - *Projeto Esporte XXI – Perfil dos profissionais do desporto. Relatório de pesquisas com profissionais do Desporto de Juiz de Fora*. Juiz de Fora. UFJF. Nov. 2002. p. 146

Tribuna de Minas, Juiz de Fora. Ago. 1981. (Edição Especial).

7-ANEXOS

7.1. Carlos Alberto Ferreira

7.2. Bruno Schincariol

7.3. Ricardo Corrêa

7.4. Ricardo Wagner

7.5. Wendell Guiducci

7.6. Juliana Duarte e Wallace Mattos

7.7. Paulo César Magella

7.8. Ronaldo Dutra Pereira

7.9. Carlos Alberto Ferreira Júnior

7.10. Rodrigo Dias

7.11. Marco Aurélio

7.1. Carlos Alberto Ferreira – Radialista da Rádio Panorama

Entrevista concedida no dia 23/11/2005.

1. Como começou a sua carreira no jornalismo esportivo?

Eu comecei na Rádio Capital de Juiz de Fora que era uma rádio especializada mais em esporte amador, ou seja, aquele esporte que não é o profissional. O Tupi, nós transmitíamos o Tupi, mas só dentro da cidade. Poucas viagens. Era mais o esporte amador. Atletismo, mountain bike, corridas, várias modalidades que tínhamos em Juiz de Fora. E ainda tem. Mas pela dificuldade de que tem o esporte amador. Porque o cidadão do Brasil, que pratica o esporte amador, ele não vive do esporte amador. Ele tem que ter uma outra renda e, normalmente, é uma renda pequena de um trabalho árduo. Tem um corredor aí (em Juiz de Fora) que é porteiro durante à noite, treina na parte da manhã, dorme até um pouco mais tarde para voltar a noite e trabalhar de novo. Então, se desgasta muito e ele não consegue o apoio da sociedade através do patrocínio. Quando consegue é um ou outro que

tem um certo privilégio e consegue esse apoio, esse aporte financeiro para competir, para participar de campeonatos. Talento tem, precisa é ser mais explorado.

E você me perguntou como eu comecei? Eu comecei na Rádio Capital que é uma Rádio de nome mas de pouco aporte financeiro também. Com isso, era voltada para suas seleções mais para o esporte amador. E aí, trabalhei com muitas pessoas aí. Muitos jornalistas formados e outros não. Outros viviam exclusivamente do rádio, outros não viviam. Mas com isso, você vai adquirindo experiência, conhecimento, estudando também, sendo estudioso do assunto e voltado para a coisa local. Você vê: eu e o Marco Aurélio a gente dá muito mais espaço para o local. Ah, mas o programa de 18 horas é, às vezes, com noticiário do Rio?

Porque o local não está conseguindo preencher aquele espaço. Precisa preencher com o esporte amador, o esporte local, regional. Porque esse a gente vive o dia-a-dia. Porque tem o atletismo, você vai lá, acompanha, você vê, conhece o atleta. Se tem o atletismo do Rio, você não conhece, a gente vê só a distância, pela imprensa. O treino do Vasco a gente não acompanha, o treino do fluminense a gente não acompanha. Mas o nosso aqui sim! Esse a gente acompanha. E quem acompanha de perto tem condições de ter uma opinião, de ter uma visão melhor daquela situação. Porque está vendo dia-a-dia. O quê não acontece no nacional.

2. Como é que você observa o esporte de Juiz de Fora hoje? Como você classificaria o esporte da cidade atualmente?

Ele está precisando ser repensado. Está precisando ser passado a limpo. Mesmo. Mas como é ser passado a limpo? Ter mais espaço através de patrocínio que não se consegue. Hoje, uma viagem, ela fica tão cara para um amador quanto para um

profissional. Ela fica tão cara nesse sentido porque as despesas são as mesmas e a mídia ela abre o espaço.

O jornal impresso abre o espaço. Seja o Panorama, seja o Tribuna ou qualquer outro jornal que tiver ele abre o espaço. O que ele precisa é ter uma página de esportes todos os dias e se ele não tem a matéria prima de Juiz de Fora, ele tem que buscar em algum lugar para preencher aquele espaço que é dedicado ao esporte.

3. Então, você acredita que o esporte de Juiz de Fora, hoje, está em baixa a ponto de não estar dando suporte necessário para se montar as páginas de jornais?

É verdade. Com isso, o jornalista, dono daquela página, responsável por aquela página ele tem que buscar matéria em algum lugar e ele vai buscar fora daqui, porque aqui não consegue. O que acontece?! Você vê: Tem o Geraldo Francisco de Assis que é corredor aqui há mais de 20 anos. Tem mais de 20 anos que ele corre. Não houve renovação. Está em forma? Está sim! É um bom competidor. Mas não ouve renovação ainda nessa parte. Por quê? Porque não há o apoio. Ninguém vai investir.

O futebol profissional? Traz jogador de fora e não se vai observar. Não tem aquele cuidado de ir para a várzea, observar quem está jogando; se tem talento ou se não tem, se aquele pode ser melhorado, se aquele vai ser um pouquinho mais lapidado. Falta nascer melhor a coisa. Falta tratar a coisa no nascer do ouro. Aí, sim. Você vai ter a matéria prima local e vai dar o espaço. Ah, essa história de que é porque estamos perto do Rio, perto de São Paulo, todos nós somos bairristas. Todos nós defendemos aquilo que é nosso, desde que tenhamos matéria prima para tal.

4. O que você acredita, então, estar precisando ser resgatado em Juiz de Fora para trazer, para alavancar esse esporte novamente? Quais seriam os atributos que estão faltando para que o esporte de Juiz de Fora consiga viver os momentos áureos que ele já viveu?

Vontade né?! Querer né?! Porque público tem. Você vê: porque em qualquer atividade bem organizada, bem planejada tem público. Tem espectador. Não adianta ter o futebol sem torcedor, não adianta ter o atletismo sem algum espectador para acompanhar ali. Então, se for bem trabalhado, se for bem organizado, não se pode fazer de qualquer jeito. Tem que planejar. Tendo planejamento, custo, benefício, o quê que vai ganhar. Mas ele quer ter o benefício, hoje. Ah, quanto eu vou receber? Quanto eu vou ganhar? Sem começar. Tem que começar bem planejado. Planejar pessoas do meio envolvidas, conhecedoras do assunto, vai sim conseguir. Talento tem. Não só na cidade, como também na região. Precisa é trabalhar bem a coisa.

5. Eu acredito que tem pouco espaço nos cadernos de esporte nas mídias impressas locais para o esporte da cidade. Você confirma? Você acredita nisso também ou discorda dessa minha opinião?

Tendo atividade no esporte local o jornalismo dá espaço. Seja os que estão ai hoje, os que já estiveram e os que vão chegar. Tendo matéria-prima local ele dá espaço. O problema é que não está tendo. Você faz uma corrida aí de atletismo e tem lá 3, 4 ou 5 competidores. Não foi mobilizado o suficiente, não foi divulgado o suficiente, não foi apoiado. Então, o jornalista vai lá e faz uma matéria pequena porque ele precisa de algo para completar aquilo dali e aí, ele vai buscar no Rio.

Se você for medir no final do dia a página, um terço dela foi para o local e dois terços para o Rio, São Paulo, nacional.

Enfim, por falta daquilo. Porque se tiver aqui o jornalista dá espaço sim. Ele tem essa preferência. Todos os que estão aí hoje, os que já estiveram, os que vão chegar estão sempre empenhados em apoiar. Tem que ter. Mas não tem. E quando tem, é mal organizado. Tem exceções é claro! Mas essas exceções são poucas para se conseguir montar uma página inteira de jornal diariamente.

6. Esporte e imprensa: Como você vê essa relação? A informação sobre o esporte local chega facilmente até vocês da imprensa?

A pessoa tem muito aquele sentido de montar uma competição só para ela. Ela não quer divulgar. Se ela atendeu ali, na sua comunidade, se divulgou no bairro, ele não tem muito interesse em divulgar para a região toda. Ele não tem aquele cuidado de divulgar porque quando quer divulgar consegue espaço sim. Basta querer! Ah, mas a imprensa, o repórter não tem a função de buscar? Sim! Ele vai buscar desde que tenha o local apropriado, a competição com a programação definida previamente, o local que vai acontecer aquele evento. Contudo isso a imprensa busca o espaço. Só que o organizador, muita das vezes, ele não tem a preocupação de dar uma divulgação maior do seu evento.

7.2. Bruno Schincariol – Editor Geral do Jornal Panorama

Entrevista concedida no dia 23/11/2005

1. Com se deu a fundação do jornal Panorama? E por quais mudanças a editoria de esportes já passou?

Eu entrei aqui no finalzinho de outubro de 2003 para ser repórter de esportes, na época o editor era o Carlos Alberto Ferreira Júnior. Depois de um certo tempo, eu virei sub-editor, editor e, hoje, eu sou editor geral.

No esporte, no primeiro momento do jornal Panorama, a gente tinha uma equipe até razoável, quando agente tinha, além do Carlos Alberto Ferreira, eu, o nosso querido Antônio Marcos e mais um estagiário. Então, a gente tinha uma equipe que dava para gente cobrir bastante coisa. Então, a gente acabava fazendo um trabalho até bem parecido com o que eu fazia no Tribuna de Minas antes, que é um trabalho praticamente de garimpo.

Porque essas notícias não chegam muito para gente, essas notícias a gente tem que acabar garimpando mesmo. O que eu quero dizer com isso? A gente pegar – a gente sabe que aqui tem aquele ciclista tal – ligar para ele e falar assim: -“e aí, cara, tem alguma coisa? Vai competir quando? Tem algum resultado? O quê é que tem?”.

Se não tem competição, como está acontecendo com o Tupi, hoje, não está participando de nenhuma competição, não sabe se vai disputar alguma coisa no ano que vem, tentar esquentar uma matéria. Falando assim: - “Na semana que vem, a diretoria do Tupi se reúne para tentar fazer alguma coisa!”. Então, praticamente, é um trabalho de garimpo mesmo. Porque, com raríssimas exceções, que tipo de exceções? Os corredores, por exemplo, eles se organizaram de uma tal maneira que eles têm um responsável por mandar as notícias para gente. Então, essa pessoa, independente de ser corredor de Juiz de Fora ou de não ser, independente de qualquer coisa, esse responsável manda quem vai correr, as expectativas, tal e tal. Se interessar, a gente faz ou não. Mas, de uma maneira geral, essas notícias não chegam com muita facilidade para gente. Então, é quase que um trabalho de garimpo.

E isso se desenvolveu de tal maneira que, com a evolução do Panorama - a evolução que digo é a evolução com o passar do tempo – aqui, no jornal, a gente acabou perdendo um número de pessoas na editoria de esportes, de maneira que a gente ficou com uma só pessoa. Então, a gente acaba tendo, já que a gente não tem mão de obra o suficiente para abraçar o mundo com as pernas, a gente que trabalhar com prioridades. Então, o quê que acontece: a gente já tem algumas pesquisas de opinião que apontam, não que isso seja 100% verdade, mas já que são pesquisas de opinião, podem estar certas como podem estar erradas, que apontam que, o público de maneira geral, não tem muito interesse pelo esporte local. O quê que o público quer saber, rigorosamente? Futebol. Vasco, Flamengo, Botafogo e Fluminense.

Outros esportes, como vôlei, por exemplo, acompanham o desenvolvimento do esporte, no Brasil. O que eu quero dizer: o vôlei, por exemplo, está no topo? É de interesse. O tênis era. Subiu junto com o Guga e desceu junto com o Guga também. Hoje, não se fala mais de tênis. Então, de maneira geral, o brasileiro gosta de futebol. Então, quase que se limita a isso. Hoje, o Panorama, apesar de ter, principalmente, na sua edição de terça-feira, porque tem alguns competidores que fazem alguma coisa durante o final de semana, ligam para gente e a gente acaba divulgando alguma coisa local, mas basicamente é isso. Uma notinha aqui, alguém que vai competir ali.

E acontece muito, como não são competidores de grandes destaques, acontece muito deles ligarem para avisar que estão indo e somem no dia que tem o resultado. Eu divulguei o resultado na terça-feira, obviamente, e é um resultado expressivo porque é uma competição importante. É uma maratona, uma prova de 10 Km em São Paulo que o competir daqui ligou para falar que ficou em 25º lugar. Apesar de ser uma prova importante, não era um resultado expressivo. É uma marca importante, mas não é um resultado expressivo. O outro nem apareceu aqui porque ficou em quadragésimo tanto. Eu que consegui descobrir o resultado dele pelos meus caminhos. Então, acontece que eu costumava até falar que o jornalismo local acaba virando obra de caridade – não me utilizando do lado pejorativo do termo – porque você divulga para colocar entre parênteses o nome do patrocinador do cara para ver se ele consegue não pagar para fazer esporte.

Então, acaba que ele se limita a isso hoje em dia. O cara vai te ligar no dia em que ele vai competir e some. Te liga se o resultado for bom e some se não for. Então, o esporte local quase que se resume a isso hoje em dia. É complicado.

2. Como você mesmo disse, o futebol para os veículos de comunicação é o carro chefe. Se os clubes da cidade desenvolvesse essa prática, tais como em épocas do Tupi, Sport e Tupinambás, o jornalismo esportivo da cidade seria diferente?

Não só acredito, como eu tenho certeza. A gente pôde perceber isso nos momentos do Tupi. Recentemente, mesmo, atravessou por, participou de competições importantes no caso da Copa do Brasil. A mobilização que foi. A gente percebeu isso em pequenas coisas como o número de e-mail que a gente recebe. Eu escrevo uma coisa do Tupi e aí, no outro dia, é e-mail falando bem, falando mal. Independente disso, a gente vê que tem mais repercussão. Eu tenho certeza que, se a gente tivesse um clube de futebol ou uma equipe de futebol aqui em Juiz de Fora que tivesse participando de competições importantes, que seja o campeonato mineiro da primeira divisão, a gente teria a necessidade de estar lá, diariamente, no campo, cobrindo. Porque há essa demanda de informação. Se a gente não faz o leitor liga no outro dia cobrando. O que a gente não sente com os outros esportes. A gente tinha outro, que a gente perdeu recentemente, infelizmente, o Thiago Machado. Que era um atleta de ponta. Estava entre os 5 melhores do Brasil e ninguém sabe, praticamente, quem era o Thiago Machado. Não há aquela cobrança por saber informações a passo que, quando tinha o Tupi, se a gente não desse a notícia no outro dia. É o único momento, na verdade, que existe uma concorrência verdadeira entre Tribuna de Minas, Diário Regional e Panorama, o que seja. É nesse momento que a gente busca o furo. Porque fora disso, ninguém nem considera o furo.

Não existe um assunto, aqui em Juiz de Fora, esportivo, que possa motivar o chamado furo. A não ser esporadicamente. Algo eventual. Já no Tupi não. Quando, recentemente, a gente pôde, há um, dois anos atrás, era aquela coisa de cobertura diária, que a gente vê nas outras editorias e que, no esporte, hoje em dia a gente não tem mais.

3. Você vê o esporte de Juiz de Fora em baixa? A falta do profissionalismo, a existência do amadorismo, prejudica o jornalismo esportivo?

Com certeza. Porque eu costumava dizer que, quando eu ia participar dos treinos lá do Tupi, que um time forte não é importante só para o Tupi ou para a cidade. Mas é importante, também, para nós jornalistas, jornalistas esportivos. Por quê? Porque é notícia. As coisas funcionam, mais ou menos, como um ciclo vicioso. Se tem o clube, tem a notícia e a coisa vai girando. Fora isso, o esporte se resume praticamente a nada. Volto a dizer aquilo que eu já te falei: é quase um trabalho de caridade. Então, o esporte de hoje em dia, aqui em Juiz de Fora, por “n” motivos que vão desde a falta de apoio, a falta de pessoas dispostas a treinamentos de alta performance, quer dizer, não digo nem disposição, mas a maioria das pessoas não têm como se dedicar, o dia todo, a viver do esporte.

Por exemplo, a gente a Andriléia aqui, que até pouco tempo, era faxineira. Ela foi quarto lugar na maratona de Curitiba. Ela tem que faxinar e treinar para correr uma maratona. Então, uma coisa cai na outra: se você não tem apoio, não tem como se dedicar ao treinamento.

Então, te digo que, hoje, o esporte de Juiz de Fora, com algumas exceções, está muito em baixa. A gente tem pouquíssimas exceções, hoje, de pessoas que competem de igual para igual com os principais atletas do Brasil.

4. No início, eram quatro os responsáveis pelo fechamento do caderno de esportes do jornal Panorama. Hoje, o mesmo conteúdo é de responsabilidade de uma só pessoa. Além do fator mão-de-obra, quais são os outros motivos apontados para que o jornal Panorama adote essa postura de priorização?

Essa questão da mão-de-obra que eu falei no início da entrevista, com certeza, ela é determinante no seguinte sentido: se eu tenho uma matéria de interesse popular, eu gostaria de ter um repórter que ele pudesse ir para a rua e desenvolvesse a matéria, fizesse o que a matéria mereceria. Mas só nesse sentido.

Porque quando eu falo em apelo popular é isso que é o determinante. Se a matéria é de apelo popular, ela seja aqui ou não seja aqui em Juiz de Fora, a gente vai fazer essa matéria. Só que poucas coisas no esporte de Juiz de Fora, hoje, possuem esse apelo popular. Então, o que a gente prioriza na editoria de esportes do jornal Panorama é o que vai interessar o leitor. Se for aqui em Juiz de Fora, como o Fluminense que está treinando aqui hoje, a gente vai cobrir o que está acontecendo em Juiz de Fora. Se não for em Juiz de Fora, a gente vai cobrir o que não está acontecendo em Juiz de Fora. Mas, basicamente, a nossa diretriz maior é o que é de interesse. O que é de interesse a gente vai fazer. Seja de vôlei, de bocha, de malha, o que for. Se for de interesse a gente cobre. É isso o que é determinante.

5. Eu entendo, nos conceitos de fora das redações que o leitor não se interessa tanto pelo esporte local porque não lê, porque não está nas páginas de esporte do jornal. Se tivesse, interessaria. Como você vê isso?

Obviamente, eu não tenho como lhe afirmar isso porque eu não sou dono da verdade, nem tenho pesquisas ou dados que confirmem isso. Mas, pelo o que a gente sente, resposta de leitor, ou até mesmo no dia-a-dia quando a gente está nas ruas ou porque reconhecem a gente da TV e alguém chega para falar, basicamente, essa resposta do leitor

só vem quando o assunto é futebol. Você pode perceber isso, não só no Panorama, mas você pode perceber isso também nos grandes jornais.

Vamos citar o Lance! que é o grande jornal esportivo do Brasil. Ele tem duas ou três páginas para cada time e uma página para todos os outros esportes. Uma para vôlei, uma para basquete. Não sei se eles têm alguma pesquisa também, mas é algo empírico. No dia-a-dia a gente vê que é isso. Óbvio que eu acredito que exista um interesse sim, mas um interesse muito restrito, localizado na pessoa que está competindo ou daqueles que conhecem essa pessoa ou, ainda, aqueles que se interessam por tal modalidade.

Futebol é uma preferência nacional, não há como negar. Até quem não gosta de esporte, ou não entende de esporte, sabe de futebol. Sabe o nome do atacante da seleção brasileira, sabe que o Brasil vai disputar a Copa no ano que vem. Então, eu acho que a gente não deva ignorar essas matérias, mas elas têm que ser colocadas em ordem de prioridade. Não adiante eu tirar uma nota do Flamengo para dar uma página de Mountain Bike porque não vai colar isso. Amanhã, eu vou receber mil cartas de pessoas me enxovalhando.

6. Como é a relação esporte e imprensa? Os fatos esportivos chegam ou não chegam às redações?

Como as editorias, e isso não é uma característica apenas do Panorama, mas é uma característica de todos os jornais, as equipes são muito pequenas, a gente não tem como monitorar tudo o que está acontecendo em todos os esportes. Então, a gente depende muito desse atleta ou dessa assessoria de imprensa de uma atleta que entre em contato conosco para poder divulgar. E a gente percebe que só existe esse contato quando o atleta está em alta.

Então, acontece, muitas vezes, de a gente estar divulgando um mês o taekwondo. Aí, acontece algum problema com o taekwondo, ele, estão em baixa e some o taekwondo. Eles não ligam mais. Aí que entra aquele trabalho de garimpar que eu tinha te falado. Você tem que ligar e perguntar: -“ Não, mas esse mês eu não competi bem, por isso eu não estou ligando.”. É isso que acontece. É um jornalismo muito comunitário. Apesar de Juiz de Fora ser uma cidade grande demais, a parte esportiva é muito comunitária. É um trabalho de garimpo mesmo.

7. Fazendo uma análise do seu tempo de jornalismo esportivo, como você vê o jornalismo esportivo de Juiz de Fora Hoje?

Eu acho que, durante muito tempo, o jornalismo esportivo local, a base do jornalismo local esportivo era o Tupi – é até complicado disser isso. Com esse fim antecipado, com esse anúncio antecipado de um fim que pode acontecer ou não no ano que vem, de não disputar nenhum campeonato, isso acabou prejudicando e muito a cobertura nossa diária porque uma coisa puxa a outra. Se o futebol cresce, as outras modalidades crescem e o interesse por matérias locais também cresce.

E como o futebol é o carro chefe e o nosso único representante é o Tupi isso acaba levando para baixo todas as outras coisas. Então, eu acho que, nesse momento, não digo que a gente está caindo, mas está estagnado. E está estagnado numa posição ruim. Numa posição muito ruim porque não existe mais a cobertura diária no jornalismo. Esse é o grande lance. Não existe mais uma cobertura. Por exemplo, a gente tem o Thiago Aroeira que é um atleta de destaque, mas a gente dá a notícia que ele ganhou alguma coisa e no outro dia não tem mais nada.

Eu não vou dar uma notícia: – “hoje, pela manhã, o atleta Thiago Aroeira treinou.”, como eu fazia com o Tupi. Ou, ainda: -“ ontem o jogador se contundiu em um treino”.

Não existe essa cobertura diária. Então, é uma cobertura eventual. E isso não é legal para o jornalismo como um todo, especialmente, para o esporte. Não há continuidade. E isso é problemático.

7.3. Ricardo Corrêa – ex-repórter de esporte do jornal Panorama

Entrevista concedida em 25/11/2005

1. Quais são suas experiências com o jornalismo e com o jornalismo esportivo?

Eu formei no final de 2003, logo da fundação do Panorama e aí eu fiz uma prova para entrar no Panorama como repórter de política. Fiquei três meses como repórter de política e o jornal fez algumas mudanças e com isso precisaram de mais uma pessoa no esporte e eu passei a fazer a editoria de esportes junto com o Bruno Schincariol. Aí eram duas pessoas fazendo a editoria de esportes. Até que, mais alguns seis meses, as coisas

tenham mudado de novo, eles fizeram outras mudanças e eu passei a fazer o esporte, editar o esporte sozinho.

Aí passei a cumular a chefia de redação do jornal também, quer dizer, acabei juntando uma série de coisas que foram até agora, há três semanas atrás.

Na verdade, a questão ,maior do jornalismo esportivo em Juiz de Fora que eu acho mais importante ressaltar é o seguinte: Primeiro, porque a gente está juntando duas áreas problemáticas em Juiz de Fora, hoje. Que é o esporte e o jornalismo impresso. Então, o jornalismo esportivo impresso ele junta os problemas dessas duas áreas.

O jornalismo impresso da cidade, em todas as áreas do jornalismo impresso da cidade, sofrem uma crise muito grande. Por mais que tenha sido lançado o jornal na cidade há pouco tempo, o que se sabe, o que se consegue ver pelas pesquisas, pela própria venda dos jornais é que, em primeiro lugar, Minas já não lê jornal, não é comum. Os números de venda de Minas, em relação aos outros Estados do país, são muito ruins. E os números de Juiz de Fora em relação a Minas também são muito ruins. Ou seja, na verdade, Juiz de Fora está lá em baixo, no fundo do poço mesmo nos números de venda de jornal impresso. E isso se reflete em todas as áreas, inclusive no esporte. E o reflexo maior é que os jornais precisam reduzir custos e, com isso, acabam cortando pessoal. E o esporte é a primeira área em que se corta pessoal.

E dessas áreas, o esporte sofre um pouco mais, até porque as pesquisas dizem que o público não abre mão das notícias de cidade, das notícias de polícia, das notícias de política e acaba que o esporte é quem perdem principalmente, o esporte, a cultura – a cultura também sofre muito disso – então tem esse problema.

O jornalismo impresso já não funciona em Juiz de Fora. Os números dos jornais, se somarem os dois, são insignificantes. Claro, aí cabe de cada jornal dizer quais são seus números, quanto vende, mas são insignificantes. Se um jornal de Juiz de Fora tivesse a

venda de todos, ou seja, por exemplo, se o Panorama somasse a venda dele, com a venda do Tribuna e com a venda do Diário Regional juntasse tudo, ainda assim, não teria uma boa venda. Ainda assim, não seria o suficiente para fazer o trabalho ideal no jornalismo.

E tem uma outra questão que é a questão, outro problema, que é o do esporte na cidade mesmo. O esporte vive uma crise na cidade, principalmente, porque perdeu seu carro chefe que é o Tupi. Que embora ainda esteja tentando, ainda esteja buscando novas parcerias, perdeu credibilidade. Com isso, perdeu seus patrocinadores e dificilmente vai conseguir resolver essa situação em pouco tempo. Talvez, nos próximos cinco anos a gente ainda tenha esse problema. E como o futebol é o carro chefe de fato e o Tupi é o carro chefe no futebol e no esporte da cidade ele acabou contaminando. É uma avaliação que eu faço. O esporte, já é mais difícil fazer esporte em Juiz de Fora, hoje, já é mais difícil conseguir patrocínio para o esporte hoje. Até mesmo pelas experiências que tiveram os patrocinadores, que resolveram apoiar o Tupi. Então, é mais difícil para o Sport montar um time. É mais difícil para o Tupinambás montar um time e voltar para o futebol. É mais difícil para os outros esportes. Os esportes coletivos que são, realmente, os carros chefes.

No Brasil, o público gosta mais dos esportes coletivos mesmo. Tem mais apelo popular. O futebol, o vôlei, quando ganha alguma conquista importante, e os esportes individuais, embora em Juiz de Fora eles tenham, estejam mais ou menos, no mesmo nível que estavam alguns anos atrás, não tem tanto apelo assim.

E aí, tem um outro problema que é o seguinte: por mais que o jornal queira divulgar esses esportes individuais, não é tão fácil quanto divulgar os esportes coletivos. Primeiro que não existe uma estrutura. Não existe uma assessoria. Os jornais já têm pouca gente, então já é mais difícil correr atrás.

Por exemplo, o caso dos corredores de rústica em Juiz de Fora. São muitos os corredores de rústica. Mas todos muitos difíceis de encontrar. É aquele telefone do vizinho

para avisa. Então, é muito difícil de marcar, de organizar, de saber o que está acontecendo. Tem até uma associação dos corredores que resolve um pouco. Então, talvez as corridas, o ranking de rústicas seja as mais divulgadas hoje em dia.

Se pegar o que é mais divulgado, hoje, na cidade, uma das coisas mais divulgadas eu acho que são as corridas de rústicas. Agora, outros esportes não. É, não tendo uma associação, não tendo uma assessoria é um pouco mais difícil. Não existe hoje tempo para que os jornalistas corram atrás, também porque não há uma cultura nas empresas de comunicação de apoiar o esporte.

Na verdade, talvez, aqui na Organização Panorama tenha tido, até pouco tempo. Mas isso também se perdeu um pouco por uma série de motivos. O próprio fato da morte do Antônio Marcos fez diferença porque ele era uma pessoa que lutava muito por isso. A saída do Eduardo Monsanto também indo para fora. Então, quer dizer, o grupo de pessoas que faziam com que o esporte acontecesse diminuiu, reduziu. E o próprio fato de eu e o Bruno termos assumido função de chefe de redação e editor geral do jornal também tenha feito com que a gente tivesse que se afastar do esporte. Isso deu espaço para que a empresa reduzisse um pouco a cobertura esportiva como forma de cortar custos.

No caso da TV, por exemplo, para acabar com a hora extra, teve que acabar com o programa. Jogar dentro do MGTV porque aí se não tivesse matéria de esporte poderia encher com coisas de Belo Horizonte, matérias nacionais de Belo Horizonte, locais de Belo Horizonte. Então resolvi esse problema de horas extras e tudo. Era uma solução muito cômoda, não é a melhor. É claro que não. O ideal seria que o programa continuasse. Mas essa foi a solução que eles encontraram.

2. Você acredita que o futebol é o carro chefe do esporte. Não existindo clubes profissionais em Juiz de Fora e vivendo a má fase do Tupi, você acredita que isso dificulta o jornalismo esportivo da cidade?

Dificulta. Na verdade, é mais um problema. Pode ver que qualquer matéria que você faz de esporte que o Tupi, hoje em Juiz de Fora ele ainda assim tem um alcance muito diferente dos outros. Dá muito mais repercussão falar do Tupi, porque o torcedor ainda tem esperança de que o tupi consiga, ainda nos próximos meses resolver essa situação e voltar a disputar. O fato de estar na segunda divisão atrapalha. Na verdade, é um ciclo vicioso. O esporte está nessa situação também porque faltou apoio e também faltou apoio porque faltou divulgação.

Então, é um ciclo vicioso. Se você pegar como exemplo o campeonato Panorama de futebol regional em 2004 e em 2005 você vê isso. No campeonato de 2004 só se falava de campeonato regional. Foi um sucesso absoluto. Mas por quê? Porque tinham os veículos da empresa que estavam organizando e que fizeram muito mais divulgação e podiam fazer muito mais. Tinha mais gente para fazer. Então era uma página por dia no jornal, era transmissão de todos os jogos na rádio. Teve transmissão da final na TV. Então era maciça a campanha. O público foi muito grande nos estádios, a repercussão foi muito grande e funcionou muito bem. Os times tiveram mais facilidades para conseguirem patrocinadores. Então, quer dizer, é possível. Se for muito bem divulgado os patrocinadores e dá certo.

Em 2005 já não foi assim. O jornal não tinha gente suficiente para fazer. Tinham duas, passou a ter uma. A rádio, no meio do campeonato precisou cortar as transmissões para cortar as horas extras. A TV acabou cancelando a transmissão que ia ter, diminuiu a cobertura e com isso passou despercebido, em Juiz de Fora, o campeonato de 2005. Nas

outras cidades não aconteceu isso porque as rádios, as coisas dessas cidades apóiam. Porque tem pouca coisa, menos do que aqui. Eles não tinham outra opção.

Então, tem essa questão. É um ciclo vicioso. Na verdade, o Tupi está nessa situação por esses motivos que falei. Claro! Tem a questão da credibilidade. O problema do Tupi é muito sério. Ninguém acredita no Tupi por todos os problemas que tiveram lá. Pelas pessoas que tiveram lá. O tupi passa isso para os outros esportes na cidade.

Tem uma outra questão que é a seguinte: na verdade, os jornais já tem no esporte muitas obrigações. Quais são essas obrigações? Como a cidade é mineira, mas tem características principalmente no esporte de torcer para os times cariocas, os jornais precisam cobrir os quatro times cariocas e dois mineiros. Cobrir não, porque isso vem de agência. Mas o espaço do esporte já fica comprometido com os quatro times do Rio – que não necessita dizer – e os dois times de Minas. Então acaba que temos que cobrir esses seis clubes. Então, já é um espaço muito grande que se gasta. É um tempo, um trabalho muito grande gasto com edição. Além disso, temos que cobrir o Tupi. Então, quer dizer, sobra pouco espaço e pouco tempo para se trabalhar o esporte local.

E aí tem uma outra questão. Nos dois jornais principais da cidade o esporte ocupa um espaço complicado. No caso do Tribuna ele ocupa a página colorida que, além da capa, tem aquela página colorida, quando tem outra lá para dentro, é raro ter. Às vezes, é claro, a capa de caderno de cultura.

Então, quando tem publicidade colorida, que é a publicidade mais cara, elas tem que entrar nessa página. Então, o esporte perde um pedaço dessa página. E tem um outro problema: que são duas páginas. Quando entra o “Atos do Governo”, por exemplo, que está no Tribuna e entra ali no meio, você não pode cortar informação nacional, tem pouco espaço. Você não pode cortar informação de mundo. A cidade não se mexe. Está lá na

frente do jornal. Então, acaba sobrando para o esporte. Então, o esporte perde uma página também.

Então, tem dia que chega o jornal lá com três páginas de esportes, tem dia que você vê o jornal com uma e tem dia que com menos de uma. Então, assim: não dá nem para planejar matérias especiais, nasa disso.

No Panorama, também, o que tiver de colorido, muitas vezes, entra na contra capa, aí já não é tanto problema. O maior problema no caso do Panorama é que o classificados fica no meio do jornal. E o encaixe de páginas não permite que você mexa para frente. Porque senão, se você mexer para frente, você desencaixa as cores do jornal inteirinho. Aí, a cultura sae da página colorida, quer dizer: bagunça tudo. A capa dos classificados sae da página colorida e como tem essa contenção toda de despesa, porque se não o jornal passa a custar mais do que seu preço de fábrica. Sempre se corta para trás. Então, também acontece, de você ter dia que jornal tem cinco páginas tablóides de esportes e dia que você tem três, duas às vezes. Não passa de duas porque não tem outro jeito. Mas isso acontece.

Então, é um outro grande problema. E aí, junta com a questão que, no Panorama, é muito séria, que é a de pessoal e aí, você chega num dilema: ou você tem muita página – quando você tem muita página, você tem tanta coisa para fazer, tanta edição nacional para fazer que você não tem tempo para fazer matérias locais. E quando você não tem tantas páginas para fazer, você não tem espaço para pôr essa matéria.

Então, você consegue fazer, mas não consegue colocar. Então, assim, é um problema muito grande. É uma série de problemas juntos. O próprio fato disso que eu falei. A empresa perdeu algumas peças importantes no esporte. O que atrapalhou.

No caso da Tribuna, não. Ela tem lá seus três jornalistas esportivos que, em Juiz de Fora, pode ser considerado muito bom. Eles teriam condições de fazer até mais coisas

locais, mas aí, já não tem tanta coisa. A empresa não é tão ligada assim, não gosta tanto, não promove tanto.

3. Vale a pena a divulgação do esporte amador de Juiz de Fora nos veículos de comunicação impressa da cidade, hoje? Como você vê isso?

Eu acho que, em primeiro lugar, o esporte amador de Juiz de Fora é muito amador, mais amador do que deveria ser. Então, é o que eu falei. É difícil cobrir o esporte em Juiz de Fora, hoje. O mais importante é o seguinte: independente de valer a pena ou não tem que ser dado mais espaço, mais do que é dado hoje. Até por uma questão – é muito chato falar disso, mas a gente conversa entre nós e, no fundo no fundo – por uma questão filantrópica. Porque se a gente não der, vai piorar a situação. Já está ruim; a coisa já está feia. Já tem pouca gente praticando. Se a gente não der. O caso dos corredores de rústica é clássico. Eles ganham patrocínios de dez, vinte reais. São patrocínios muito pequenos. Se você não der, se você não abrir espaço, até que não tem em outras editorias, mas que o esporte abre esse espaço de colocar entre parênteses o patrocinador de cada um. A gente coloca assim: -“Fulano de tal; aí tem lá: patrocinadores: não sei quem lá / não sei quem lá/ não sei que”.

Se não der, vai acabar. Eles não vão ter patrocínios nenhum. Se eles não tiverem nenhuma notinha que seja para mostra, vai acabar. Então, independente disso, antes dessa análise de que se vale a pena ou não a pena, tem essa análise. Tem que fazer! O ideal seria fazer muito mais do que isso. Certo seria fazer muito mais do que isso. Porque o que está se fazendo é acabando com o esporte da cidade aos poucos. E os jornais impressos estão dando contribuição para eu o esporte acabe. Se vale a pena? Eu acho que vale, mas não a curto prazo. Isso é a longo prazo porque, se divulga, tão pouco que é aquela história: a

oferta gera demanda né?! Se a oferta é muito pouco, as pessoas se interessam pouco então, acaba se gostando menos de esportes. Então, acaba se interessando menos. Quando a gente faz pesquisa, as pesquisas nem falam muito de que querem o esporte local. Normal, não necessariamente, é dizer que não querem. Mas é porque já se costumaram com isso, com não ter. E também, porque não tem uma continuidade.

As pessoas passam a acompanhar quando tem uma continuidade. Se você faz matéria do Tupi todo dia, o cara passa a acompanhar. Se você faz uma hoje, outra daqui a três dias, uma daqui a uma semana, uma daqui a um mês, então, isso é mais difícil.

No caso do Tupi, esse ano de 2005, o Tupi teve atividade 35 dias. Eu estava conversando com o repórter do Tribuna de Minas agora sobre isso. Trinta e cinco dias o Tupi trabalhou. Treinou e jogou. O resto do ano ele não fez nada disso. Então, foi mais difícil dar notícia sobre isso e o povo acostuma com a situação. É um problema muito grande que os veículos têm muita culpa, muita culpa até os jornalistas têm. Menos um pouco porque eles não têm muita saída nesse caso. Não tem gente para fazer. Não tem jeito. No caso do Panorama era uma pessoa para fazer. Aí, você escolhe: ou você edita o nacional, os times do Rio, ou você faz o local. Como o nacional o povo exige e você tem obrigação de dar os quatro times do Rio e os dois de Minas, o tempo que sobra, quando sobra tempo, você consegue fazer alguma coisa diferente de local, que é muito difícil.

4. Você consegue apontar soluções para a realidade do jornalismo esportivo e do esporte de Juiz de Fora?

Eu acho que têm soluções. A primeira, parte do próprio esporte de recuperar, de readquirir, credibilidade. Isso passa muito pelo Tupi, passa pelos outros times, Sport e Tupinambás, que precisam – eu falei uma vez isso num artigo – um pouquinho mais de

coragem de ousar novos desafios porque se não, também, não vão sair do lugar. Não adianta o Sport achar que vai esperar o patrocinador chegar para ele começar a fazer futebol. Ele precisa, primeiro, de mostrar o futebol que lê aparece na mídia para que os patrocinadores apareçam. Então, o problema é esse.

Com relação aos esportes individuais, é mais importante que se criem associações. O ideal seria que tivesse um projeto, não sei - talvez até o pessoal da Faculdade de Educação Física – um projeto de incentivar os esportistas a se organizarem melhor, a criarem, para que seja mais fácil trabalharem com eles. A própria prefeitura, a própria secretaria de esportes e lazer poderia assessorar melhor. Na verdade, a assessoria da secretaria de esportes não precisaria, necessariamente, falar dos eventos que a prefeitura está fazendo, mas divulgar o esporte da cidade. Então, se tem um número razoável de participantes de ciclismo, que se faça, que se divulgue para que a imprensa possa também tomar conhecimento. O ideal não seria isso. O ideal é que se investigasse, que a imprensa corresse atrás. Mas como a imprensa também não pode, esse é um caminho.

O outro caminho é que o jornalismo esportivo da cidade passe a ser mais combatível. Porque também ele é muito pouco combatível. Se investiga muito pouco. Se critica muito pouco. Por vários motivos. Na tRibuna de Minas é uma questão da empresa como um todo não ter colunas opinativas. Não é um jornal opinativo. Só que as matérias também poderiam ser mais investigativas. No caso do Panorama, também, é a mesma coisa. Precisava ser mais investigativo porque aí você acaba dando sua contribuição para que as coisas se organizem. Então, você denuncia se não tem o Kartódromo na cidade ou se ele está sendo destruído. Antes, dava para fazer. Quando eu estava, quando tinha duas pessoas dava para fazer. Agora, não dá mais. Denuncie que não tem kartódromo. Porque o kartódromo está sendo destruído e aí estão diminuindo os praticantes de kart na cidade e vai acabar. Não se ouve mais falar em kart em Juiz de Fora. Tem essas questões todas.

Tem uma outra questão, que essa sim vai dos meios de comunicação que é apostar um pouco mais a longo prazo. Isso vale para qualquer setor de jornal. Hoje, se pensa muito a curto prazo. Então, se pensa no lucro que você vai ter nesse mês, nesse mês, nesse mês e de três em três meses você muda e você nunca chega em resultado nenhum. Então, é apostar mais a longo prazo e isso vale para o esporte também. Apostar que mesmo numa situação de crise, você pode começar a trabalhar sempre colocando mais para o leitor, e nunca menos. Hoje em dia, o que acontece é isso. Está diminuindo, diminuindo, diminuindo. Eu até entendo os problemas financeiros dos veículos de comunicação, mas tem que se pensar a longo prazo.

Cortando, simplesmente, porque não tem notícia, que é a avaliação que eles fazem e que é um erro porque existe notícia sim, se você correr atrás. Não existe notícia para uma empresa que tem uma ou duas pessoas fazendo isso porque ela não tem como correr atrás. As notícias não vão chegar, como chegam em economia. Chegam aos poucos. Um atleta ou outro que chega, mas não tem uma rede para fazer isso. Não tem releases de esporte todo dia para você ficar sabendo o que está acontecendo. Você tem que correr atrás. Precisa de mais gente. Então, a verdade é essa. Não tem notícia porque não tem gente para correr atrás dela.

Se os veículos entenderem que se deve fazer isso a longo prazo, vão saber que colocando mais gente as notícias vão aparecer, vão ter mais notícias e vão gerar demanda também. Então, eu acho que o mais importante é isso: que se pense a longo prazo.

5. Como você vê a relação imprensa e informação sobre o esporte em Juiz de Fora?

Na verdade tem um grande problema que é o seguinte: a informação chega, mas chega por poucas fontes. Você tem algumas pessoas que tem contatos. Então assim: eu falo

muito do ranking de rústicas. Você tem alguns atletas que sempre ligam. Você tem o presidente da associação que sempre liga. Você tem o taekwondo. Você tem duas ou três pessoas que sempre ligam. Tem um canoísta que liga. Assim, tem algumas pessoas que ligam. Essas pessoas saem sempre no jornal. Você pode observar que os nomes mais comuns em jornal, no esporte são taekwondo e karatê que aparece muito. Robson Tavares que é um canoísta que corre muito atrás. Os corredores de rústicas aparecem porque tem um ranking e eles enviam sempre. O Tupi, independente dele entregar, é a primeira obrigação que a gente faz.

As categorias de base do Sport um pouco, mas poderiam aparecer mais porque eles divulgam mais. Os eventos do Vianna Júnior. Então, são as mesmas coisas, mas porque essas mesmas coisas aparecem. O resto, não aparece. Também, não é só obrigação deles. A obrigação é da imprensa de correr atrás também. Mas eles não aparecem, também, porque não tem muito espaço. Durante muito tempo, não se tinha espaço. O cara acostumava a não correr atrás. Tem até um exemplo que não é do esporte, mas que é importante nesse caso. Eu comecei essa semana na acessa.com. Então, eu liguei para a prefeitura para dizer para eles – “Olha, quando tiver coletiva vocês chamam a gente.”. aí, a mulher falou assim: -“Ah, ta! Até teve uma essa semana, mas como a gente sempre chamou e vocês nunca podiam vis, a gente parou de chamar, parou de avisar.

Então, tem essa questão também. O atleta pára de ligar porque ele sabe que não sae. Não sae grandes matérias, não sae. Então, ele pára de procurar, entrar em contato. Quando você começa a divulgar muito o ciclismo, aí começa um monte de ciclista que não ligou, ligar para você também. Então, como se divulga muito o ranking de rústicas, tem vários atletas que ligam. Mas como não se divulga muito o ciclismo – o ciclismo no Panorama, praticamente não aparece – então, praticamente, eles não ligam.

Então, a gente perde o controle com eles também. E quando a gente quer retomar é muito difícil. Pode ver que na Tribuna sae muito mais ciclismo, mountain bike e no Panorama sae muito mais ranking de rústicas, karatê e taekwondo.

6. Apesar de todos os problemas relatados, o jornalismo esportivo precisa fazer suas matérias, precisa falar do esporte local. Como você fazia para driblar todos os problemas e trabalhar com qualidade?

O jornalista esportivo, como o apaixonado por esportes, a pessoa que gosta do esporte, ele é, realmente, apaixonado por esporte. Então, o cara gosta de fazer mesmo. Isso vale para 90%. Não é o caso do repórter de cidade. Tem muita gente que gosta, claro – mas boa parte das pautas o cara vai porque tem que ir. Vai chateado porque tem que estudar aquela pauta. O de esporte, não! O cara gosta mesmo do assunto. Então, acho que isso ajuda um pouco. Nem que você tenha que fazer em casa a matéria. Isso eu tenho certeza que outros fazem também. De pegar e fazer em casa. De chegar em casa para achar coisas porque o cara já lê, já gosta de ler sobre esporte, já acha legal fazer. Acha o maior barato participar de uma transmissão, fazer uma matéria diferente sobre esporte. Nós fizemos uma, eu fiz uma no Ceresp sobre futebol no Ceresp. Ótima de fazer. È legal você vê que o esporte está em lugares diferentes. Você tem aquela coisa de que –“ ah, eu estou incentivando o esporte, estou apoiando o esporte, estou mostrando que o povo é apaixonado por esportes. Então, essa paixão que salva alguma coisa.

Porque é muito cômodo. Fazer matéria nacional é muito cômodo. Não que seja fácil, me consumia muito tempo editando o material nacional, mas como era o que a empresa queria, o que a empresa obrigou o povo a querer, não só a empresa, mas o jornalismo da cidade acabou fazendo com que as pessoas acabassem só gostando disso

mesmo, é o que sae todo dia. È como eu falei: -“como saem matérias dos times cariocas todos os dias, todo mundo quer ler sobre os times cariocas. Então, a primeira coisa que eu (leitor) faço é abrir e ler as notícias do meu time. Então, eu tentava e as outras pessoas também tentavam aplicar um pouco de cosa diferente no nacional. Fazer uma contra capa diferente – acho que era o quê a gente mais gostava de fazer. Trabalhar alguma coisa de diferente do nacional.

Porque o local era assim. Quando tinha alguma coisa, primeiro, quando chegava alguma coisa interessante para gente e quando a gente conseguia arranjar um horário, um outro horário de manhã para fazer, mas tudo na base da paixão.

Até porque se não saísse, para a empresa não faria diferença. A direção da empresa não faria diferença nenhuma, não notaria. Quer dizer, não ia fazer diferença. Claro que para o público faz, mas, infelizmente, esse público está acostumando a não ter. Então, assim, já também, não faz diferença. Quando você dá muita coisa local e quando você dá pouca local a repercussão é quase nenhuma. Porque o público já acostumou. Já viu que não é no jornal impresso que ele vai ler sobre o esporte da cidade.

7.4. Ricardo Wagner – Subsecretário de Esportes e Lazer de Juiz de Fora

Entrevista concedida em 29/11/2005

1. Como você analisa a relação esporte e mídia de Juiz de Fora, atualmente.

Eu posso te falar por três ângulos que eu acompanho o esporte na cidade já, há aproximadamente, 20 anos. Como radialista e jornalista, como dirigente esportivo e árbitro de futebol da liga e como, agora, como Subsecretário de Esportes e Lazer de Juiz de Fora, como gestor do esporte.

E nesse período todo a gente sempre percebeu uma dificuldade grande do esporte da cidade ter um espaço na mídia. E isso, na minha opinião, eu acho que nós, juizforanos, pelos menos a grande parte é um pouco bairrista. Se nós levarmos em consideração que, principalmente, a imprensa paulista, o cidadão paulista e, principalmente, os órgãos de imprensa, eles são extremamente bairristas. Eles valorizam tudo o que eles tem. O mais simples esporte, a mais simples iniciação esportiva deles ou a mais simples competição se transforma numa Copa do Mundo. Tem aquele ditado que diz que o olho do dono é que engorda o porco?! E eles sabem fazer engordar o porco deles, vender o produto deles. Então, também, é assim, no sul do país. Em Porto Alegre, Santa Catarina, Paraná. E nós, aqui na cidade, temos uma cultura de menosprezar as nossas coisas, de não dar valor as nossas pessoas, aos nossos atletas, as nossas iniciativas, aos nossos projetos. Quase sempre os de fora é que são melhores. Sendo que, na cidade, nós temos excelentes profissionais da área de imprensa, temos excepcionais atletas, equipes profissionais na área de educação-física, de treinamento esportivo. Enfim, tudo isso. Então, eu procurei, aí, como radialista e jornalista, desde que eu entrei na rádio, em 1988, eu procurei sempre privilegiar e mostrar esse lado da cidade.

Não só no futebol, no esporte em geral também. Vim de uma escola de rádio, com Mário Helênio, que foi um grande divulgador e incentivador do esporte amador na cidade. O programa que ele fazia, depois eu deu seqüência quando ele morreu. Eu continuei fazendo o programa dele por mais dois anos até a Rádio Solar acabar, definitivamente, co o programa, lamentavelmente.

Nos jornais que eu passei, principalmente, no Diário Regional, eu, Antônio Marcos e Adilson Mattos, nós tínhamos, nós detínhamos a página de esportes do jornal e ela era a única página de esportes, exclusivamente, da cidade. Então, durante dois ou três anos nós produzíamos, diariamente, uma página inteira de jornal standart com as notícias da cidade.

E era pouco espaço. Então, eu acho que é muito mais dos editores, e aí, a gente vai pelo lado da dificuldade financeira, da falta de profissionais, da falta de contratação. Porque é mais fácil você pagar cem ou duzentos reais e receber o noticiário de uma agência igual notícia nacional. Coloca-las ali é mais fácil. E a falta de sensibilidade dos próprios donos de emissora, dos empresários de comunicação. Essa falta de sensibilidade, em não valorizar as coisas da cidade tem nos prejudicado muito. A queda do futebol profissional está ligada, diretamente, a isso. E os esportes amadores.

Agora, como secretário, eu posso falar para você que, nesses últimos anos eu tenho acompanhado o crescimento do nosso esporte na cidade pelos vários gestores que passaram há muitas dificuldades. Ainda há muita dificuldade, mas é um processo gradativo de crescimento. E hoje, nós temos quase todas as modalidades esportivas na cidade. Então, só não divulga esporte quem não quer. Então, o material é muito farto. São inúmeras competições. Competições de nível internacional, competições de nível nacional, competições regionais, competições locais de alto nível. Então, a mídia só não divulga porque ela não quer.

2. Você acredita que a não existência do profissionalismo no futebol de Juiz de Fora prejudica o jornalismo esportivo da cidade como um todo?

Como um todo, não! Prejudica o jornalismo esportivo. Se nós tivéssemos um Tupi forte, se nós tivéssemos três ou quatro equipes, emissoras de rádio transmitindo os jogos do Tupi, os jornais, as televisões seriam obrigados a manterem seus departamentos esportivos e isso vislumbra a contratação de mais profissionais na área de jornal, de rádio, enfim, sem dúvida, o Tupi fora de competições importantes ele gera uma estagnação na área do futebol profissional que é, hoje, o esporte de ponta. Mas, mesmo sem o futebol profissional, nós

temos outras inúmeras atividades, como o próprio futebol amador na cidade que é fortíssimo. Ele mantém, nos últimos dez anos, quinze anos, um crescimento extraordinário. Com uma Copa de futebol amador, em parceria com o supermercado Bahamas, que é uma das maiores do país, com mais de 300 equipes, quase 10 mil atletas, dirigentes e técnicos participantes. Temos as competições de futebol regional com a própria liga de futebol em parceria com as emissoras de TV, com a TV Panorama – na maior competição de futebol amador da Zona da Mata, Vertentes e Mantiqueira. Temos com a TV Alterosa, uma competição de Júnior. Também a mais importante competição de Júnior da Zona da Mata, Vertentes e Mantiqueira.

Isso aí absorvendo mais de 120 cidades, mais de 2 milhões de espectadores. Temos competições de futebol de campo, nas categorias de base o ano inteiro. Dente-de-leite, mirim, infantil e juvenil. Torneios e copas da prefeitura, da liga de futebol. Campos de várzeas do município são movimentados de janeiro a dezembro, o ano inteiro. Com jogos de oito horas da manhã até cinco, seis horas da tarde. Então, é um potencial muito grande, pouco aproveitado.

Agora, não resta dúvida de que, o Tupi não estando na Primeira Divisão do Campeonato Mineiro, não estando participando da Série C, de Copa do Brasil de outras competições, isso acaba caindo bastante a cobertura do futebol profissional.

3. Como que você classificaria o esporte de Juiz de Fora hoje? Ele está num momento de alta, em baixa, estagnado? Tem perspectiva de crescimento? Não é o esporte que a cidade merece?

O esporte da cidade sempre esteve em crescimento. A dificuldade que o esporte da cidade tem foi na parte de planejamento, foi na parte estrutural. E aí, você não pode

colocar um culpado apenas. Todos os segmentos envolvidos tem a sua parcela de culpa. A comunidade esportiva, o município, a imprensa esportiva. Todos têm sua parcela de culpa. Então, o quê é que falta para o esporte hoje? É uma política de esportes da cidade. Pra se ouvir todo mundo que faz, pratica ou está envolvido direta ou indiretamente com o esporte. Diagnosticar e saber o quê é que a cidade quer em termos de esportes e, a partir daí, nós colocarmos para funcionar as leis que beneficiam os esportes, as leis que ganham, que dão diretrizes aos esporte e, conseqüentemente, nessas diretrizes do esporte você vai ter metas, vai ter ações, vai priorizar ações que necessitam de dinheiro, que necessitam de fomento, de sustentabilidade para isso. E qual foi nossa perda? Demorou-se muito. Faltou, tanto mais empenho por parte de todos nós, junto aos políticos da cidade, em ter criado com bastante tempo as leis de incentivo ao esporte, como existe hoje na cultura da cidade. A cultura, com antecedência, brigou pelo espaço justo deles, conseguiu a criação da Lei Murilo Mendes, que é uma lei municipal de incentivo à cultura, existe um fundo municipal de apoio à cultura. Existe uma política para a cultura na cidade.

E o esporte, se tivesse plantado há oito, dez anos atrás, hoje, estaria colhendo. No entanto, foi criada apenas a lei Mário Helênio, que é uma lei de incentivo ao esporte, há cerca de 3 anos. Ela deveria ter sido regulamentada em 180 dias e não foi regulamentada. Então, agora, ela já está defasada em alguns pontos. A nossa missão nesse momento, levada pelo prefeito Alberto Bejani, é essa. É, o mais rápido possível, a gente fazer com que a lei seja regulamentada, mas adequada a nova legislação, às novas leis do município, para que o esporte possa, a partir de agora, plantar e começar a colher, porque, só assim, só com esse incentivo, só com o fundo Municipal do esporte, com a captação de empresas através de parcerias, mas dando a elas, também, algum tipo de retorno. Não é só dar dinheiro. A parceria tem que beneficiar todos os envolvidos.

As empresas, também, têm que ter alguma coisa em troca. Essa a redução do IPTU, a redução do SSQN, redução de impostos, algum tipo de benefício, como a própria utilização dos espaços esportivos para os seus próprios funcionários, para a própria empresa.

Então, o nosso próximo passo é esse. Definir, exatamente, a política de esporte da cidade e a criação de leis e a regulamentação das que já existem para que o fundo municipal de esportes e o conselho municipal de esportes estejam participando ativamente da nossa cidade.

4. Como você vê a divulgação do esporte nos veículos de comunicação da cidade hoje? Você acha bom? Insuficiente? Ideal?

Por dois ângulos. É até um pouco complicado falar um pouco sobre esse assunto, porque eu já estive do outro lado, como divulgador. Mas, me sinto à vontade, também, porque como divulgador de esportes, como apresentador, redator de esportes, diretor de esportes, diretor de jornalismo, eu sempre briguei com os chefes de departamentos, com os meus diretores, com os donos das emissoras para ganhar espaço de divulgação. Hoje, eu sinto, lamentavelmente, muito fraco. Acho que, deveria até, nós estamos fazendo isso. Nós vamos ter, agora no mês de dezembro, um Fórum de esportes, com os diversos segmentos para a gente estar trabalhando isso, inclusive ir aos órgãos de comunicação. Vamos chamar a imprensa, os órgão de comunicação da cidade, rádio, jornal, TV, portais para que esteja com a gente e também, mostrem. A gente sabe, também, que há dificuldades por parte de quem faz esporte, divulga-lo. Como, hoje, as redações são o mínimo necessário, isso também dificulta a divulgação. Eu acho que, no meu tempo, quando nós tínhamos uma grande equipe de esportes, na Rádio Solar, nós tínhamos dois carros de reportagem a nossa

disposição. Tinha uma equipe de dez pessoas, dez jornalistas, dez radialistas para você poder trabalhar. Então, nós íamos ao local aonde a notícia acontecia. Isso também facilita. Nem todo mundo tem a facilidade que nós da imprensa temos em montar um release, um informativo ou em passar essa notícia.

Muitas vezes, a cidade pode ter grandes eventos mas não tem financeiramente, nem como contratar uma assessoria, alguma coisa. Então, com isso, perde-se muito. Então, se você, hoje, não levar a notícia até o jornalista, até a redação, você praticamente você não consegue. É muito difícil, hoje, os jornalistas saírem da redação, muitos pela estrutura que deixa a desejar. A falta de carro, a falta de equipamentos, etc. Não pode fazer hora extra. Não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. Tem hora certa. Isso aí é um complicador muito grande. Mas, eu fico muito chateado, porque se quiserem, a gente coloca a disposição para mostrar todas as demandas, tudo o que tem na cidade. O dia inteiro tem.

Só para lembrar algumas coisas. Esse ano nós tivemos um evento internacional de mountain bike. Tivemos, agora, recentemente, um seminário internacional e um campeonato brasileiro de dança em cadeira de rodas, Nós estamos com competições em todas as modalidades esportivas; vôlei, basquet, handbol, bocha, malha, taekwondo, triatlon, tênis de mesa. Não é possível que a imprensa não vê isso?!

Então, todo dia tem esporte. É disputa pelo campeonato mineiro, pelo campeonato brasileiro, copas, ranking de corridas rústicas, que nós temos o ano inteiro na cidade, pelo menos duas corridas por mês nós temos na cidade. Ainda, nós temos um grupo de corredores, também, de elite que vai participar de outras provas.

Então, esporte não falta na cidade. Basta ter, também, um pouco mais de boa vontade e sensibilidade de valorizar o que é da cidade.

5. A dificuldade de buscar a informação de esporte é real nas redações de jornal. A notícia, também, muitas vezes, não chega aos jornalistas. Existe algum projeto, algum trabalho por parte da prefeitura que tenta diminuir essa distância e facilitar o contato?

Sem dúvida. Esse Fórum que nós estamos programando para esse mês de dezembro e um grande seminário que nós vamos ter no ano que vem é exatamente para isso. Para nós ajustarmos mais, para nós aproximarmos mais e tentar chegar ao meio termo, de uma forma em que a imprensa se comprometendo a divulgar o que é que atletas, o que é que os promotores de eventos poderiam fazer para estar diminuindo essa distância. Para quebrar essa barreira quando os órgãos de comunicação não podem ir até o local. Eu acho que existem várias possibilidades para isso. Agora, basta também a boa vontade. Porque, também, muitas vezes os produtores de eventos, os treinadores mandam o material e a imprensa também se quer, nem liga para isso. Não dá, nem sequer, um retorno para isso. Então, eu acho que a primeira coisa seria nós – isso vai de várias outras situações – mas entre elas a própria organização de eventos influencia muito, se você marca para um horário e não começa, então eu acho que passa dessa responsabilidade de quem faz esporte da qualidade dos eventos, do respeito ao espectador, do respeito ao praticante, do respeito os órgãos de imprensa e isso aí é fundamental. Nós temos cobrado muito isso. Que é uma forma de você estar sendo correto e garantindo também a divulgação. Você marcou um evento para oito, dez e quinze ainda não começou. O órgão de imprensa tem outros compromissos, também. Não vai ficar lá para render aquela oportunidade. Então, eu acho que existem várias coisas para que nós possamos fazer uma aproximação. Mas eu acho que muito desse trabalho vai depender dos editores de esporte, dos chefes de redação que ficam muito escondidos atrás de mesas. Como eu também já passei por isso, eu era diretor de

jornalismo, mas eu estava na rua. Então, você tem contato com a comunidade. Você vê o que está acontecendo. Você tem mais sensibilidade. Você trabalha exatamente com a sua emoção. Você sente o que está acontecendo. Já o editor que fica só dentro da redação, ele é muito frio. Então, ele não percebe, às vezes, que essas coisas estão acontecendo. Que há essa necessidade de você divulgar as coisas da cidade, que é bom par a cidade. Entreter uma foto do Flamengo, principalmente, os órgãos da cidade eles não estão no dia-a-dia fazendo a cobertura daquele clube.

Nem a rádio daqui, nem a TV daqui e nem o jornal daqui estão no dia-a-dia daquele clube fazendo a cobertura.

É muito mais fácil para quem gosta do futebol, acompanhar o noticiário esportivo do futebol carioca por uma emissora de rádio carioca. Comprar um jornal, um jornal carioca que o reporte está lá cobrindo. Agora, os jornais de fora não vão falar da gente. Nós é que vamos saber valorizar a gente. Basta colocar a foto do time no jornal, falar sobre determinados atletas, a família dele vai estar comprando jornal, vai estar ouvindo rádio, vai estar vendo televisão. E o namorado, e a namorada, e o amigo e o vizinho. Então, você cria dentro da cidade esse interesse e até o mesmo em habituar as pessoas, a ouvir mais rádio, a ler mais jornal e a ver mais televisão, a acessar mais os portais esportivos. Eu acredito que é fácil fazer. Falei que nós mantivemos, durante três anos, diariamente, um jornal local. Só com notícias do esporte local, da cidade. Será que é tão difícil fazer?

6. Eu acredito que exista, no esporte de Juiz de Fora, um ciclo vicioso. Os jornais não divulgam, o público não conhece e, conseqüentemente, não há divulgação porque não há interesse. Você acredita nisso também?

Perfeitamente. Acho que é que vai por isso. A imprensa, ela tem uma responsabilidade muito maior do que ela possa imaginar. E, infelizmente, hoje, os empresários de comunicação, eles usam os veículos para barganha política, para falar mal de um ou de outro, falar bem de um ou de outro. Prefeito, Governador, Presidente da República. De acordo com a sua conveniência e de acordo com sua necessidade financeira. Chegam até extorquir dinheiro do poder público através de ameaças de matéria ou não. E se esquecem, principalmente, as televisões e emissoras de rádios, que os canais de comunicação são canais públicos. Que existe um compromisso de utilidade pública com aquela determinada população. E eles se querem estão dando atenção para isso. Então, é obrigação! Não é favor!

Do órgão de comunicação está dando atenção a essas comunidades. Em ser o elo de ligação entre essa comunidade, em ser o interlocutor entre as comunidades e o poder público; entre a comunidade e o poder constituído. Enfim, é ela quem faz isso. Informar, alertar, mostrar o cidadão os seus direitos. Dar cidadania a eles, incentivar a prática de educação, trabalhar aspectos de segurança e de saúde, e de esporte e lazer, também isso. Então, como não há interesse em se divulgar, você divulga pouco. Em se divulgando pouco, a comunidade não vai estar sabendo o que está acontecendo na cidade. Agora, façamos uma campanha, façamos uma experiência durante algum tempo de massificar – não que você vai deixar de falar de outros clubes e esportes, mesmo porque não estamos numa ilha – não é verdade? Ainda mais hoje, no mundo globalizado que a gente precisa saber de tudo. Mas dentro da necessidade da sua realidade. Você pode continuar divulgando as notícias dos clubes cariocas, que tem um acerta entrada aqui na cidade, mas pode falar também, 80% ou 70%, diariamente, de notícias locais. E fazer chegar às comunidades, fazer chegar ao público esportivo, fazer chegar às comunidades, aos profissionais da comunicação, aos profissionais da Educação Física, aos bairros. Enfim,

acho que isso é fundamental. Para poder ter a notícia completa, desde a sua origem até a outra ponta. Você tem que ter todo esse trâmite. São todas essas etapas a serem cumpridas. Você tem que ter a notícia, você tem que ter o divulgador da notícia e tem que fazer essa notícia chegar a quem precisa ouvir, de ver ou de ler essa notícia, que é a outra ponta.

Mas aí, se a gente for começar a entrar nesse assunto, nós vamos estar discutindo vários outros aspectos, até administrativos, também. Dos órgãos de comunicação, que não souberam planejar o futuro. Não souberam criar leitores. A gente vê que, Juiz de Fora, hoje, é uma cidade que, lamentavelmente, vende pouquíssimos jornais. Você compara cidades menores que Juiz de Fora, por exemplo, vale do Paraíba, em São Paulo, que vende cerca de 100 mil jornais por dia. São José dos Campos, ribeirão Preto. Outras cidades. Aqui, os jornais locais não conseguem vender mais do que 2 mil jornais por dia.

Exceção de um domingo, ou de um fato grave. Não vende mais do que isso. Mais que 5 mil jornais aqui, dentro de uma cidade de 500 mil habitantes. Então, por quê? Porque não souberam preparar leitores para o futuro.

O rádio não soube preparar ouvintes. A TV tem mais dificuldades em chegar, é claro, ao produto dela. Mas é mais fácil ser visto porque todo mundo tem TV em casa. Mas também tem que se preparar porque e no dia de amanhã? Daqui a 5 anos ou 10 anos? Ainda mais hoje, com a velocidade de modificação dos meios de comunicação. Era um rádio AM sem vergonha, com um chiado, com um ruído e hoje estamos aí com a AM estéreo. A FM com um som de CD. Televisão com imagem de DVD. Computador, telefone celular. Daqui a pouco você está com u celular com televisão no telefone celular. Hoje, já tem rádio de alta qualidade em telefone celular. Então, se não se prepararem para o futuro, se não trabalharem para isso, infelizmente, a classe, os jornalistas, os radialistas essas duas classes vão ser muito prejudicadas pelo despreparo de grande parte dos empresários da área de comunicação.

7. É difícil fazer jornalismo esportivo em Juiz de Fora, hoje?

É e não é! Porque, na verdade, existem algumas exceções. Eu me considero uma das exceções dentro do jornalismo esportivo. Existe um grupo de pessoas que, como eu, sempre dedicou 30 horas por dia com isso. Acordava, dormia, ouvia rádio a madrugada inteira. Comprava livros de tudo quanto era modalidade esportiva. Ia para o campo. Largava família, a mãe, a namorada. Não tinha páscoa, Natal, Ano Novo. Trabalhando o dia inteiro. Então, esse grupo de pessoas, a quem eu tenho uma grande gratidão ao professor Márcio Guerra, foi quem me deu essa oportunidade. E os grandes companheiros, como o Ivan Elias, Nelson Júnior, Mário Helênio, Paulo César, o professor Dirceu Costa Ferreira, Ivan Costa.

Nós somos de uma geração de malucos pelo esporte e apaixonados por rádio, jornal e televisão. Então, eu não sei se a nossa opinião vale muito ou se ela é muito diferente da grande maioria. Porque nós somos exceção. Nós somos malucos por isso. Então, para gente é difícil, mas a gente não desiste. Nós conseguimos vencer barreiras.

Nós temos que ter o espírito bairrista. Nós temos que ter rivalidade com Barbacena e com Santos Dumont. Não adianta ser co o Rio de Janeiro ou com o time lá de São Paulo. Temos que ser o esporte da nossa região.

7.5. Wendell Guiducci – editor chefe de esportes do Jornal Tribuna de Minas

Entrevista concedida no dia 29/11/2005

1. Como editor de esportes, como você classificaria, avaliaria, conceituaria, o esporte da cidade hoje?

Eu acho que a gente tem muita gente esforçada em Juiz de Fora, que se esforça para competir, se esforça para criar competições, mas no esporte de rendimento mesmo, na verdade, a cidade é fraca. Você tem alguns atletas de destaque em determinados esportes.

Você tinha o Thiago no triatlon. Você tem o Diego no taekwondo, por exemplo. Sempre tem uns. O Robson na canoagem, os caras do Rally. Jiu-jitsu tem também. Tem vários esportes sim. Tem um monte de fera, mas naquelas práticas esportivas que mais atraem à atenção do público, que atraem mesmo, que levam as pessoas para assistirem aos jogos e tal, a cidade, infelizmente, é fraca. Não se tem como negar isso.

2. Qual é o dinamismo do caderno de esportes do Tribuna de Minas?

Seis coisas que não, seis matérias certas, todo o dia no jornal. É uma matéria para o Flamengo, uma para o Vasco, uma para o Botafogo, uma para o Fluminense, uma para o Cruzeiro e uma para o Atlético. Todo dia você vai ter isso. Todo santo dia. Isso não se pode abrir mão. Porque o futebol é o grande esporte nacional e as pessoas que vão para as páginas de esporte – eu não sei te falar uma porcentagem disso – mas as pessoas que vão para ler a página de esportes procuram primeiro o futebol. As muitas pessoas que vão ler o jornal, antes de qualquer coisa, vão saber das notícias dos seus times. Como Juiz de Fora está aqui colada no Rio, os times cariocas, eventualmente, os leitores que gostam também dos times de Minas, que são poucos aqui em Juiz de Fora por incrível que pareça.

Então, são essas seis matérias que estão certas no jornal. Mesmo porque são coisas muito práticas e você sempre vai ter isso. E a partir daqui a gente vê o quê que tem de local para poder distribuir. E os grandes destaque nacionais e até os internacionais.

Você sempre vai ter uma porcentagem maior durante, pelo menos, de segunda ou terça-feira a sexta, no nosso caso da Tribuna, de terça a sexta, pro esporte, pro futebol de fora. No final de semana, sábado e domingo e um pouco também na sexta-feira, aí você tem mais material sobre o esporte local porque é quando os atletas vão competir. Eles não são

profissionais, a maioria dos atletas não é profissional, eles têm outras ocupações. Então, quando eles têm essas competições, geralmente, são nos finais de semana.

Então, o forte do esporte local no Tribuna de Minas é na terça-feira quando a gente tem uma coluna de resultados que a gente contempla a maioria dos atletas que tiveram competições no final de semana e dá o resultado que eles fizeram. Na quarta-feira e na quinta, o grosso é o nacional. Na sexta-feira, você já tem alguma coisa de local. Sábado e domingo fica bem dividido entre o local e o nacional, mas sempre com o foco maior, a não ser quando você tem uma competição em maior destaque, o foco sempre fica mais voltado para os campeonatos regionais, campeonato brasileiro, os jogos dos times porque futebol é o que o leitor quer ler mais mesmo.

3. Esporte amador dá manchete?

Raramente! Raramente! A não ser que aconteça alguma coisa muito sensacional, ou então, seja uma matéria especial de final de semana como a gente sempre faz. Durante o ano a gente tenta contemplar quase que todas as modalidades que tem, que a cidade tem prática. Você faz matéria sobre bocha, sobre malha, sobre parapente, sobre arborismo. Então, normalmente, dá manchete sim quando você dá matéria especial. O quê as pessoas estão fazendo aqui sobre isso ou, então, contar a história de alguém. Tirando isso, o esporte amador não dá manchete. Dificilmente. Só se você tiver uma competição muito importante ou alguém conseguiu um resultado muito diferenciado. Fora isso, não.

4. Como você observa a questão do público? Você acha que, em Juiz de Fora, tem público que quer saber do local?

Esse é um problema que está ligado a fragilidade do esporte local. O esporte de competição. Porque se você tiver, as pessoas vão ficar interessadas, elas vão começar a se interessar em competições que vão ser emocionantes, que estão tendo alguma coisa. O público, em geral, ele tem apreso por esportes como o futebol, voleibol, basquete. São esportes mais populares do país, vamos dizer. Mas, se você tivesse competições que equipes daqui de Juiz de Fora participassem, como teve no ano passado (2004), a equipe da *Universo* participando, disputando o campeonato brasileiro de basquete feminino. Isso são coisas que as pessoas se interessam. É um campeonato nacional; é outra coisa.

Futebol é uma coisa à parte que sempre atrai a atenção das pessoas. Não dá nem para comparar com basquete, ou com vôlei ou com futsal que também é uma coisa que as pessoas gostam.

O Tupi disputando a Segunda Divisão, o módulo II do Campeonato Mineiro, você garante. As pessoas vão comprar jornal para ler. Eles querem saber o que está acontecendo com certeza. Então, a verdade é que o interesse é pequeno porque as pessoas não estão acompanhando o ranking de rústicas, por exemplo. As pessoas que competem, as pessoas que gostam do esporte, que são competidoras e tal. – “ah, vamos ver o que aconteceu com o Diego no taekwondo no final de semana?!” Ele está querendo é ver isso. Mas ele é do meio. Então, na verdade, ele é um público muito seletivo.

-“ Ah, eu pratico esse esporte, ou então tenho um filho praticando esse esporte ou sou apreciador de ping-pong, gosto de tênis de mesa!”. Esse cara vai acompanhar, mas só que como você não tem competições sempre de tênis de mesa, ele não vai estar acompanhando aquilo. Ele vai ver aquilo uma vez na vida ou daqui a não sei a quanto tempo de novo vai ter outra competição para ele poder acompanhar. Ao passo que, quando você tem uma *Universo* participando de um campeonato brasileiro, que treina toda semana e que todo dia tem matéria no jornal e tem jogo no final de semana. Você tem Tupi,

disputando o campeonato mineiro. Se você tivesse aqui uma equipe de vôlei forte, um time de futsal disputando campeonatos nacionais e tal, você teria muito mais interesse pelo esporte local.

Na verdade, você fica na dependência. É difícil você criar o hábito no leitor de acompanhar o esporte amador se não há competições que sejam emocionantes para que eles possam acompanhar. Por mais que seja, por exemplo, o Rally, que tem todo final de semana, os caras estão competindo ali, ali, aqui, mas são provas diferentes, são coisas separadas. Ah, aí, de repente, você tem o Rally do Agreste. Ah, isso aí é legal. É! É uma coisa que você vai acompanhar, mas é uma coisa que acontece uma vez por ano, dura uma semana e acabou. Ao passo que, quando você tem campeonatos nacionais, campeonato estadual, que você tem jogos uma vez ou mais na semana, é muito mais fácil. Por isso eu acho que você não consegue ter o interesse do leitor pelo local.

7.6. Juliana Duarte e Wallace Mattos – Repórteres de esporte do Jornal Tribuna de Minas

Entrevista concedida no dia 29/11/2005

1. Gostaria que vocês, que trabalham com o jornalismo esportivo, conceituassem o esporte de Juiz de Fora hoje. Como vocês classificariam o esporte da cidade hoje? Ele está em alta ou ele está em baixa?

JUL: Eu acho que o esporte de Juiz de Fora, hoje, a gente tem vários atletas que competem em nível profissional, até em competições fora do país e tudo. Mas, a gente não

pode considerar o esporte como profissional. Porque em várias modalidades, na maioria delas, a gente não tem, não só o incentivo, como, também, não tem estrutura. Ss pessoas não estão organizadas de forma a viver do esporte, por exemplo. Então, você vê: no futebol a gente não tem time, a gente não tem equipes de esportes coletivos e os atletas individuais todos eles brigam por patrocínio, mas todos eles, de repente, trabalham de manhã e treinam à tarde. E vivem assim. Então, temos atletas em competições profissionais, mas o esporte a gente não pode dizer que é 100% profissional na cidade.

WAL: Eu acho que a Juliana falou bem e eu acho que isso é o ponto principal. Porque hoje, em Juiz de Fora você tem as competições locais por esforço individual de um organizador ou do próprio atleta. Que acaba buscando as federações, buscando as filiações também criadas fora da cidade, fora de Juiz de Fora, fora do Estado de Minas Gerais para poder melhorar.

JUL: Tem muitos atletas daqui que são filiados no Rio, filiados em São Paulo, dependendo da modalidade.

WAL: Então, esse é o resultado. O resultado que ele obtém é resultado de um esforço individual dele, para conseguir uns patrocinadores, para conquistar uma verba Federal. Então, o atleta aqui, ele está, eu acho que não é diferente, não é muito diferente de todos os lugares do Brasil. Acho que uma cidade do porte de Juiz de Fora, raramente você vê, uma cidade com o esporte estruturado. Então, também não tem respaldo de uma pessoa, da prefeitura. Não se tem um incentivo ao esporte de competição. O Brasil se preocupa muito mais em fazer o esporte na escola como recreação, como lazer, como forma de inserção social, mas o esporte de competição pra s conquistar status, se conquistar títulos, foi deixado um pouco de lado. Agora, o Brasil começa a ter políticas públicas de incentivo ao esporte. Agora, falando exclusivamente de Juiz de Fora, a gente tem alguns destaques individuais só que não tem a estrutura que tem, por exemplo, o atleta que disputa as

competições nacionais, competindo no Rio e em São Paulo e até no interior de São Paulo também.

JUL: Muitas vezes são atletas que tem até potencial, quando eles têm alguma motivação mais forte ou alguma oportunidade, eles acabam saindo daqui também. Você vê um atleta que consegue ficar aqui, treinar aqui, e competir fora é muito difícil. Você vê: o próprio caso da Viviane Anderson. Que a época, o ápice da carreira dela, ela foi morar em São Paulo, foi treinar lá. Então, não se consegue ter tudo isso aqui. Os patrocinadores, eles buscam fora. Tem muitos aqui, a maioria deles não tem patrocínios, tem apoios. E as competições também a mesma coisa. É muito difícil você pegar uma competição fixa no calendário, tem uma ou outra. Tem muita competição isolada. Quem mais está organizando, se a gente for olhar, hoje, são como o Wallace falou, os escolares. São as faculdades, são os colégios, que promovem muitas vezes.

WAL: E aí, acaba se pautando só o esporte, na verdade, amador. Porque o esporte profissional, como os melhores atletas não conseguem viver só do esporte, você não tem na cidade hoje. A gente tem alguns exemplos curiosos. A Andriléia, a maior corredora de Juiz de Fora, hoje, que está melhor condicionada, ela é faxineira. Trabalha numa empresa de faxineira, faz faxina durante o dia inteiro e treina de manhã, acorda cedo. Para quê? Para conseguir destaque em algumas competições nacionais. Então, são resultados individuais conseguidos com o próprio esforço de cada atleta.

2. Vocês creditam que a falta de clubes esportivos, dedicados às prática esportivas, na cidade prejudica o jornalismo esportivo de Juiz de Fora.

JUL: Eu acho que ela não prejudica, mas muda o foco. A gente, hoje, foca muito mais nos individuais do que no coletivo. Mas isso vai muito, não só daqui. As federações,

muitas vezes, a gente faz, às vezes a gente faz cobertura. De, por exemplo, ciclismo. A gente tem, por exemplo, trinta atletas de Juiz de Fora que vão para competições nacionais. Só que as federações, muitas vezes, não tem uma organização para passar resultados. Então, muitas vezes, as nossas fontes para essas matérias, na maioria das vezes, são os atletas. Não são as fontes oficiais mesmo. Então, não dificulta, mas muda a maneira de trabalhar. Não chega a dificultar. Muda a maneira de trabalhar. Aonde a gente vai buscar as informações. Não posso dizer que empobreça ou que desvalorize.

WAL: Eu acho que, principalmente, com relação ao futebol que realmente deu uma caída, não é na motivação, mas faz a gente ficar pesaroso de uma cidade, como Juiz de Fora, não ter um clube que represente a gente pelo menos na primeira Divisão do futebol estadual. Cidades menores que Juiz de Fora que têm clubes na Primeira Divisão do campeonato Mineiro e você não entende o porquê que isso acontece. Aí, depois que você entra em contato um pouco mais com a realidade dos clubes da cidade, aí você passa a entender porque que não acontece. O porquê que Juiz de Fora não tem, realmente, uma estrutura de futebol bem armada. Você tem dificuldade desde a própria estrutura do clube. O clube, para poder sobreviver na cidade, infelizmente, teve que optar ou por ser um clube social ou por ser um clube esportivo. E o Tupi optou, talvez, foi o único que optou por ser esportivo, tenha sido o Tupi. Acabou deixando de lado, nesse segundo semestre do ano, o futebol. Ele nem sabe se vai acontecer no próximo ano.

E os outros clubes, Tupinambás, Sport passaram a ser sociais porque viram na adesão de sócios, na receita das mensalidades uma maneira de resistir e “manter” – entre aspas – o patrimônio. Sport, até agora, engatilhou várias modalidades esportivas como o futsal. Agora não. Já tem alguns anos.

JUL: Ele optou primeiro por parar tudo e ficar nas escolinhas e virar um clube social. Voltado com investimentos para os sócios, pagar dívidas, esse tipo de coisa. E aí,

desde que reativou, agora que o trabalho está sendo feito, do ano passado para cá, principalmente, eles começaram a se destacar, principalmente, no futsal. Já teve um vôlei muito forte. Já teve uma natação legal. Hoje, o futsal.

WAL: Aí, realmente, fica difícil para as categorias de base também. As escolinhas de futebol, nas quais os atletas que têm condições acabam pagando por atletas que não tem condições de treinar. Até que esse trabalho voltou no Tupinambás, no Sport e no Tupi. Só que o que falta é uma continuidade, realmente, é o degrau de cima. É o chegar na categoria Júnior, é ter uma competição. É disputar um campeonato mineiro. É ter o time profissional para o qual o jogador, o atleta, possa sonhar em dizer assim: -“Eu quero ir para o time^a eu quero disputar a competição, eu quero conquistar títulos, para poder eu ter o meu sonho de vencer no futebol e não ter que sair daqui, não ter que abandonar Juiz de Fora antes dos 15, 16 anos que é o que a gente vê hoje”.

Por essa falta de clubes, por essa falta de estrutura do futebol e nos esportes competitivos, principalmente, os coletivos, os jogadores daqui que tem destaque, que querem continuar a carreira, nem que seja uma carreira, por exemplo, universitária. De quem participa do handebol da cidade e que saem daqui para poder ganhar bolsas nas faculdades de São Paulo ou no interior de São Paulo.

JUL: Se a gente for pegar os esportes coletivos parece mesmo que é momento. Juiz de Fora já teve vários momentos. Teve o momento do futebol, também, já teve o momento do vôlei, momentos do basquete e, hoje, a gente não está com nenhum esporte coletivo bem. É o que o pessoal de Uberlândia estava falando a pouco tempo. Eles já tiveram times, clubes de futebol bem e, hoje, eles estão mais conformados. Porque eles têm vôlei e basquete bem. Mas eles estão querendo voltar com o futebol também. Hoje, a gente não tem nenhum esporte coletivo que está bom, se destacando. E aí, parece que a gente tem uma torcida carente na cidade. No ano passado (2004) foi sintomático. O Tupi estava

pedalando, estava lá, patinando, patinando e aí veio a equipe da Universo para cá e as jogadoras montaram um time assim. O Tupinambás há muito tempo já não tinha nada. Então assim, para falar que era uma força do Tupinambás. É claro que tem torcida. Mas encheu todos os jogos aqui. As jogadoras e os técnicos ficaram surpresos. Falaram que chegaram na cidade, naquele ano, e estavam vendo uma torcida assim. Então, assim, público tem. O público é carente. Às vezes, as pessoas reclamam. –“mas, ah, ninguém vai ao Estádio ver o Tupi. Vão quinhentas, seiscentas pessoas!”.

Não vai porque já se perdeu, há muito tempo, o que se reclama muito. É de falta de organização. Então, nem sempre, eles reclamam de o time estar indo ou não mal em campo. Mas de não estar vendo a continuidade. Eles estão vendo a falar de continuidade. Então, as pessoas param de acompanhar mesmo.

WAL: Porque se o time morre a cada competição e renasce duas semanas antes da próxima, o torcedor não é idiota. Ele sabe que não dá certo isso. Isso não dá certo.

JUL: você desmanchar o time a cada final de temporada e voltar na próxima, não adianta.

WAL: Tem que ser um trabalho contínuo. Agente está te pegando o exemplo, agora, do time do Ipatinga que fez uma campanha belíssima no Campeonato Mineiro. Foi campeão. Fez uma boa campanha na Série C, quase subiu para a Série B do Brasileiro e encerrou suas atividades na semana passada eq eu, agora, já no dia 12 de dezembro – um pouco mais de 15 dias, retorna com as suas atividades, volta à pré-temporada para o Campeonato Mineiro. O time não parou. O time não deixou de existir. O time entrou de férias depois do mineiro. Ficou um mês e meio de férias. Voltou. Pré-temporada, série C. depois da série C, encerrou. A pré-temporada está marcada para o dia 12, vai rerepresentar. Então, assim, o torcedor ele tem essa noção de que um time não pode ser mambembe, não

poder pega aqui, remenda, põem um menino aqui. Leva um rapaz que jogou na Copa Bahamas, põe no meio de campo também.

Então, não pode ser assim. E o Tupi veio, infelizmente, depois de 2003, nos últimos dois anos veio fazendo isso. Fez isso em 2004 e caiu para a Segunda Divisão do Mineiro e na Taça Minas Gerais foi bem até na hora que precisou de ter essa estrutura, de ter um prêmio para poder pagar para os jogadores, sei lá. Cem reais para poder falar assim – “Oh, se vocês conquistarem a Taça Minas Gerais vocês vão ganhar cem reais”. Um estímulozinho. O final. A hora da estrutura entrar. A hora da diretoria do clube entrar, os jogadores se sentiram abandonados. E nesse mineiro, foi o que o atual presidente falou para gente – “Infelizmente, se montou um time para, simplesmente, não cair para a Segunda Divisão do Mineiro e permanecer no módulo II do Mineiro.

Então, o torcedor vendo isso, tendo isso, vendo essas notícias, ele desempolga. Então, não adianta você querer cobrar torcida. Vai torcida sim! Tinham dez, quinze mil pessoas lá em cima, torcendo e gritando quando o Tupi inaugurou, debaixo de chuva, contra ao Sampaio Corrêa, os holofotes lá do Estádio Municipal. Tinham oito mil pessoas lá em cima. Então, uma quarta-feira, nove e quinze da noite, chovendo, gelado em Juiz de Fora e tinham oito mil pessoas lá em cima. Então, assim, o torcedor vai. Mas se ele acreditar no time. Se ele acreditar no trabalho. Agora, hoje, o que a gente vê aqui, em Juiz de Fora, é uma carência muito grande do torcedor em relação ao esporte

JUL: Mas, é uma carência que não é só daqui. A gente vê, conversa com muita gente de fora. É uma cidade que tem uma tradição, tem um nome. Eu já fui entrevistar o René Simões, ele estava na seleção feminina. O cara já rodou o mundo todo. Aí ele me perguntou; -“ de onde você é?” . Aí eu falei: -“Eu sou do Tribuna de Minas, de Juiz de Fora.”. -“ Ah! De Juiz de Fora? A terra do Tupi? Que pena, né? O Tupi caiu para o módulo II do Mineiro, né? Mas como isso pôde acontecer com o Tupi?”.

A marca Tupi é forte. Outro caso, também, foi o do líbero do Minas, o Serginho. Ele veio aqui no ano passado. Aí, eu estava perguntando sobre o vôlei, se ele conhecia a cidade, aí ele falou: - “poxa, na minha época de juvenil, quando eu me profissionalizei, eu lembro que enfrentava bom pastor e Sport. Eu tinha uma rivalidade danada com o povo de Juiz de Fora e hoje não tem um time na cidade?”.

As pessoas de fora sentem falta. O pessoal que está envolvido no meio conhece ou já conheceu e sentem falta também.

Então, são essas pequenas coisas, pequenas diferenças, que Juiz de Fora acabou perdendo e nunca mais recuperou.

3. Como vocês fazem para driblar as dificuldades apontadas pelos jornalistas esportivos e conseguem montar, fechar as páginas dos cadernos esportivos? Qual é o mecanismo usado?

JUL: A gente já tem um fixo, que não se tem como fugir, que todo mundo ama futebol aqui, especificadamente, gosta do futebol do Rio. Então não adianta. Muitas pessoas já vieram a reclamar: - “Pó, a Tribuna traz futebol do Rio todo dia?” – Traz! Traz do Rio e de Minas todo dia. São seis clubes regra que a gente tem todos os dias, a gente tem notícia. Seja em campeonato, ou seja, fazendo pré-temporada. A gente tem Vasco, Flamengo, Botafogo, Fluminense, Cruzeiro e Atlético. Todos os dias têm notícias. Então, isso já é uma coisa certa e as pessoas procuram sim. As pessoas querem ver. Fora isso, a gente – é o que a gente já tinha dito antes – a gente prioriza, valoriza o individual. Cada atleta nosso que está competindo fora, cada atleta que está se destacando, cada competição que tem aqui, competições estudantis, tudo a gente dá. São coisas que antes a gente não valorizava ou não noticiava.

A gente tem outras coisas também. Tem a Copa Bahamas. Falam que não tem futebol em Juiz de Fora, mas se você for na curva do lacê, no final de semana, está lotado o campo. As pessoas se mobilizam. É a maior competição de futebol amador do país. Então, não tem futebol profissional, mas o nosso esporte amador é muito forte.

WAL: Então é assim. Acaba que as coberturas internacionais e do esporte nacional são feitas pela notícia press. Por quê? Porque é interessante para todo mundo, ainda mais agora, nesse ano é muito interessante porque é um ano pré Copa do Mundo. Muitos falam que é bobagem noticiar futebol internacional, mas é nesse ano que é bacana para você mostrar para os torcedores onde é que estão jogando as estrelas brasileiras que vão para a Copa do Mundo de futebol do ano que vem. Então, a cobertura do futebol internacional, quando é normal, por exemplo, o final do ano passado a gente dava muito menos notícia de Barcelona ou Real Madri.

JUL: Agora, esse mês a gente está acompanhando a Copa dos Campeões direto, mostrando. Por quê? Por que todo mundo quer? Por que o futebol internacional, o futebol europeu é famoso? Não. É porque tem muito brasileiro jogando lá.

WAL: Na verdade, é porque você já está cobrindo a Copa do Mundo. É uma pré-cobertura da Copa do Mundo. Você já está mostrando o que eles estão fazendo fora do Brasil.

JUL: É uma maneira de a gente puxar a coisa um pouco para gente. Como a gente faz também. O Wallace fez uma matéria do Atlético. – “Ah, em Juiz de Fora não se torce muito pelo Atlético!”. Ou o atlético está lá e tudo. Então, o que a gente vez?! Uma matéria do Atlético sim, mas a gente puxa os torcedores de Juiz de Fora. Sempre para trazer para perto.

WAL: Pegar o que está acontecendo no Brasil, no mundo e trazer para a realidade de Juiz de Fora. Isso ajuda e muito, principalmente, no fim de semana. Nos domingos, a

gente sempre tem que sair com uma matéria especial. Algo diferente. A gente faz uma matéria mais elaborada, trabalha mais o texto dos repórteres, trabalha mais o número de fontes. Isso atrai mais o número de leitores também.

JUL: Dentro da própria redação a gente sente isso. Tirando os homens, e quem é da editoria, ninguém lê as páginas do esporte do jornal. Muito pouca gente lê, às vezes, a página de esportes. E isso acontece na rua também. Mas as matérias especiais, esse tipo de coisa, têm muita gente que fala – “olha, eu li sua matéria, nesse final de semana”. Isso me chamou à atenção. E aí, as pessoas passam a procurar mais um pouco também.

WAL: Então, também, a gente tenta, procura fazer, buscar muita coisa curiosa, fatos que aconteceram no passado, que muita gente não lembra ou nem sabia que existiam. A gente encontra personagens, resgata histórias mesmo. Nessas matérias especiais de domingo. E aproveita também para cobrar de pessoas daqui. Eu fiz uma matéria em Volta Redonda. Foi para lá visitar o Estádio do Volta Redonda, no início do ano, na cidade carioca. Fui a Volta Redonda para saber o quê que o time de Volta Redonda tinha que o Tupi não tinha. O quê que se podia fazer aqui, o quê que não.

Esse tipo de matéria, você não está só criticando. Você está cobrando de uma pessoa, de uma organização, de um clube como o Tupi, que ele seja um clube. Que ele possa representar Juiz de Fora, que ele possa trazer para gente o que o torcedor de Juiz de Fora merece.

Um outro tipo de matéria também que, geralmente, a gente faz é pegar gente de Juiz de Fora que há nos está fora daqui. Saber como está a vida das pessoas, saber como ela está vendo, como ela enxerga a cidade, enxerga o esporte. A gente tenta trazer essa resposta, essa visão de como o esporte de Juiz de Fora é encarado pelas pessoas de fora. Normalmente, é muito diferente você enxergar o que é de Juiz de Fora, fora. E a gente pretende, se preocupa em dar essa visão para os leitores da Tribuna. E no mais, o foco é o

esporte amador. Esporte escolar, esporte de pessoas que batalham. Muitos contra a falta de patrocínio, a falta de muita coisa, para poder viajar, competir fora do Brasil.

JUL: A gente tem essa função também de apoiar. De dar apoio.

WAL: Volta e meia, as pessoas que vão buscar patrocínio ligam para gente e falam assim: - “ah, a gente classificou para competição ou recebeu um convite para competir na Argentina, a gente não consegue patrocínio. Faz uma matéria da gente?”.

JUL: Geralmente, faz-se uma matéria sobre isso. Tem a classificação, tem a vaga e não tem o patrocínio. E aí?

WAL: Então, eles vão atrás, saem, pegam o jornal e saem.

JUL: Outra coisa que a gente faz, também, mas isso já era feito muito antes da gente, é que todos os patrocínios são divulgados. Isso, os atletas gostam e agradecem. Porque eles têm o que mostrar. O retorno ao patrocinador.

WAL: Porque a empresa apóia e aí, quando não sae foto com o nome da empresa, o atleta não tem o quê mostrar. Ele não tem como mostrar a marca da empresa.

JUL: O patrocinador está apoiando alguém tem que ver que lê está ajudando

WAL: Não tem problema nenhum. E, aliás, é até saudável o que a gente faz de mostrar quem está apoiando. Justamente para esse apoio não acabar. Para ele não chegar e falar assim – “Ah, eu te apoio, mas você ganha todos as corridas e o nome da mina empresa não aparece em nada.”. Além do resultado, o atleta precisa que o patrocinador sae.

A gente tem um esquema muito difícil de cobertura. Porque, geralmente, a semana inteira, de segunda a sexta-feira, a gente tem uma carga, uma bagagem, muito grande de trabalho, porque a gente fica correndo atrás dos resultados do final de semana. Praticamente, é no final de semana que todos os competidores da cidade que saíram para competir.

Na terça-feira e na quarta-feira, dá uma aliviada no trabalho. Porque, geralmente, as competições começam apenas a partir de quinta-feira.

Na sexta-feira, o trabalho aumenta porque todo mundo manda as coisas na sexta-feira. Chegam as notícias dos competidores.

JUL: Esse ano a gente fez isso. Em dezembro do ano passado, a gente fez um calendário de 2005 do esporte. Os principais atletas e montamos um calendário do ano todo. A gente até publicou na época.

A primeira dificuldade encontrada foi a questão das federações alterarem as datas todas. Não seguem o calendário e muitos mudam. E aí, a gente consegue, mais ou menos, se mapear. Então, a gente vai acompanhando pela federação e vai conversando com eles também: -“oh, qual é a sua programação?”. Cada resultado que a gente pega: -“qual é a próxima competição? “.

Então, a gente já se programa. Mas fora isso, tem muita gente que liga para gente para poder passar pauta, ou para avisar que é competidor e que está indo competir. Mas liga na sexta-feira porque vai no domingo.

4. Qual e como é a relação do jornalismo esportivo do jornal Tribuna de Minas com a questão de fonte e informação? Como é que elas chegam para vocês?

JUL: É o que eu já tinha te falado antes. É muito difícil a fonte oficial. Muitas vezes você vai ao site, você liga para assessoria, tem competição ou tem federação que não tem assessoria, não tem essa facilidade de informação. Então, a nossa maioria, a maior parte das nossas fontes é os atletas. Então, a gente vai até eles. Mas, nem sempre a gente consegue ir antes. E muitos deles trazem os resultados para gente, quando o resultado é positivo, mas nem sempre eles avisam que estão indo também. Então, assim, a gente tenta

apresentar, o máximo possível, apresentar todas as provas que eles vão. Mas nem sempre a gente consegue chegar em todos. Às vezes a gente esbarra por problemas de espaço também. Muitas vezes, você tem a competição, mas que você tem milhões de coisas. Às vezes, naquele final de semana, tem muitas coisas ou a gente acaba tendo problemas com isso.

WAL: E, aí, se o resultado saiu, a competição passou e você não deu nada sábado, paciência! A gente pega o resultado na segunda-feira e fala na terça-feira.

JUL: A gente não quer deixar de falar, de dar. Aí, a gente tenta resgatar, mas tenta colocar de qualquer forma. Não deixa de anunciar.

WAL: Agora, são duas relações básicas que nós temos, aqui, em Juiz de Fora. Uma é a direta com o atleta. O atleta ou a organização. Quem nos procura. Nós temos o contato direto. Eles trazem, a gente liga também. A gente procura eles com a chegada, na véspera das competições para gente poder dar a matéria.

Agora, a outra é que tem algumas pessoas, competidores daqui com assessoria estruturada, assessoria de imprensa contratada. Então, por exemplo, o Jeep Club de Juiz de Fora tem. A Beatriz Holanda tem. Tem uma assessoria fantástica que até é o Ivan Elias que faz. Então, ele entende, ele já trabalhou desse lado no jornal. Ele é jornalista. Então ele sabe como as informações, as notícias têm que chegar para você e quando ela tem que chegar para você. A gente faz o jornal, mas a gente fala algo prévio, que é para pautar o jornal.

Tem tipos de competição que as pessoas participam também. Quando a competição é maior, que tem uma divulgação maior, uma estrutura maior, ela também tende a ser mais acessível de resultados, mais acessível de informações. Por exemplo, a AMETUR, que é uma Copa Internacional de ciclismo onde tem acesso a várias informações. Então, dá para fazer uma matéria mais elaborada, dá para fazer uma manchete, por exemplo.

Então, são competições mais estruturadas. Mais informações. Fica mais fácil para a gente acompanhar. Têm vários e fartos materiais. A gente consegue acompanhar a dia-a-dia de alguns atletas.

JUL: Mas, por quê? Porque eles te dão estrutura, Muitas vezes, fica inviável. Algumas vezes você tenta contato, você fala com o seu competidor lá. Mas a organização não tem os resultados e você não tem como fazer a matéria. Então, isso acontece.

WAL: A gente teve uma necessidade, uma grande dificuldade, agora, no Rally do Agreste, que a gente estava. Que é uma das principais provas do Brasil. A gente tentava fazer um acompanhamento dia-a-dia, iguala ao que a gente fez no Rally dos Sertões.

Troller e Mitsubich são competições com várias etapas espalhadas. O Rally do Agreste e do Sertão, não. São vários dias seguidos, passando por várias cidades.

JUL: Troller e Mitsubisch também são tranquilos de fazer, tem assessoria. É bem legal. A gente tem até informação de que dia vai ser realizada a prova, até em que terreno vai ser. Aí, dá para fazer uma matéria bem mais elaborada.

WAL: No Rally do Agreste a gente não conseguiu acompanhar dia-a-dia, porque nem o pessoal da assessoria conseguia. Imagina! Eles estavam lá!

JUL: Dois dias depois eles não tinham divulgado o resultado para gente ainda. Eles tinham o resultado lá na segunda-feira e só na quarta é que eles passavam o resultado para gente aqui. Então, a dificuldade é, realmente, grande não só da gente cobrir, como das competições em organizar esse tipo de acesso a informação. A assessoria de imprensa que existe em Juiz de Fora, de esporte, é muito eficiente, comparando-a a esses esquemas do atleta que não tem. Justamente, porque manda, quase que diariamente, material para agente fazer a matéria durante a semana.

Muitas vezes, alguém pergunta: -“ ah, por que o fulano sae e o sicrano não sae?”. Sae porque a gente conseguiu chegar nele ou ele conseguiu chegar na gente. Porque tudo que chega na gente sempre vai.

WAL: Se tem uma competição em que vão disputar dois atletas de Juiz de Fora. Um deles não fala para gente que vai e o outro fala. A gente vaia fazer a matéria com a única pessoa que falou. Se essa pessoa não falar assim – “Oh, fulano de tal vai também!”.

JUL: A gente sempre pergunta: -“Você conhece mais alguém que vai?” Se tiver site oficial da inscrição, a gente sempre olha também. Mas nem sempre a gente consegue. E aí, por exemplo: Numa competição de triatlon , eu vou ligar para todo mundo, para todos os triatletas?

Mas, realmente, é muito difícil e a gente não sabe se a pessoa vai. Se ela vai competir, ou se decidiu de última hora, ou se desistiu de última hora. Então realmente. É complicado. Mas não é complicado por falta por falta de vontade da gente de divulgar, nem faltam matérias para divulgar. Mas, porque muitas vezes, essa fonte não acontece.

JUL: Muitos deles criam esse veículo. Muitos já criaram esse hábito de informar. Porque eles também estão interessados em divulgar, em aparecer. É uma relação, até de certa forma, tranquila. É muito difícil você não conseguir acessar alguém. A não ser quando tem algum problema mesmo. Porque as pessoas têm a vontade de aparecer. Elas querem se mostrar.

WAL: A gente fala que é muito diferente o jornalismo esportivo do jornalismo diária policial, do mundo, econômico. O político é bem parecido com o esportivo. é o que parece mais.

O esportista quer aparecer. E, aqui, o nosso papel em Juiz de Fora, o nosso papel é mais de incentivar do que até de cobrar. A gente sabe que ele não tem condições de cobrar porque ele não tem condições de se preparar, não tem como treinar. Não é questão que a

gente não vai cobrar. A agente cobra de, por exemplo, de clubes como o Tupi, até algum individual a gente vai cobrar.

JUL: Ele vai a alguma competição nacional e fica em 10º lugar. A gente tem que bater palma para ele. Ele estava competindo com gente que vive disso. Então, o cara conseguiu ficar em 10º entre setenta competidores. Bom. Que ótimo. Porque não dá para falar: -“Poxa, ele foi só o décimo?”. Não! Ele foi décimo.

WAL: Por relação é que a gente vê que o esportista tem vontade de aparecer. Até quando a gente vai cobrar o esporte diário desses clubes. Existia um problema quando jogadores iam cobrar na diretoria salários atrasados. A gente via uma relação com as fontes. Tanto aos jogadores, quanto com a diretoria. A hora que você chega para cobrar, a hora que você chega para fazer uma matéria assim: - “o clube não está pagando aos jogadores, ou; o clube não conseguiu patrocínio ainda, vai ficar de fora.”

Eles não vão te responder mal, ou não vão deixar de falar com você, não vão ficar com raiva de você porque você está fazendo uma matéria assim. Justamente, porque eles sabem que quando o clube precisa de apoio, quando o clube precisa de jogadores, quando os jogadores do apoio da torcida, da força da torcida, o veículo, a Tribuna de Minas é a primeira a se prontificar a dar espaço para que eles, alguns clubes consigam isso.

JUL: A gente tenta e tem conseguido manter isso. Não precisa ser bonzinho, nem malzinho. A gente não é bonzinho, nem malzinho. A hora que é hora de falar bem, fala. A hora eu é para falar mal, fala também. E consegue trabalhar bem com as fontes desse jeito.

WAL: A gente não polemiza o assunto que não tem polêmica. E também não fica passando a mão na cabeça de quem não merece. É muito curioso esse tipo de relação porque, aqui em Juiz de Fora, é só bater palma para o cara que treina; que trabalha o dia inteiro, treina de noite, acorda de madrugada para treinar e vai competir.

5. Com relação à resposta dos leitores: Vocês conseguem avaliar a aceitação do público quanto às matérias locais veiculadas no jornal? É bom divulgar o local?

WAL: A resposta do público é bastante relativa. A gente tem resposta do público por e-mail.

JUL: A maior resposta que a gente consegue ter é quando as pessoas procuram a gente, ou quando ligam ou mandam e-mail.

WAL: Na cobertura diária que a gente faz, por exemplo, no Tupi, a gente tem uma resposta do torcedor cara-a-cara. As que a gente tem mais respostas são as matérias especiais. Porque, de repente, você pega o assunto e que tem muita gente que lembra, que acompanhou ou, então, resgata e aí chove de e-mails na segunda-feira.

6. Existe um público local que quer ver o esporte local no Tribuna?

WAL: É o mesmo que a gente estava falando antes. Que existe uma carência. Que a cidade é carente.

7. Mesmo com todos os problemas apontados por vocês, é difícil fazer o jornalismo esportivo em Juiz de Fora, hoje?

WAL: Eu acho que não. Eu acho que o jornalismo esportivo em si, não é difícil. É trabalhoso. Juiz de Fora, como uma cidade carente como a gente falou, é uma cidade que dificulta porque você não tem grandes centros, como não tem grandes resultados, você não tem grandes competições. Não existe nenhum pólo esportivo configurado em Juiz de Fora. Mas é prazeroso. Quando você entra em contato com o atleta, o atleta vai para fora de Juiz

de Fora e, principalmente, consegue bom resultado. A gente fica vibrando porque a gente sabe da luta que é.

JUL: Tem essa relação também. Você torce, e se envolve, muito mais, muitas vezes, com as suas matérias do que em outras editorias, por exemplo. Tem essa relação de torcida.

WAL: Quando sae competidores e que a gente sabe que tem condições de ganhar a gente fica de olho porque sabe que eles fazem um esforço tremendo par competir. Então, a gente fica torcendo para que eles tragam o resultado não só para gente poder fazer, também, a matéria, mas para crescimento deles mesmos. A cidade é muito pouco receptiva a esse tipo de resultados.

7.7. Paulo César Magella – Editor Geral do Jornal Tribuna de Minas

Entrevista concedida no dia 29/11/2005

1. Como surgiu o jornal Tribuna de Minas?

Em 1980, o Juracy, que era um empresário da construção civil, médico conceituado, ele resolveu ingressar no ramo da Comunicação. Em 1980. E aí, ele assumiu o controle da Rádio Sociedade Juiz de Fora que é uma sociedade anônima, que era, então,

a Super B3. Ele tornou-se acionista majoritário e em 1981 ele investiu no impresso. Então, ele criou a Tribuna de Minas. Boa parte dos jornalistas – como aconteceu agora com o Panorama – saiu do Diário Mercantil. Nós saímos do Mercantil, um grupo bom e nós formamos a primeira equipe do Tribuna de Minas. Era um jornal que tinha uma redação grande. Era na Academia, onde é a biblioteca Esdeva, hoje. Então, tanto é que a Esdeva gráfica é resultante de lá. Porque a Esdeva era dos padres. Ela rodava o Lar Católico, o jornal dos Padres. E o Dr. Juracy comprou a Esdeva também para rodar a Tribuna de Minas. Olha só como é o paradoxo do tempo. A Esdeva cresceu tanto que hoje ela é a Rolding. É ela que controla o jornal. Ela foi comprada para rodar o jornal e, hoje, o jornal pertence a ela.

No primeiro Tribuna de Minas, o editorial era: um jornal novo e objetivo. Fora isso falava: para dar apoio a livre iniciativa. Essa idéia faz 25 anos, agora, em 2006. E no curso dele, pela editoria de esportes passou nomes como o de Ronaldo Dutra Pereira, Ivan Elias. A gente acompanhou muitas coberturas. Imagina! Em 1982, já pegamos a Copa do Mundo. E aquela Copa do Mundo da Seleção do Telê Santana, aquela seleção fantástica. Já pegamos essa Copa do Mundo pela frente. O que mais a gente pegou? Pegamos depois do Brasil tricampeão mundial, a partir daí, pegamos mais duas Copas do Mundo que o Brasil foi campeão: 1994 e 2002.

Apoiamos vários eventos. Rústica, por exemplo. Temos um trabalho muito grande no amadorismo. Temos, desde o início, uma parceria. Então, participamos de um convênio com o Bahamas e a prefeitura para a Copa Bahamas, que pe a maior Copa de futebol amador do mundo. Então, a Tribuna está envolvida nesse projeto desde o início. Porque não adianta você trabalhar oficialmente, só com Rio, São Paulo, com o futebol. Tem que dar espaço para o esporte da cidade.

E é isso que é a tendência do jornalismo mundial hoje. Chama-se localismo. Porque falou do Vasco, Flamengo e Botafogo a gente fala. Mas, não sabe nem o quê que é! Por quê? Porque O Globo fala, O Lance fala, O Extra fala, O Dia fala. E até melhor porque são jornais regionais. Mas eles não falam do Baeta, eles não falam do Tupi, eles não falam do Sport. Então, tem um ditado Romano que diz o seguinte: “É preferível ser o primeiro na minha aldeia do que ser o segundo em Roma”. Temos que privilegiar nossa aldeia. Porque é aqui que a gente vive, é aqui que a gente gasta, é aqui que a gente se diverte, é aqui que a gente consome, cria nossos filhos.

O leitor que se interessa, hoje, pelo que está acontecendo na vida dele. Ele quer saber. O diferencial é esse. Porque no resto do mundo o cara vê de casa, pela internet. Ele conecta a internet. O mundo está muito pequeno. Então, a demanda local é muito maior. E a gente também tem que dar apoio ao esporte local. Isso é fundamental. Tem sido um diferencial e a gente tem adotado a um certo tempo.

2. Como se deu o desenvolvimento da editoria de esportes no jornal Tribuna de Minas ao longo desses, quase, 25 anos de história?

Depois que a gente criou o Tribuna era maior. Era maior. Mas porque a demanda era maior e a exigência do trabalho também era maior pela dificuldade que você tinha de apurar. Não tinha muita tecnologia que tem hoje. Hoje o computador – e esse é o lado perverso dele – ele cortou gente do mercado. Então, por exemplo, um editor e um repórter não davam conta porque tinham que pegar telex, tinham que ler telex, outro tinha que apurar, outro tinha que ajudar na diagramação. Hoje, as redações estão mais enxutas por causa disso. Por causa da ferramenta da internet. A Tribuna, depois, então, veio com um repórter e um editor. Hoje, não! Nós voltamos com dois repórteres e um editor. Porque o

esporte é estratégico, o esporte tem leitura. Então, entre as leituras mais lidas, o esporte é uma delas. E um detalhe que chama a atenção é que o leitor de esportes é mais exigente do que os demais. Porque, em tese, ele é um torcedor. Então, é o cara que mais reclama. Se você colocar um tamanho maior para o Flamengo em detrimento do Botafogo, o cara do botafogo vai te ligar. Se você colocar que o jogo começou as cinco e o jogo, na verdade, começou as quatro, eles vão te xingar de não sei o quê porque perderam uma hora do jogo. Então, é uma editoria que exige hoje muito cuidado.

3. Você acha que, em Juiz de Fora, tem um público que se interessa pelo esporte local? Ou só pelo futebol “nacional” representado pelos times do Rio e São Paulo?

Futebol é a paixão nacional, claro. Mas, os mais especializados, o esporte amador, hoje, tem uma leitura muito grande. É muito simples. Vai acontecer, agora, no final do mês agora, no início de dezembro, a premiação da Copa Bahamas. Vai lá para você ver. O número de pessoas da prefeitura que acompanham. A discussão no bairro não é só sobre o Flamengo. É sobre quanto foi o Cerâmica contra o São Benedito. Demanda tem. Agora falta incentivo, apoio. Esse é o grande problema.

7.8. Ronaldo Dutra Pereira – Atual repórter de Internacional do Jornal Tribuna de Minas e ex-editor chefe de esporte do jornal.

Entrevista concedida em 29/11/2005.

1. Como você analisa o esporte de juiz de Fora?

Acho que merecer destaque, ele sempre merece. Então, por exemplo, o esporte de Juiz de Fora, você vê, falando só de futebol. O futebol de Juiz de Fora ficou restrito ao

Tupi até o ano passado, 2004. O ano passado o Tupi parece que acabou. Mas o Tupi é um negócio meio esquisito. Tinha um antigo editor de esportes do Diário da Tarde, João Batista de Paula, que falava o seguinte: –“ o time perfeito de Juiz de Fora é o Tupi da linha do campo para dentro e o Sport da linha de campo para fora.

Porque o Sport Club Juiz de Fora era um clube padrão em matéria de organização. E o Tupi era o time padrão em matéria de resultado dentro de campo. Acontece que o Tupi, depois de tanto desmando, que aconteceu nessas últimas administrações do Tupi, ele deixou de ser até um time competitivo. Você vê: até pouco tempo atrás, o Tupi foi Campeão Mineiro da Segunda Divisão. Então, o Tupi estaca até bem de bola. E deixou até de ser bom de bola e começou, assim, a perder nas primeiras fases das competições que ele participava. Chegou a participar da Copa do Brasil e outras importantes competições.

Eu sou de uma época que a gente ia ao campo assistir um jogo entre Tupi e Tupinambás, por exemplo, saía do campo e ia saber o resultado do futebol do Rio. Porque o radinho de pilha, naquele tempo, tinha, mas era muito caro. Não era uma coisa que tinha ao alcance de qualquer um. Então, você saía e ia perguntar. Ou então, passava no café Dia e Noite, e ia vendo no placar lá quanto é que foi o Fla x Flu. Quanto é que foi o Vasco x Botafogo. Quanto é que foi o Vasco x Fluminense. Mas você ia ao campo para assistir Tupi e Tupinambás, Tupi e Sport, Tupinambás e Sport e acompanhar o campeonato regional daqui. Que era disputado por nove, dez clubes. Tinha clubes de Barbacena, São João Del Rei, Clubes de Bicas, Clubes de Juiz de Fora. Eram campeonatos que movimentavam a cidade. Eu chequei a cobrir isso na década de 70, ainda. Na década de 70, nós chegamos a fazer – ou melhor, nós não. A Liga de Futebol de Juiz de Fora – chegou a fazer campeonatos com dez clubes aqui em Juiz de Fora. Disputando, aqui, em Além Paraíba, em Bicas, em Barbacena, em São João Del Rei e em Santos Dumont.

Santos Dumont tinha dois clubes de boas torcidas: que era o Mineiro e o Social. Mas isso aí, a televisão acabou com isso. De 1956 para cá, quando a televisão começou a transmitir jogos direto do Rio para cá, foi acabando com o público local. O público local preferiu ficar em casa, vendo o jogo pela televisão do que ir ao campo para assistir a um jogo do Sport, um jogo do Baeta ou um jogo do Tupi. Preferiam ficar em casa. Então, isso matou o futebol local. Como aconteceu com várias outras cidades de porte médio como Juiz de Fora.

2. Com relação às outras modalidades esportivas da cidade, você vê uma melhora, um avanço, um crescimento?

Isso aí eu encaro mais como esportes de lazer. Então, hoje, você pega na edição de hoje da Tribuna de Minas, tem lá os resultados do final de semana. Então, o quê que você tem lá? E um corredor que se destacou numa corrida, é um jogo de bocha do Tupinambás contra o Bola show, quer dizer: são esportes de lazer!

Juiz de Fora já teve até esporte competitivo, no vôlei, por exemplo. Juiz de Fora foi campeã mineira no vôlei. Campeã estadual no vôlei. Com o time do Sport. O Sport montou um timaço contratou jogadoras de várias partes do país. Arrumou um patrocinador forte que era a Coca-Cola e botou um timaço aqui que foi campeão mineiro. Jogando dentro de Juiz de Fora e jogando fora de Juiz de Fora também. Eram moças de várias partes do Brasil e tinha moça que jogava no time do Sport e que era da seleção Brasileira. E foi campeã mineira por causa disso. E isso não tem muito tempo não. A Tribuna de Minas chegou a pegar. Isso já era no tempo da Tribuna de Minas, isso na década de 80, 90. Quando o Sport foi campeão mineiro.

Fora isso, todos os outros esportes são esportes de lazer. Você pega assim: O Aldo Manfro. Ele vai lá nada e ganha uma competição na faixa etária dele. Isso aí, na realidade, interessa a ele. Dizer que o Aldo Manfro vai vender jornal, ele não vende jornal não! A Beatriz Holanda, essa médica que compete na natação, também, com o marido que compete no atletismo. Eles não vendem jornal.

Ninguém compra jornal para saber como foi a performance dela, da Beatriz Holanda, nesse último final de semana. Isso interessa a eles.

Agora, quem vende jornal no Brasil, é o futebol. Vende jornal sim. Nem o vôlei masculino e feminino. O cara não corre na banca para comprar jornal para ver matérias sobre vôlei e basquete, vôlei feminino, vôlei masculino. Não! Eu compro para ver futebol. Nós somos de um país do uni-esporte. Tem um esporte aqui que é o esporte que é popular, que é o esporte de multidão mesmo. Que é o futebol. E mesmo assim está se degradingolando, está se desmoralizando a ponto de os “grandes” como o Vasco, o Flamengo, o ano passado, o Botafogo, chegarem ao fim do campeonato e estavam ameaçados e, alguns deles, que chegaram até ir para a segunda divisão. E tem o caso do Fluminense que chegou até ir para a terceira divisão. De tanta bagunça que é a administração desses clubes.

3. Você acredita que, em Juiz de Fora, hoje é difícil fazer o jornalismo esportivo por falta dos grandes clubes locais, da rivalidade de anos atrás no futebol?

É difícil porque você passa a concorrer com a grande imprensa. E a grande imprensa está no lugar onde existem os grandes times. Você compete com os times do Rio, os times de Belo Horizonte, os times de São Paulo que é onde estão os grandes times, os times de muita popularidade. E a gente está trabalhando aqui, cobrindo os eventos

esportivos do futebol com base em noticiários de agência e o noticiário de agência é um noticiário pobre. Você pega a agência Estado, a agência Folha e tal. Eles dão prioridade ao futebol paulista; você pega a agência Uai, por exemplo, que é do Estado de Minas, eles dão prioridade ao futebol de Belo Horizonte. Você pega o Lance dão prioridade ao futebol carioca. Então você cobre mal porque você não tem o seu repórter lá para ele seguir uma pauta que o editor dê. Ele é obrigado a seguir aquilo que a agência manda e engolir aquilo que a agência manda. Então, a cobertura do jornal Tribuna de Minas corre com muita desvantagem se ela for comparada com os jornais do Rio, jornais de São Paulo e jornais de Belo Horizonte. Porque eles estão nos locais onde existem os clubes.

4. Você acredita que o leitor de Juiz de Fora queira ver o esporte local nos jornais?

Quererá ver, como já aconteceu, de botar vinte e cinco mil pessoas no estádio municipal, no dia em que Tupi foi disputar o título mineiro da segunda divisão e o Tupi foi o campeão. Nós temos fotos aí e fotos do estádio lotado e o tupi posando com a faixa de campeão.

5. Então, você acredita que só quando tiver um futebol de rivalidade, um futebol sério e de credibilidade, de grandes competições, aí você acredita que o jornalismo esportivo de Juiz de Fora vai ganhar um outro ânimo, uma outra visão?

Ganha, ganha outra dimensão. Apesar de você, é claro, não pode abandonar as competições de nível nacional, como o campeonato brasileiro de futebol. Mas se criar um campeonato regional bem cuidadoso por parte da federação mineira de futebol, a gente poderia fazer, perfeitamente, um bom trabalho também no jornal.

7.9. Carlos Alberto Ferreira Júnior – Repórter de esporte da TV Panorama

Entrevista concedida no dia 30/11/2005

1. Como é a sua história no jornalismo esportivo?

A minha trajetória começou, ainda, dentro da faculdade de comunicação quando eu, no segundo dia de faculdade, eu comecei a participar do programa Resumo Esportivo. E, se não me engano, o chefe do Resumo Esportivo na época era o Ricardo Ribeiro. Márcio

Guerra participava também e tinha uma equipe de 15, 16 alunos da Faculdade de Comunicação que compunham o programa dentro de uma rádio super apertada que funcionava no lugar onde era a cozinha da faculdade.

A minha trajetória no esporte voltado para a profissão começou aí. Porque eu já tinha sido atleta antes, durante muito tempo. No segundo período, no final do segundo período, precisou, foi necessário que alguém tomasse a frente do departamento de esportes do jornalismo da Rádio Universitária. Eu fui, já no segundo período, passei a ser o responsável pelo programa, pelo Resumo Esportivo. E dali, que eu realmente decidi que queria direcionar minha carreira para o esporte, de uma forma mais ampla do que só o futebol que era o que eu queria me dedicar.

E, a partir dali, da chefia do programa, daquela equipe que tinha gente muito mais velha, muito mais experiente, muito mais gabaritada do que eu, é que nasceu, realmente, esse intuito, esse objetivo de me direcionar ao jornalismo esportivo.

Anos depois, já quando eu estava no sexto período da faculdade, se não me engano. Não! No sétimo. Surgiu a oportunidade para que eu cobrisse férias na edição aqui, já, na TV Panorama, no Panorama Esporte.

O Alberto Mendes era o editor, ele ia sair de férias e a Ana Vianna queria formar mais um editor. Então, eu dividia a edição do programa, nesse meio das férias dele com o Sérgio Rodrigues. Isso foi no final de 2002, no início de 2003. Porque logo depois, eu fiz essas férias na edição, fui para outros setores daqui da empresa. Só que o Alberto saiu da TV e eu fui promovido a editor chefe dos esportes aqui na TV Panorama em 2003, cargo que eu fiquei por quase dois anos. Aí, na edição, passei a acumular também, a reportagem do esporte nesses dois últimos anos, 2003 e 2004. Eu fui o primeiro editor de esportes do jornal Panorama quando ele foi lançado no final de 2003. A partir de novembro de 2003 onde eu fiquei na editoria por cinco meses.

As funções coexistiam. A função de ser editor chefe de esportes da TV Panorama e editor chefe da editoria de esportes do jornal Panorama também. Essas funções coexistiram durante esse tempo que eu fiquei no jornal.

2. Como você avalia o esporte de Juiz de Fora hoje? Como você conceitua, analisa o esporte da cidade?

Hoje, eu analiso o esporte da cidade sobre o prisma de que, nos últimos anos nós viemos acumulando perdas. Perdemos pessoas muito importantes como o Antônio Marcos, perdemos o Thiago Machado dos Santos e perdemos o Tupi, entendeu? Que ao deixar de ocupar o posto na primeira divisão, na elite do futebol mineiro, ele deixou de ser a entidade que representa o futebol da Zona da Mata e Vertentes como um todo. Porque o Tupi era, realmente, ou melhor, é realmente, a principal expressão do futebol dessa região. Nosso representante no cenário nacional de futebol, hoje, é o Tupi. Ele não estando na primeira divisão do campeonato mineiro ele perde muito. E conseqüentemente, nós perdemos muito. Por outro lado, eu analiso que em outros esportes, nós tivemos um ganho muito grande. O taekwondo foi um esporte que evoluiu muito. Os atletas evoluíram muito. O Diego Daibert é um atleta que participa de campeonatos brasileiros, pan-americanos, mundial. Outras lideranças, outros nomes estão surgindo agora no taekwondo, como os atletas do professor Júlio, por exemplo. Estamos revelando atletas, também, na karatê, que é uma modalidade que vem crescendo bastante, na cidade. No triatlon, perdemos o Thiago Machado, mas ganhamos o Lucas Leite, que é um atleta que, no último ano, ele surpreendeu positivamente, ele vem surpreendendo. A curva, o gráfico dele, é, realmente, de uma subida. Um gráfico muito ascendente, uma subida muito forte, muito íngreme mesmo. E ele está treinando com Marcos Hallack que é outro atleta que vem passando por

uma fase de transição, mas que está realmente, com resultados muito fortes nessa fase de transição. E possivelmente deve ser o atleta que vai ocupar essa lacuna deixada pelo Thiago Machado dos Santos que era, então, a principal expressão do esporte nesse ano, na nossa região, foi o Thiago Machado dos Santos. Ele era o atleta. Era o mais cotado para ir ao pan-americano, era o mais cotado para ir às Olimpíadas, estava entre os cinco principais triatletas do país. Então, quem eu acho que vai ocupar essa lacuna é o Marcos Hallack, que foi décimo numa competição agora, décimo entre os profissionais, no meio iron man de Pirassununga e que foi a competição mais forte, de nível mais forte já existente no país. Então, quer dizer, ele está numa fase de transição entre o triatlon amador e o triatlon profissional e já conseguiu esse décimo lugar. Ele é um atleta que é administrador de empresas também. Então, ele alia as duas coisas, entendeu? Então, quer dizer, o planejamento do treino dele é um planejamento de administrador, o planejamento da carreira dele é um planejamento de administrador. É um atleta muito organizado, que conseguiu disputar esse ano, o Mundial de triatlon na Dinamarca. Então, quer dizer, não tinha o patrocínio tão forte quanto o do Thiago machado, mas foi. Então, quer dizer, eu acho que, se por um lado nós tivemos um ano marcado por grandes perdas, a gente não pode perder as esperanças que estão nascendo, novas lideranças. Lideranças que vão ocupar um pouco, ao longo do tempo, o espaço que essas pessoas estão deixando. Então, a minha visão é uma visão de grande esperança. Eu acho que o trabalho que a gente desempenha, hoje, é um trabalho de plantar.

Nós estamos semeando, nos estamos regando a semente para a gente colher daqui a dois, três anos os frutos que nós vamos colher junto com esses atletas.

Mas a minha análise, hoje, do esporte na região é de um esporte extremamente amador. Forte no amador. Poucas lideranças profissionais, mas um retrato de um esporte,

muito fortemente amador, ainda que a visão de seriedade por parte de muita gente seja muito grande nesse esporte amador.

Não temos grandes lideranças profissionais. Mas o forte da região é o esporte amador.

3. Não temos na cidade os clubes esportivos para realização das coberturas diárias dos acontecimentos, o que facilita a prática do jornalismo esportivo. Não temos esse profissionalismo na cidade. Nós temos um forte esporte amador. Esporte amador rende matéria, rende manchete, merece destaque?

Obviamente. Você tem que valorizar o produto que é da sua cidade. Entendeu? Os poetas já diziam: -“ O rio mais bonito é o que passa na minha aldeia.” Entendeu? Mas a questão é a seguinte: para mim, o rio mais bonito é o que passa na minha aldeia mesmo. Para mim, o melhor atleta de triatlon que eu conheço, que eu vejo e que eu quero retratar é o Marcos Hallack, é o Lucas Leite. O esporte amador merece destaque. Merece primeira página. Porque é o amador de hoje que vai ser profissional de amanhã. Ninguém nasce sabendo andar. Todo mundo engatinha, né?! Então, o esportista ele não nasce profissional. Ele vai ter que amadurecer, ele vai ter que crescer, ralar, suar. Então, ele vai ser amador um dia.

A Viviane Anderson um dia foi do ranking de rústicas de Juiz de Fora e ela foi uma atleta do esporte amador até ela virar profissional, até ela poder viver disso.

Então, eu acho que a nossa função enquanto jornalista é muito mais de dar base, subsídio para que o atleta possa decolar.

Agora, o esporte amador merece manchete? Merece! Merece destaque? Merece. Merece primeira página? Merece! Merece escalada de jornal? Merece! Merece tudo isso e muito mais.

O esporte amador rende pauta? Muita! Hoje, eu descarto pauta. Eu fico remanejando. É um trabalho de engenharia, de arquitetar as pautas que eu vou fazer na semana. Porque tem muito conteúdo, muito oferecimento. Muito atleta vem atrás e, assim, o jornalista do esporte amador ele corre atrás de muita pauta. Corre, mas as pautas chegam muito mais para ele. Hoje, eu faço um trabalho de engenharia. –“Pó, sexta-feira eu estou com vontade de fazer uma matéria com o Fernando Silvio Santos que vai correr a Volta da Pampulha, que foi o terceiro melhor brasileiro na corrida de São Silvestre e foi o terceiro da maratona à Tribuna, da meia maratona à Tribuna, de santos.

Eu estou fazendo isso aqui! Eu estou suando quase um litro para conseguir ir lá em Guarani para fazer uma matéria com o Fernando Silvio Santos. Uma matéria boa. Por quê? Porque eu já marquei duas matérias para amanhã, então eu não posso ir amanhã. Então, eu tenho que ir na sexta-feira, mas na sexta-feira se eu for tenho que ir correndo porque essa matéria tem que entrar na sexta-feira à noite porque a Volta da Pampulha já é no domingo. Então, quer dizer, conteúdo existe. E se eu não for fazer o Fernando Silvio Santos, eu posso fazer o Luiz Carlos Barroso e o Toninho Toledo que ganharam o circuito Estrada Real de corrida de Aventura e eu estou devendo uma matéria para eles. Eu posso fazer a do Rogério Passo que vai disputar um torneio importante de futebol amador, categoria de base, no interior de São Paulo e que é um torneio internacional importante. Eu tenho as meninas da Volta da Lagoa da Pampulha para poder fazer com os atletas de Juiz de Fora. Eu tenho Ronaldo Mariano, que eu estou devendo uma matéria para ele, um balanço de como é que foi o ano para ele. Porque ele voltou esse ano e ganhou tudo que disputou. Eu

estou devendo uma matéria para o Marcos Hallack e para o Lucas Leite de um balanço do ano deles todo porque foram muito bem em Pirassununga e eu ainda não consegui fazer.

4. Mas você acha que em Juiz de Fora tem um público que quer saber do esporte local amador?

Tem. Tem. O esporte amador em Juiz de Fora vende jornal. O Tupi vende muito jornal. O tupi dá manchete, dá escalada em jornal porque o Tupi é um atrativo. Ainda com todas as deficiências, a marca Tupi é forte até hoje. É só saber trabalhar. Eu concordo. Eu não perco essa esperança, esse viés. E eu acredito muito que as pesquisas feitas pelos jornais elas comprovam isso. A primeira parte dos jornais, a primeira parte visualizada é o esporte. Tem muita gente que lê o jornal de trás para frente, em função do esporte. Então, quer dizer o público de Juiz de Fora procura, procura muito. Sabe por quê?

O MGTV teve um salto de audiência, o MGTV, sobretudo, o da segunda edição, teve um salto de audiência desde 2004 quando foi inserido, passou se a inserir, diariamente, uma matéria de esportes no MGTV, 2º edição. O jornal cresceu de audiência. O jornal cresceu de audiência também baseada em muitos outros fatores, mas a principal mudança foi a inserção do esporte.

Então, quer dizer, o esporte amador da região ele desperta a curiosidade das pessoas, principalmente, porque para cobrir o esporte amador o repórter, o editor, eles têm que abusar muito mais da criatividade. Ele tem que se superar a cada dia. Então, você acaba colhendo matérias, personagens interessantes e quando você cobre o amador você passa a conhecer muito mais do global da realidade esportiva da região. Porque, se você tem um clube que te prende a cobertura, você não abre espaço tanto para outras pessoas, outras lideranças, outros fenômenos e eventos esportivos que estão no amador. Por quê?

Porque o profissional ele polariza, ele toma muita conta ali do noticiário. Então, quer dizer, outros personagens interessantes, um Toninho Buda da vida, que você poderia explorar, você está deixando de explorar porque você está preocupado com a cobertura diária do esporte profissional que não pode faltar. Aí, esse é o caso. Então, quer dizer, a falta de um setor um surgimento de uma equipe profissional, seja ela do basquete feminino, como foi no ano passado, ou do próprio Tupi ele te abre leque para que você possa realmente dar espaço para muito mais atletas e com isso, você tem que tornar esses atletas atrativos.

Então, quer dizer, a passagem que você vai fazer ela tem que ter um “Q” a mais. Ou as pautas que você vai bolar, elas tem que ter um diferencial. As imagens que você vai fazer têm que ser muito melhor para poder manter essa percepção. E eu acho que, com grande maestria, nós temos conseguido esse resultado. Não só eu, que sou da televisão, não só o Rodrigo Dias, mas as pessoas que trabalham em jornal, também. Os lutadores diários dos jornais que é muito difícil fechar o jornal só com o esporte amador e essa é uma crítica que eu faço. Eu acho que tem faltado. Eu acho que os jornais estão agências demais.

Hoje eu abri o Tribuna de Minas e não tinha uma nota local. Quer dizer, mas essas pessoas estão imbuídas, realmente, envolvidas num processo que é muito difícil, mas é muito saboroso.

5. Hoje você trabalha com o jornalismo esportivo na TV. Mas você também já esteve trabalhando para os impressos da cidade. Como você vê a cobertura esportiva nesses veículos diferentes.

Eu acho que a TV te favorece ao divulgar mais o esporte local porque o espaço é menor. Então aquele conteúdo local que você tem, ele preenche bem o faude de jornal que você tem.

Jornal impresso, fazer jornal impresso é uma atividade extremamente pesada, cansativa. Fazer jornal impresso consome o profissional. Porque o jornal tem um espaço muito grande. Se você fosse pegar todas as matérias do jornal para colocar na televisão, gastaria-se um tempo violentíssimo.

Então, quer dizer, o jornal é muito grande e é por isso, que têm as agências. Para suprir aquele espaço. Mas eu sinto que existe uma lacuna que ainda não está sendo bem preenchida. Porque hoje, eu abri o Panorama e não tinha uma notícia do esporte local. eu abri o Tribuna de Minas e não tinha uma notícia do esporte local. Será que está faltando atleta na região? Não!

Eu fiz oito minutos de MGTV, hoje, só com notícias locais. Então, eu acho que as redações podem estar sofrendo de um problema, talvez, econômico. Talvez, os empresários não queiram investir ou estejam tendo dificuldades de investir por causa da questão macroeconômica que o país atravessa e a região acompanha isso. O empresário, ele, muitas das vezes, ele tem que reduzir e, aí, ele acaba reduzindo no esporte. É o que a gente percebe. Então, não é que falta conteúdo, mas, talvez, esteja faltando gente para poder ter tempo de apurar esse conteúdo. Então, tem jornal aí, que tem uma pessoa na editoria de esportes, tem duas três. Então, quer dizer, para fazer duas páginas é pesado, é muito complicado.

Então, eu acho que existe uma lacuna que não está sendo preenchida. Em pouco tempo atrás, em outros anos, ela já foi muito bem preenchida e torço para que volte, apesar de os profissionais de esporte da nossa cidade serem, extremamente, talentosos. Mas eu acho que os jornais que tenho visto, hoje, eles tem agência demais. Eles tem muita agência em detrimento do conteúdo local.

6. Como você vê a ponte atleta e veículo de comunicação? Você acredita que a informação chega ou não chega?

Poucos atletas na nossa região têm assessoria de imprensa. A Beatriz Holanda e o marido têm; o Thiago Machado tinha uma assessoria, mas que quase não trabalhava com a gente. O Rodrigo Sarmiento, cavaleiro, tem uma assessoria, mas que não fala conosco. Praticamente, não faz contato com agente. Então, quer dizer, vai muito do sacrifício dos jornalistas de cultivar, de cativar aquela fonte e do espírito dele de correr atrás da notícia, de estar sempre antenado, sempre muito ligado.

Por outro lado, a resposta dos atletas é muito grande. Os atletas fazem muito contato. Muito, muito, muito. Então, quer dizer, é uma via de duas mãos. O jornalista corre atrás daquilo que ele já sabe e ele recebe muito conteúdo também.

As agências não preenchem a lacuna que existe aí. E aí, é o nicho de mercado que eu acho que eles estão dando boabeira. As agências de assessoria ainda não se atentaram para esse fato. Elas pouco tem contato com o jornalista esportivo, muito pouco. E aí, dentro da cidade, tem eventos, que podem ser trabalhados por uma assessoria, que podem ser trabalhados por uma agência.

Esporte dá dinheiro. Esporte dá dinheiro. É só saber trabalhar. O empresário, por exemplo, vamos enveredar por u outro caminho. O empresário que não investe em esporte é porque ele não conhece esportes. É muito mais barato você patrocinar um atleta de corridas de rústicas, por exemplo, um Geraldo de Assis, a mil reais por mês – Geraldo, toda segunda-feira, toda semana – ele vai estar na TV Panorama. Toda corrida de ranking que tiver ele vai estar. Quantos anúncios você paga por mil reais? Você nem faz plano comercial com mil reais.

São tão poucos anúncios que eu acho que nem se faz. Então, quer dizer, um investimento num atleta não foi muito mais vantajoso? E outra, o atleta está te dando retorno na TV, no jornal, na rádio. Com mil reais você não põe nem anúncio na TV. Então, quer dizer, o investimento, o retorno que um atleta te dá é muito maior. Mas eu não sei como que o empresário ainda não se atentou para isso. Eu não entendo. Eu fico bobo de ver como que o cara não entende que o esporte dá retorno, que é um investimento seguro. Você vai estar economizando. Ao invés de você gastar quatro mil, você vai estar gastando mil patrocinando um atleta. E ainda pode deduzir isso de imposto de renda, nessas declarações.

É uma via de mão dupla. É um caminho, realmente, de mão dupla em que a interação acontece o tempo todo. Vai muito do jornalista correr atrás, já saber e de cativar aquela fonte para que aquela fonte esteja sempre ligando para ele. Mais um caminho de abastecimento dos jornais e da TV é sempre uma via de mão dupla. Eu acho que a TV tem um atrativo muito grande em cima do jornal que é a questão da imagem. Você está se vendo, você aparece. E o público que vê televisão é muito superior ao público que lê jornal. Ela tem esse atrativo. Ela tem esse alcance bem maior. Apesar de que o jornal ele vira um documento. Então o cara pode guardar aquilo que daqui a 20 anos aquilo vai estar lá impresso. Aquilo é um documento. Mas, a TV tem esse atrativo. Por isso que eu acho que essa via de mão dupla, principalmente, essa via do atleta para com o profissional da TV ela é maior, do que para o profissional da rádio e do impresso.

7. É difícil fazer jornalismo esportivo em Juiz de Fora, hoje?

É difícil fazer jornalismo esportivo em Juiz de Fora pela falta da iniciativa dos profissionais. É gratificante porque você consegue fazer e o jornalismo esportivo feito na

cidade é muito bem feito. Agora, essa dificuldade da falta de iniciativa dos profissionais que possam catapultar o seu trabalho, que possam fazer com que o seu trabalho seja visto estadual e nacionalmente, isso é que dificulta o fazer jornalístico do esporte na cidade.

Você faz muito restrita a sua área de cobertura. Você tem poucos eventos, poucos assuntos que podem extrapolar esse limite aqui da região.

8. Fonte tem, pauta tem. É isso?

Pauta tem, fonte tem. Mas o esporte amador ele, dificilmente, rende uma matéria nacional enquanto que o esporte profissional é que te catapulta para isso.

7.10. Rodrigo Dias – Apresentador de esportes da TV Panorama

Entrevista concedida no dia 06/12/2005

1. Quais são suas experiências com o jornalismo esportivo de Juiz de Fora?

Eu trabalhei de 1997 a 1999 no departamento de esportes da Rádio Solar. Eu apresentava, junto com o Ricardo Wagner, o programa *No Giro da Bola*, que era um programa esportivo que tinha uma audiência fantástica, que inclusive, quem começou o programa foi o Mário Helênio. E agora - em 1999 eu fui embora para Muriaé – esse ano, em janeiro de 2005, eu retornei para Juiz de Fora para poder fazer o Panorama Esporte, para poder apresentar o Panorama Esporte. Agora, eu apresento um quadro de esportes dentro do MGTV.

2. Como você conceitua o esporte de Juiz de Fora hoje? Você acha que está em alta ou está em baixa? Como você vê o esporte na cidade?

Se a gente for comparar com esse período que eu estive aqui, de 1997 a 1999, eu acho que hoje está em alta. Eu acho que hoje existe muito mais divulgação, existem muito mais nomes em evidência do que existiam naquela época. Eu acho que assim, ainda falta apoio, falta estrutura, mas de um modo geral, eu acho que – é igual como eu disse. Se a gente for comparar com esse período, de quase dez anos para trás – eu acho que o esporte evoluiu muito, mas ainda pode melhorar. Mas eu acho que o nível é razoável.

3. Juiz de Fora não tem grandes clubes, não tem clube de futebol, não tem clubes de outros esportes também, o que de maneira geral, facilita muito a cobertura diária do jornalismo esportivo. Igual tem em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Você acredita que essa falta prejudica o fazer jornalismo esportivo em Juiz de Fora?

Com certeza. Porque você acaba ficando muito restrito ao esporte amador. Então, falta profissionalismo nesses esportes, falta, como eu já disse anteriormente, estrutura. E você não tendo um grande clube, um grande craque, não ter um ídolo para entrevistar, não ter alguém que, realmente, chame a audiência, que chame o telespectador. Isso acaba dificultando o seu trabalho. Porque se você tem um clube de massa, um clube que atraia a atenção do torcedor, atraia a atenção do telespectador fica muito fácil você fazer jornalismo esportivo, no caso. Agora, você não tendo você tem que buscar outras alternativas e aí, realmente, complica a situação da gente.

4. Não tendo o esporte profissional em Juiz de Fora, a gente depende muito do esporte amador. Você acha que o esporte amador de Juiz de Fora rende matéria, rende pauta, rende destaque?

Rende! Rende sim! É lógico que você não tem aqui nenhuma revelação na natação, nenhuma revelação no basquete. Você não tem isso. Mas você tem atletas que acabaram se destacando, como o Rodrigo Sarmiento, no hipismo; como o Marcos Hallack, no triatlon; como o Giovani Gáveo, no vôlei. O próprio André Nascimento, também, no vôlei, que foi eleito, recentemente, o melhor jogador da Liga Mundial, desse Campeonato Mundial que houve na semana passada. Então você tem. Só que esses nomes muito cedo acabaram indo embora, como o próprio caso do Rodrigo Sarmiento, do Giovani Gáveo, do André Nascimento. Eles se destacam e vão embora. Aí, quer dizer, você fica sem aquela referencia. Aí, você acaba se limitando a ter que divulgar quem está na cidade e a dar destaque para essas pessoas.

Então, você acaba destacando um Thiago Aroeira, do mountain bike. Esse pessoal que está aqui no nosso dia-a-dia e que ainda não tem uma mídia nacional em volta dele.

5. É difícil fazer jornalismo esportivo em Juiz de Fora, hoje?

Essa pergunta está meio que relacionada com a outra. É difícil porque, como é tudo amador, você depende, você não tem – porque nas grandes cidades, nos grandes centros, os grandes atletas, eles têm as assessorias de imprensa, eles têm quem os coloque em contato com a mídia. Aqui não! Aqui é a gente que tem que estar buscando isso ou então os próprios atletas que tem que ficar ligando, procurando. E isso dificulta um pouco o nosso trabalho.

E o fato de a gente não ter muita estrutura, de a gente ter poucos profissionais envolvidos na área acaba dificultando. Porque, às vezes, você até tem, num determinado final de semana, vários eventos para se cobrir. Mas, como você não tem estrutura e nem pessoal para estar cobrindo, você acaba abrindo mão de cobrir um ou outro evento. Então, quer dizer, é mais uma dificuldade.

6. Você acredita que em Juiz de Fora não exista um público para o esporte local?

Não! Não concordo com isso de jeito nenhum. Muito pelo contrário. Eu pensava isso. Antes de vir para cá, agora, no começo do ano, eu pensava isso também. Mas depois eu cheguei a conclusão de que é, justamente, esse público que dá audiência para o programa.

Não é o público do futebol. O público do futebol dá audiência para o Globo Esporte, que tem os grandes clubes para poder atrair o torcedor. Agora, é o esporte amador que dá audiência, porque o cara que pratica o Mountain Bike, o cara que faz a natação, que está no vôlei, no basquete, que está no handbal, ele sabe que a única oportunidade dele se

vê é aqui na imprensa local. Então, a partir do momento que você dá apoio para essas pessoas, que você promove esses esportes, promove essas equipes, esses atletas, você tem a resposta porque ele é quem vai te assistir. Se você não divulga-lo, se você não estiver mostrando o que ele está fazendo, ele vai te cobrar. Então, é esse pessoal que te dá audiência sim. É ele que te dá audiência.

7. Muitas coisas acontecem em Juiz de Fora, principalmente, no esporte e não são divulgadas. Como é buscar a informação sobre o esporte de Juiz de Fora?

Olha, é até aquilo que eu já disse. É um pouco do amadorismo. Até das próprias pessoas que fazem o esporte. Mas isso envolve, também, o que eu já tinha dito antes. Da falta de pessoal para estar buscando isso. Porque você ter, às vezes, uma ou duas pessoas buscando é muito pouco. Porque existem muitos esportes amadores em Juiz de Fora. Um exemplo: eu fui oferecer, uma vez, uma matéria para o Globo Esporte de Belo Horizonte sobre um cara que foi campeão Mundial de Hapikidô. A pessoa lá, em Belo Horizonte, que é coordenadora do Globo Esporte, não sabia o que era Hapikidô.

Em Juiz de Fora existem cem, duzentas pessoas praticando o Hapikidô e uns cem, duzentos praticantes no universo de Juiz de Fora é muita gente.

Então, quer dizer, esporte a gente tem, modalidade a gente tem, atleta a gente tem. Mas, falta pessoal e falta um pouco de estrutura. Tudo está interligado uma coisa na outra.

8. Como você vê o impresso de Juiz de Fora com relação ao esporte local?

É complicado. O impresso ele tem menos espaço. Porque o impresso ele dá muito destaque para os clubes do Rio e pouco para o esporte local. Então, o espaço que é

destinado ao esporte local, e eu digo espaço físico da página, é muito pequeno. E isso está muito interligado. Já na TV, não. No caso do Panorama Esporte, antes a gente tinha em média de 12 minutos por dia. Hoje, caiu. A média é de 6 a 7 minutos. Mas, ainda assim, você não dá para divulgar com a mesma intensidade com que se divulgava antes.

Mas, seis minutos, dá para se divulgar muito mais coisa do que uma única página de jornal que você ainda tem que dividir com os clubes do Rio. Então, é muito, também, em função do espaço físico que o jornal dispõe para estar divulgando.

7.11. Marco Aurélio – Radialista da Rádio Panorama

Entrevista concedida no dia 20/12/2005.

1. Quais são as suas experiências com o jornalismo esportivo de Juiz de Fora?

Isso aí já vem de um longo tempo, principalmente na rádio. Desde 1983 eu já sou um apaixonado pelo rádio. Sempre preferi as transmissões pelo rádio do que pela televisão.

Então, ao mesmo tempo eu pegava e tirava o som da televisão e ouvia pelo rádio. Isso aí é constante.

E a partir daí comecei, sempre em casa, eu tinha uma mania de ficar brincando que estava radiando um jogo apesar de nunca ter narrado de fato, mas, sempre fazia participações como de repórter e fui tomando gosto pela coisa.

Até que, em 1995, lá mesmo em Lima Duarte, surgiu uma rádio comunitária que tem até hoje e que, aliás, presta um serviço muito grande para a comunidade. É rádio comunitária mesmo, não é como outras que ficam aprontando por aí.

E dali começou meu interesse. Logo depois, eu tive algumas oportunidades aqui mesmo em Juiz de Fora, na Rádio Juiz de Fora, através até do Ricardo Wagner que já me conhecia.

Então começou esse intercâmbio e de lá pra cá, vim depois, com o surgimento da Panorama e estamos aí até hoje. Tenho essa participação no rádio e, esporadicamente, a gente faz alguma coisa aí pra a TV, e para o jornal também. Mas, meu veículo de fato é mesmo o rádio.

2. Como você analisa o esporte na cidade hoje?

Se a gente for olhar em um todo, eu acho que esporte está crescendo muito em Juiz de Fora. Apesar de a gente saber que é um pecado a falta de divulgação que existe em Juiz de Fora. Não só aqui, mas para a região também. Porque Juiz de Fora precisa ter muita divulgação e, infelizmente, a gente peca. E nisso aí, eu me coloco também nesse meio. A gente, às vezes, puxa só para o lado do futebol. A gente sabe que o esporte aqui não é só o futebol. O futebol é o carro chefe em todo o país. Mas, aqui, a gente tem atletas no vôlei, tem no futsal, no handball, etc.

Domingo mesmo, o Tupinambás, sendo representado por um grupo de atletas, foi campeão mineiro. A competição foi disputada lá em Ipatinga. Então, quer dizer, uma coisa que pouquíssimas pessoas, acredito, que saibam disso hoje.

Então, eu acho que precisa de um pouco mais de divulgação. Agora, tem os dois lados. Tanto a gente precisa buscar quanto também as pessoas precisam trazer a informação. Porque, às vezes, você não tem o tempo de estar apurando tudo. Porque, às vezes, também essa troca de informação é, na minha opinião, confusa.

Às vezes você não tem tempo de buscar e as pessoas não trazem para você. Mas, eu acredito que esporte está crescendo na cidade. Precisa ainda de muito incentivo, de muito apoio, mas eu acho que está no caminho certo e que a tendência é crescer cada dia mais.

3. Nós não temos em Juiz de Fora o esporte profissional, os atletas que sobrevivam somente do esporte. Nós temos o esporte amador. Como você vê essa questão? Você acha que esporte amador mereça destaque, mereça ser divulgado?

Em termo da população, eu acho que ela se interessa muito pouco. Aí eu colocaria até, novamente, os veículos de imprensa. Não adianta nada a gente querer ficar aqui defendendo o nosso lado. Mas eu acredito que, em Juiz de Fora, tenha grandes valores, como eu falei, em várias modalidades. Precisa sim, de um conagraçamento maior, de uma divulgação maior e de uma interação maior. Acredito que esse ano agora que está terminando, com a entrada do Ricardo na prefeitura, que é uma pessoa que tem uma visão muito grande, já tivemos a volta dos jogos intercolégiais e outros eventos que estavam parados foram retomados.

Então eu acho que o caminho é esse. É você ir buscar nos campos de várzeas – nós temos aí a copa rádio panorama que já está na sua terceira edição. É futebol amador mesmo.

Então, quer dizer, eu acho que isso aí é o lugar de você buscar, de resgatar esse tipo de esporte, de modalidade. Não só no futebol, mas também, nos torneios de vôlei que acontecem por aí. Muita gente, muitas quadras, muitas praças tem por aí.

Então, acho que isso tudo é muito importante. Tem sim que se buscar. Agora, depende também da divulgação. Depende do interesse das pessoas e de uma proximidade maior da comunidade. Acho que a gente tem que abrir horizontes para isso daí porque tem talentos em Juiz de Fora com certeza.

4. Você acha que a falta de grandes clubes em Juiz de Fora, como já teve nos anos 70 e 80, atrapalha a cobertura do jornalismo esportivo?

Sem dúvida nenhuma. O Tupi, esse ano, trabalhou dois meses e meio, contando com uns dias antes de treinamento – que não são suficientes. Então você coloca aí três meses. E nesses três meses nós fizemos o que nós podemos aqui na rádio Panorama. Acompanhamos as transmissões, levamos a informação. Agora, realmente, isso aí dificulta demais. Por quê? Porque se o futebol é o carro chefe e ele não está a frente da coisa, ele não está ali tendo aquele destaque que merece – em função de várias coisas que a gente vai ficar aqui o dia todo enumerando – eu acredito que isso aí prejudica demais para a gente, também, ter informação para levar ao torcedor. Porque nós somos esse elo de ligação. A gente entra lá no campo, pega a informação e, no ar, leva para o torcedor que não tem condições de estar acompanhando durante todo o dia. Com certeza, a falta de um time profissional – não diria só no futebol, porque o vôlei também a gente sabe que tem

condições. Juiz de fora já teve ótimas equipes. O Sport já foi campeão mineiro de vôlei feminino. O Bom Pastor sempre fez ótimas campanhas. Temos as equipes que disputam o JIMI.

Então eu acho que isso aí se tivesse uma interação, se tiver uma parceria, se tiver uma coisa bem forte, eu acredito que vai sim trazer novamente o esporte em destaque nas manchetes.

Agora, para ter isso aí, tem que ter um time forte, tem que ter uma equipe muito forte. E para a gente estar podendo fazer isso aí, no dia-a-dia, até porque para gente dificulta muito. Pra você ter uma idéia, a gente, às vezes, não consegue arranjar um patrocínio para uma transmissão, para um campeonato. Por quê? Porque eles não sabem até quando vai, se o time vai classificar, se vai ficar pelo meio do caminho. Então isso aí atrapalha em todos os sentidos a falta dessa grande equipe.

5. Como é a relação do esporte da Rádio Panorama – aqui representado por você – com a informação do esporte? Ela chega ou não? Os atletas procuram ou não procuram os veículos? Os repórteres buscam?

Em alguns casos é difícil ela chegar para a gente. Eu, por exemplo, no Panorama da Bola, dou muita abertura. Tem dia que a gente consegue fazer um programa quase que com apenas notícias locais. Agora, tem dia que não.

Agora, eu prefiro, que fosse um programa local. Porque informação do time do Rio, do time do Belo Horizonte, de São Paulo, você vai na internet e em qualquer site você acha. Agora, informação aqui, do nosso clube, aqui do futebol amador, por exemplo, você não tem. Se não for a Rádio para divulgar isso, é muito difícil.

Mas, eu dou uma abertura. Peço que eles me mandem programação de festivais esportivos, que tem nos finais de semana. Divulgo os resultados. Qualquer evento que tenha, independente do que seja, o ranking de rústicas, nós divulgamos todo ele, durante cada etapa, cada prova. Tudo eu faço questão de divulgar. Agora, nem sempre a gente tem o tempo necessário para buscar essa informação, ainda mais no meu caso que eu tenho que fazer o jornalismo também.

Tem os jornais à tarde, tenho que apurar a matéria. Então fica bem dividido o meu tempo. Mas, dentro do possível, a gente faz sim.

Agora, eu acho que, mais uma vez, tem falhas sim. Também da imprensa – a gente coloca todo mundo nesse barco – porque às vezes não dá o valor que merece e aí pode faltar essa informação no fato.

6. O que eu questiono muito, hoje em Juiz de Fora, em relação ao jornalismo esportivo, é que parece que existe uma priorização e um espaço maior na mídia para o esporte global – nesse caso, representado pelo futebol carioca – em detrimento do esporte local, principalmente, no impresso. Como você analisa essa questão?

Eu concordo. Com certeza. Acho que até a proximidade que a gente tem aqui com o Rio vai de fato, diretamente, ao futebol carioca. Se você pegar aqui, 90% ou mais, torcem pelos times do Rio - acho que sou uma das poucas exceções que torcem pelo Cruzeiro - . Mas isso aí, principalmente, o jornal impresso, porque é aquela facilidade. Hoje, tem muita parceria. Você com agências do Rio de Janeiro. Então você vai lá, abre, tira, a matéria que você quiser, copia, cola ali e acabou. Está feita a sua matéria. Você não precisa apurar. Ao fato de que, onde se existem várias pessoas, redações que tem um bom

número de jornalistas eu, na minha opinião, acho que teria muito tempo sim, tempo satisfatório para que se pudesse apurar coisas locais.

Isso aí, não é só agora. Quando não tem nenhuma competição? Ou porque é final de ano? Não! Porque informação ela tem em qualquer momento. Independente se ela está, se a temporada está em alta ou não. Se for época de especulação, de transferência igual a gente está agora. Mas, eu acho que isso aí, qualquer que seja o momento, tem sim informação para vice buscar. E aí, vamos cair, novamente, no que eu já havia dito. Falta, realmente, o interesse pelo o quê é nosso.